

CAROLYNE LANNA GRANZOTTO

**DINÂMICAS RELACIONAIS E FAMILIARES A PARTIR DAS PRODUÇÕES
ACADÊMICAS SOBRE O POLIAMOR**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientadora: Amélia Carla Sobrinho Bifano

**VIÇOSA - MINAS GERAIS
2024**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

G765d
2024
Granzotto, Carolyne Lanna, 1989-
Dinâmicas relacionais e familiares a partir das produções
acadêmicas sobre o poliamor / Carolyne Lanna Granzotto. –
Viçosa, MG, 2024.
1 dissertação eletrônica (148 f.): il. (algumas color.).

Inclui anexo.

Orientador: Amelia Carla Sobrinho Bifano.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa,
Departamento de Serviço Social, 2024.

Referências bibliográficas: f. 117-130.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2024.389>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Famílias. 2. Relações poliamorosas. 3. Comportamento
sexual. I. Bifano, Amelia Carla Sobrinho, 1965-
II. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Serviço
Social. Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica.
III. Título.

CDD 22. ed. 306.88

CAROLYNE LANNA GRANZOTTO

**DINÂMICAS RELACIONAIS E FAMILIARES A PARTIR DAS PRODUÇÕES
ACADÊMICAS SOBRE O POLIAMOR**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 07 de junho de 2024

Assentimento:



Documento assinado digitalmente

CAROLYNE LANNA GRANZOTTO

Data: 30/07/2024 12:28:39-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Carolyne Lanna Granzotto

Autora



Documento assinado digitalmente

AMELIA CARLA SOBRINHO BIFANO

Data: 31/07/2024 08:17:03-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Amélia Carla Sobrinho Bifano
Orientadora

Ao meu filho Éric, com todo o meu amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, inteligência suprema por mais esse passo na construção do meu pensamento e da minha vida profissional.

Ao meu filho Éric que mesmo sendo ainda tão pequeno na idade é tão imenso no afeto, por ser quem me move, me inspirando e renovando minha força para todas as lutas diárias. É por você e para você que busco o melhor de mim como pessoa, como mãe e como estudante. Obrigada por me fazer rir, enxugar as minhas lágrimas, pelos beijos e abraços apertados e pelo amor incondicional. Obrigada por tolerar os momentos em que fui ausente, não podendo brincar e dedicar atenção integral a você e deixar você “bravo com este trabalho” ao ponto de chegar a dizer que “a mamãe não brinca, só trabalha”. Você é a minha melhor parte, você é o meu grande amor, a minha pessoa favorita. O meu orgulho, o meu sonho realizado, perfeito do jeito que é.

À minha mãe Ivone por ter me dado a vida e todo o apoio, por ter pago minha inscrição, ter viajado longa distância para me dar suporte ajudando com o meu filho e casa para que eu escrevesse meu projeto para concorrer à vaga do mestrado. Por ter me dado o computador que eu necessitava para a realização de todas as atividades do mestrado. Esse mestrado só foi possível por todo o seu apoio.

À minha avó (mãe) Neyde por tanto. Pela educação, pelos valores, o amor e carinho que me deu ao longo de toda a minha vida. Por todas as experiências que me proporcionou, fazendo de mim o que eu sou hoje. Por me mostrar o valor e a necessidade do conhecimento. Por suportar essa separação que nunca havíamos experimentado antes, enfrentando a solidão e a distância já em idade avançada. Nas palavras de Toninho Horta digo que “todas as alegrias, todas as melodias, todos os sonhos belos que realizo, são você”.

À Universidade Federal de Viçosa e ao Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica pela oportunidade de realizar a pós-graduação. Aos professores(as) das disciplinas que cursei e aos colegas que trabalharam comigo.

À minha orientadora, Professora Amélia Carla, por ter escolhido meu projeto, pelo suporte e pela escuta (literalmente de uma psicóloga). Meu processo foi sofrido por todas as questões que me atravessaram e todo o seu apoio emocional e incentivo foram fundamentais. Foi uma honra ser uma das suas últimas orientadas. Você é um grande exemplo. Admiro sua trajetória como profissional, como mãe, como mulher e como pessoa. Serei eternamente grata por tudo, nossas conversas, os puxões de orelha e a confiança depositada em mim.

Aos professores Simone Murta, Bruno Cury e Leandro Fialho que confiaram em meu potencial e enviaram suas cartas de recomendação ao programa.

Às amizades e parcerias pregressas e as que aconteceram ao longo dessa caminhada, tais como Vinícius, Luana, Leydi e tantas outras que sempre estavam me ajudando e me incentivando de inúmeras formas, sendo um ombro, um apoio.

À CAPES pelo apoio e financiamento. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

E por último, mas não menos importante, agradeço a mim mesma por ter suportado tantas dificuldades, sendo uma mãe solo e estudante da pós-graduação, em uma cidade que não é minha, longe da família, sem rede de apoio e sem nenhum suporte. Por ter feito o meu melhor sempre, ter acreditado em mim e na minha capacidade de realizar este sonho, por ter saído do lugar de comodidade e infelicidade em que eu me encontrava e por não ter sucumbido diante de tanta sobrecarga, tantas dores e tanto caos.

“Do modo como a concebemos, a vida em família não é mais natural para nós do que uma gaiola é para um papagaio”.

George Bernard Shaw (1908)

RESUMO

GRANZOTTO, Carolyne Lanna, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, junho de 2024.

Dinâmicas Relacionais e Familiares a Partir das Produções Acadêmicas Sobre o Poliamor.

Orientadora: Amélia Carla Sobrinho Bifano

Esta pesquisa aborda o tema das relações consensualmente não monogâmicas dentro da modalidade do poliamor. No cenário de crescente interesse e produção científica acerca deste objeto de estudo, buscou-se neste trabalho a ampliação destes conhecimentos através da realização da análise dos conteúdos das publicações científicas internacionais sobre a temática reunidas em uma revisão sistemática de literatura. Os conceitos de famílias, relacionamentos consensualmente não monogâmicos, ideologia e epistemologia figuraram como fundamentos teóricos que embasam esta pesquisa. Dentro dos procedimentos metodológicos, para a coleta de dados, foi realizada uma revisão sistemática de literatura seguindo os vinte e sete procedimentos propostos pela lista de checagem da recomendação PRISMA, utilizando-se do suporte computacional do programa StArt. Para a análise dos dados, foram realizadas análises de conteúdo lexical e do tipo temática que seguiram os parâmetros de análise propostos pela autora Laurence Bardin. Identificou-se por meio das técnicas sistemáticas aplicadas ao corpus de análise que as principais temáticas debatidas são as dificuldades enfrentadas pelos poliamoristas. A análise temática ou categorial também foi utilizada como uma forma de identificar e destacar os eixos que compõem a comunicação, permitindo a identificação de padrões e tendências nos dados analisados. Os resultados apontam para a diversidade de perspectivas epistemológicas presentes na pesquisa sobre poliafetividade, com abordagens qualitativas explorando narrativas pessoais e construções sociais, enquanto métodos quantitativos analisam padrões e tendências. A falta de consenso sobre definições e categorizações, juntamente com preconceitos culturais e sociais, são identificados como desafios na análise epistemológica. A escassez de produções ao longo de um período de 10 anos é apontada como uma limitação, assim como a influência dos descritores e bases de dados utilizados nesta pesquisa.

Palavras-chave: Famílias poliafetivas, Poliamor, Configurações familiares.

ABSTRACT

GRANZOTTO, Carolyne Lanna, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, June, 2024.

Relational and Family Dynamics Based on Academic Productions on Polyamory. Adviser: Amélia Carla Sobrinho Bifano

This research addresses the topic of consensually non-monogamous relationships within the modality of polyamory. In the scenario of growing interest and scientific production regarding this object of study, this work sought to expand this knowledge by analyzing the contents of international scientific publications on the topic gathered in a systematic literature review. The concepts of families, consensually non-monogamous relationships, ideology and epistemology appeared as theoretical foundations that support this research. Within the methodological procedures, for data collection, a systematic literature review was carried out following the twenty-seven procedures proposed by the PRISMA recommendation checklist, using the computational support of the StArt program. To analyze the data, lexical content and thematic analyzes were carried out, following the analysis parameters proposed by author Laurence Bardin. It was identified through the systematic techniques applied to the corpus of analysis that the main themes discussed are the difficulties faced by polyamorists. Thematic or categorical analysis was also used as a way to identify and highlight the axes that make up communication, allowing the identification of patterns and trends in the analyzed data. The results point to the diversity of epistemological perspectives present in research on polyaffectivity, with qualitative approaches exploring personal narratives and social constructions, while quantitative methods analyze patterns and trends. The lack of consensus on definitions and categorizations, along with cultural and social prejudices, are identified as challenges in epistemological analysis. The scarcity of productions over a period of 10 years is highlighted as a limitation, as is the influence of the descriptors and databases used in the research.

Keywords: Poly affective families, Polyamory, Family configurations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Diagrama de funcionamento da instituição família	24
Figura 2 - Fluxograma da seleção dos artigos, período de 2012 a 2022.	61
Figura 3 - Origem geográfica das produções científicas sobre relações consensualmente não monogâmicas - período de 2012 a 2022.....	68
Figura 4 - Dendograma das classes temáticas que emergiram do corpus textual referente ao conteúdo dos artigos sobre Poliamor.....	71
Figura 5 - Nuvem de palavras que emergiu do corpus textual referente ao resumo dos artigos	85

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição dos artigos por ano de publicação período de 2012 a 2022	66
Gráfico 2 - Relação dos países onde foram realizadas as coletas dos dados.....	67

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Descritores e <i>strings</i> de busca	51
Quadro 2 - Categorização das publicações por autoria, data, técnica de coleta de dados, autores e coautores, assim como o espectro de alcance do público.	62
Quadro 3 - Conceituação do poliamor e seus subtemas	88
Quadro 4 - Categorias e quantidade de artigos que compõe cada agrupamento	102

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Matriz booleana da relação de ocorrência dos temas de dentro dos artigos.....	95
Tabela 2 - Identificação das referências dos textos e suas presenças	132

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AI – Análise institucional

CNM – *Consensual non-monogamy* (não monogamia consensual)

IST – Infecções sexualmente transmissíveis

RLis – Relações livres

ST – Segmento de texto

STs – Segmentos de textos

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	16
1.1	Apresentação	16
1.2	Construção teórica do problema	16
1.3	Justificativa.....	19
1.4	Objetivos.....	20
1.4.1	Objetivo geral	20
1.4.2	Objetivos específicos	20
1.5	Organização do trabalho	20
2	REFERENCIAL TEÓRICO	22
2.1	A família enquanto instituição e seu papel na sociedade	22
2.2	Relações familiares no modelo patriarcal e capitalista.....	25
2.3	Família e parentesco	29
2.4	Tipos de relacionamentos consensualmente não monogâmicos.....	33
2.4.1	Relação aberta ou casamento aberto.....	34
2.4.2	Swing	34
2.4.3	Relações livres.....	34
2.4.4	Poliamor (poliafetividade).....	35
2.4.5	Poligamia versus poliamor	36
2.5	Ideologia e a ideologia do conceito “família”	38
2.5.1	A ideologia – construção histórica de um conceito.....	38
2.5.2	A ideologia do conceito “família”.....	41
2.6	Epistemologia: transformações no decurso histórico.....	42
2.6.1	Distinguindo metafísica, filosofia e ciência	42
2.6.2	A epistemologia no decurso histórico.....	44
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	48
3.1	Procedimentos para coleta de dados	49
3.2	Planejamento da revisão	49
3.2.1	Execução da revisão.....	50
3.2.2	Divulgação da revisão.....	52
3.3	Procedimentos para a análise de dados.....	52
3.4	Análise temática de conteúdo	54
3.4.1	Pré-análise	56
3.4.2	Codificação	57

4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	61
4.1	Análise temática de conteúdo como indicador das ideias mais difundidas sobre o poliamor e suas diferentes manifestações	86
4.2	Temas mais debatidos e como vêm sendo tratados	89
4.3	Bases epistemológicas de fundo	101
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	117
A.	TABELAS	131

CAPÍTULO I INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação

O intuito desta pesquisa é trazer uma contribuição no campo dos estudos sobre famílias, especificamente, as famílias poliafetivas. Neste sentido, buscou-se conhecer as produções científicas acerca do tema do poliamor (poliafetividade) por meio de uma revisão sistemática de literatura e posteriormente a realização da análise dos dados obtidos acerca dessas produções por intermédio da análise de conteúdo e da análise das bases epistemológicas de fundo com a utilização do arcabouço teórico-metodológico proposto pela análise institucional (AI).

São motivações para a realização desta pesquisa as nuances profissionais e pessoais que me atravessam. A relação com esta temática e o interesse pela mesma se iniciou após a leitura de um dos livros da autora, psicanalista e sexóloga Regina Navarro Lins, denominado “A cama na varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo” lançado em 23 de maio de 2007. Nesta obra, a autora discorre sobre temáticas tais como o amor, o sexo e o casamento, dando enfoque para as relações amorosas e as concepções e dificuldades enfrentadas nas relações constituídas pelo ideário e tabu das relações pautadas no amor romântico. Em seu último capítulo do livro, denominado “O Futuro que se Anuncia”, a autora apresenta o poliamor.

Esta leitura me instigou a repensar sobre a minha própria forma de me relacionar e as minhas crenças sobre o amor e a família. Serviu como inspiração para a temática utilizada na elaboração do meu trabalho de conclusão de curso da graduação em Direito onde discorri sobre a validade jurídica dos contratos de união estável entre mais de duas pessoas. Apesar de não me identificar como uma pessoa poliamorista, considero que esta seja uma forma política relevante de questionamento da vivência da realidade à qual a maioria de nós está culturalmente inserido.

1.2 Construção teórica do problema

O termo *polyamory* (poliamor), é recente, datado do início da década de noventa, do século XX. A nomenclatura surgiu com o objetivo de se desatrelar os relacionamentos amorosos da perspectiva da monogamia e pregar o amor acima de qualquer padrão, costume ou credo. Em diversas partes do mundo as pessoas têm rejeitado o modelo monogâmico como a única forma de vivência da afetividade/sexualidade, encontrando satisfação e realização pessoal em outras configurações de relacionamento e em outras formas de constituir família. O termo apareceu pela primeira vez nos Estados

Unidos da América em um glossário sobre termos relacionais de uma igreja neo-pagã (Igreja de Todos os Mundos). A princípio o termo foi pouco veiculado e ficou restrito a apenas um grupo de pessoas sendo posteriormente, no ano de 1992, utilizado e veiculado na internet em discussões que buscavam solucionar, de forma pragmática, problemas advindos das relações amorosas. A ideia era fazer referência, de maneira sinônima, à não monogamia. Posteriormente, o termo se propagou para o restante do mundo via internet sendo traduzido para o português como poliamor. No Brasil, as discussões sobre o poliamor foram ampliadas no ano de 2000 com a criação de blogs sobre o assunto. Perez e Palma (2018) destacam a existência de diferenças no conceito do poliamor no Brasil e nos Estados Unidos e Europa (Perez & Palma, 2018, Pilão, 2015; Cardoso, 2010).

São denominados poliamor, os relacionamentos consensualmente não monogâmicos, os duradouros, estabelecidos entre três ou mais pessoas com gêneros e preferências sexuais diversas em que todos os envolvidos têm ciência e dão consentimento a esta modalidade de relacionamento e se propõem a constituir uma família, compartilhando o mesmo teto e, quando existentes, criando os filhos de forma coletiva (Cardoso, 2010; Goldenberg, 2012, Pilão, 2019).

Segundo Pilão (2015), no poliamor, a existência de uma relação não constitui impedimento para a existência de outros relacionamentos fazendo com que essa forma de vinculação seja mais livre do que a estabelecida na monogamia. A legitimação de uma única relação, como ocorre na monogamia, constituiria, portanto, em um modelo de relação enrijecido, repressor e concorrente que aprisiona, sendo, o poliamor, uma possibilidade de se relacionar que libertaria as relações do modelo monogâmico. O poliamor é também uma forma particular de organização familiar não hegemônica que busca superar a forma herdada do processo colonial de ocidentalização do mundo (Durham, 1982) e do modelo ideológico da família nuclear, monogâmica e heterossexual, composta por um pai, uma mãe e os filhos (Hardy; Easton, 2020).

Especificamente, este estudo se concentra em como as relações poliafetivas vem sendo tratadas dentro do campo científico, na contemporaneidade, e quais as vertentes epistemológicas são utilizadas.

A família enquanto uma instituição¹ ancestral, universal, de formação multifacetada e culturalmente determinada presente em diferentes formações econômicas e sociais (Engels,

¹ Segundo Lourau (1975) as instituições são formas de organização (propagam normas e valores) que viabilizam a existência da sociedade, neste sentido, considera-se a família como uma instituição pois estas propiciam a socialização e, por conseguinte, são capazes de propagar as normas sociais, padrões culturais que são internalizados e reproduzidos dentro das relações sociais (LASCH, 1991 *apud* RAMOS e NASCIMENTO 2008, p.467)

2002), é resistente e adaptativa, estando em um incessante processo dialético entre o que está posto (momento instituído), as particularidades que propõem uma mudança (momento instituinte) e o resultado da relação dialética entre os momentos anteriores (singularidade) (Lourau 1975) fazendo com que ela própria se transforme frente às mudanças sociais e às suas próprias, se mantendo ao longo do tempo (Leandro, 1989), ou seja, demonstrando também a relação simbiótica que existe entre instituído e instituinte e que resulta nos processos de institucionalização (Lourau,1975).

Mesmo com as mudanças ocorridas nos últimos séculos, sobretudo em função do processo abrupto de urbanização e concentração populacional em cidades como forma de organização espacial das sociedades capitalistas, a família não perdeu sua centralidade, muito pelo contrário. Apesar de ter atravessado períodos históricos de densas mudanças nos cenários políticos, econômicos e sociais, ela se metamorfoseia no tempo e no espaço como expressão maior de uma mudança cultural, demonstrando a flexibilidade imprescindível à persistência das instituições (Leandro, 1989).

Neste contexto, em vez de olhar para a família com certo pessimismo e em termos de crise, Leandro (1989) diz que é mais interessante questionar como a família vive e age diante dessas mudanças vultuosas, ocorridas nas sociedades ocidentais, tais como as econômicas, as sociais e as culturais. Dentre essas, destacam-se as ocorridas nos últimos séculos, principalmente as das últimas décadas do século XX, pois estas são ainda próximas, como a revolução sexual de 1960 e 1970 com o movimento hippie, a pílula anticoncepcional, as drogas, a contracultura, o movimento feminista e o movimento gay, a abertura da discussão sobre o aborto na Europa e a legalização do divórcio em alguns países, as mudanças climáticas, os avanços tecnológicos, a utilização da internet e das redes sociais, as mudanças nos hábitos de consumo e o fenômeno da globalização. De acordo com Petrini (2004), essas mudanças provocaram alterações nas relações sociais e pessoais ensejando em mudanças expressivas nas formas de constituição da vida familiar. Pode-se destacar como uma dessas mudanças, a adoção da não monogamia consensual (poliafetividade) como forma de constituir família. O poliamor (poliafetividade) apresenta-se como uma possibilidade de organização tanto social quanto cultural dentre as outras diversas possibilidades de configuração familiar (Silva, Fornasier, 2022).

O conceito de família adotado nesse estudo, a reconhece enquanto um sistema dinâmico e complexo, influenciado por crenças, valores e práticas em constante evolução em resposta às transformações sociais. Ele se adapta às demandas históricas e sociais e é moldado pela moralidade cultural. Essa perspectiva abraça uma diversidade de arranjos familiares,

desvinculando-se dos laços consanguíneos e priorizando conexões baseadas em obrigações e necessidades. Além disso, incorpora elementos simbólicos para estruturar os sistemas familiares e sociais. Portanto, não existe um único modelo ou conceito de família, mas sim uma variedade de formas e interpretações moldadas pelos indivíduos dentro de seus contextos específicos, refletindo as interações e influências sociais, culturais e históricas em constante mutação (Minuchin, 1985, 1988; Simionato & Oliveira, 2003; Bock, 2004; Faco e Melchiori, 2009; Sarti, 2014).

1.3 Justificativa

Pretende-se, com este trabalho, trazer uma contribuição para a reflexão acerca das organizações familiares poliamorosas visto que se trata de uma temática nova dentro do âmbito acadêmico. Em se tratando de avanços, esta pesquisa traz um avanço ao discutir sobre uma temática ainda não proposta em nenhuma tese ou dissertação dentro do programa de pós-graduação do Departamento de Economia Doméstica.

Segundo levantamento realizado por Desidério e Santos (2021), no Brasil, entre o período de 2012 a 2019 foram produzidos dezenove trabalhos científicos (doze dissertações e sete teses) acerca do poliamor, o que demonstra um aumento do interesse sobre a discussão desta temática. O autor identificou os trabalhos, seus temas e discussões e os agrupou dentro das áreas do conhecimento em que foram realizadas essas produções, constatando também a pluralidade das abordagens. Entretanto, a referida pesquisa se restringe às produções em âmbito nacional, concentrando-se nas teses e dissertações, ou seja, a parte da difusão, que se dá a partir das publicações em periódicos, não foi contemplada.

No caso do presente estudo, busca-se ampliar o espectro em que estão inseridas as produções sobre o poliamor trazendo para análise as produções internacionais, as produções científicas em formato de dissertações e teses, bem como as publicações de artigos científicos. Neste intuito, foi realizada uma análise do conteúdo presente nas publicações referente às bases epistemológicas utilizadas pelos autores, identificando as principais referências, bem como os campos científicos que as embasam.

Em uma busca realizada no repositório de teses e dissertações da Universidade Federal de Viçosa, denominado “Locus”, foram encontrados dezesseis arquivos sobre a temática da monogamia, entretanto, não foram encontrados trabalhos que envolvessem a temática do poliamor, ou dos relacionamentos consensualmente não monogâmicos.

Isto posto, considera-se que esta pesquisa seja relevante, tanto por ser uma temática ainda não explorada no Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica e também dos demais programas de pós-graduação de forma geral, quanto pela sua contribuição científica na categorização e análise das produções acadêmicas sobre o tema.

Neste sentido, foram delineadas as seguintes questões de pesquisa, as quais nortearam a análise e interpretação dos dados coletados: Como as ideias relacionadas à poliafetividade têm sido desenvolvidas e difundidas academicamente? De que forma as produções acadêmicas refletem a diversidade de arranjos familiares e as influências sociais, culturais e históricas em constante mutação? Quais são as bases epistemológicas presentes nas publicações sobre famílias poliafetivas e como influenciam a compreensão desse fenômeno?

1.4 Objetivos

1.4.1 Objetivo geral

Estudar as produções acadêmicas dos últimos 10 (dez) anos relativas à temática do poliamor, no que diz respeito às temáticas privilegiadas, aos conteúdos e às bases epistemológicas.

1.4.2 Objetivos específicos

- Conhecer as produções acadêmicas existentes sobre o poliamor;
- Identificar as temáticas que vêm sendo frequentemente discutidas academicamente no entorno do tema poliafetividade;
- Analisar as ideias mais difundidas com relação à poliafetividade e como vêm sendo desenvolvidas;
- Analisar as questões epistemológicas de fundo presentes nas publicações encontradas sobre poliafetividade

1.5 Organização do trabalho

Esta dissertação foi estruturada em capítulos. Deste modo, o primeiro capítulo é destinado a esta introdução, o segundo capítulo trata das bases teóricas utilizadas nesta pesquisa, o terceiro capítulo traz em seu conteúdo os procedimentos metodológicos. O quarto capítulo apresenta em seu bojo a discussão e os resultados, sendo subdividido em tópicos nos quais, cada um busca

responder aos quatro objetivos específicos elencados acima. Por fim, o quinto capítulo, que encerra o presente estudo apresentando as considerações finais.

CAPÍTULO II

REFERENCIAL TEÓRICO

Elencou-se, para darem suporte teórico às discussões, os conteúdos a seguir: instituição e suas bases teóricas, as raízes sócio-históricas e a institucionalização do modelo de família nuclear, o conceito de ideologia e a ideologia da família, as modalidades de relacionamentos não monogâmicos e, por fim, a epistemologia, o conceito de família e a ideologia.

2.1 A família enquanto instituição e seu papel na sociedade

Instituição é uma categoria de análise utilizada, pela sociologia, filosofia, ciência política, antropologia e psicologia, com sentidos e aportes teóricos diversificados (Pereira, 2007). De acordo com Baremlitt, as instituições são “árvores de composições lógicas”, aparelhamentos valorativos, estruturantes da vida (atividade) humana que variam de acordo com a forma com que formalizam essas regulações (Baremlitt, 1996, p. 156). Para este estudo, optou-se pela abordagem desenvolvida pela psicologia social e institucional, denominada análise institucional, que teve sua origem na França, a partir do movimento institucionalista, na década de 60 do século XX (Martins, 2017).

A análise institucional e a socioanálise são disciplinas/movimentos/correntes de tradição dialética, originadas das obras de René Lourau e Georges Lapassade (L'abbate, 2012). Dentro da perspectiva epistemológica do institucionalismo, sujeito e objeto fazem parte da construção do conhecimento. Segundo Baremlitt

o Movimento Institucionalista é um conjunto heterogêneo, heterológico e polimorfo de orientações, entre as quais é possível encontrar pelo menos uma característica comum: sua aspiração a deflagrar, apoiar e aperfeiçoar os processos autoanalíticos e autogestivos dos coletivos sociais (Baremlitt, 2002, p. 11).

Pereira (2007) corrobora com essa compreensão ao afirmar que

as instituições são instâncias de saber que permitem a todo tempo recompor as relações sociais, organizar espaços e recortar limites. A despeito de sua forma virtual, imaginária e simbólica, não estão desvinculadas da prática social. Cada sociedade, segundo o modelo infraestrutural a que obedece, cria um tipo de instituição, que será mantida e sustentada em todos os níveis, do Estado à família, Igreja, escola, relações de trabalho, sistema jurídico, etc. (Pereira, 2007, p. 11).

Como se vislumbra, as instituições podem ser compreendidas como formas organizacionais da vida humana, sendo estas dinâmicas. Mesmo que muitas vezes estas instituições sejam impalpáveis ou invisíveis, estas se encontram presentes e regulam todos os âmbitos da vida.

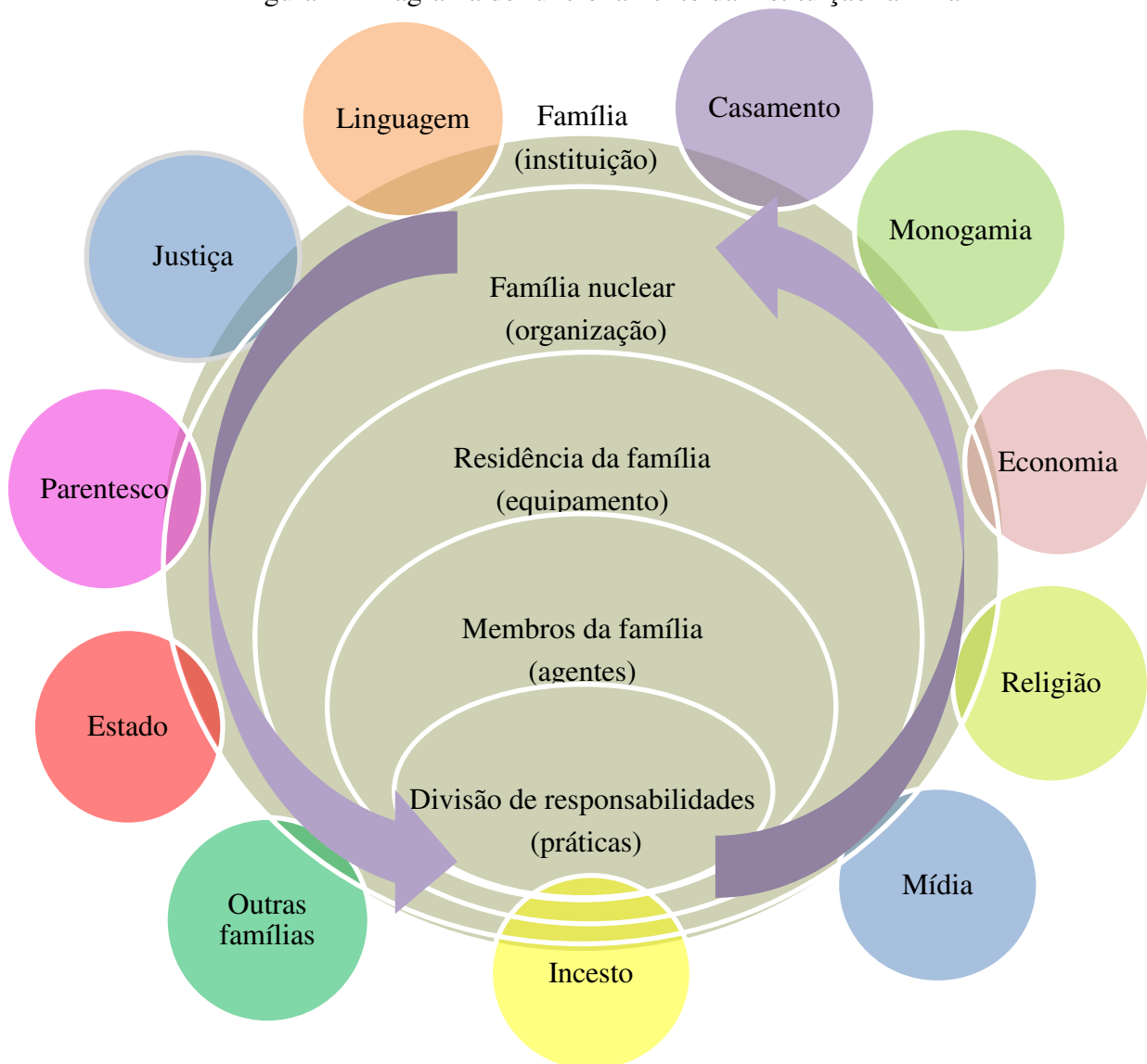
Um amplo e diversificado espectro de instituições, que inclui religião, educação, justiça, família e trabalho, desempenha um papel essencial na valoração e organização de diversas esferas da vida humana. Elas orientam e predizem comportamentos, como os relacionados às normas familiares, tais como a monogamia, o casamento, o parentesco e o incesto. Embora as instituições sejam conceitos que estão codificadas por escrito ou são transmitidas pela tradição, sua manifestação ocorre por meio de organizações, que são conjuntos tangíveis que concretizam as diretrizes e princípios estabelecidos pelas instituições (Baremlitt, 1996, p. 21).

São os agentes (seres humanos), por meio de ações (práticas) que modificam, dão dinamicidade a esse conjunto (instituição, organização, estabelecimento, equipamento). Para efetivamente orientar a vida humana, é imperativo que as instituições sejam revestidas de concretude, e, para que essa concretude (materialidade) ocorra, é necessário que estas se apresentem como “dispositivos concretos” (Baremlitt, 1996, p.20). Assim sendo, as organizações constituem conjuntos abrangentes ou reduzidos de formas materiais que concretizam as escolhas distribuídas e expressas pelas instituições. Em resumo, as instituições não ganhariam vida nem realidade social sem a manifestação por meio das organizações. Contudo, as organizações perderiam significado, propósito e direção se não fossem estruturadas a partir da instituição.

As organizações, por sua vez, são compostas por unidades menores e muito diversificadas denominadas estabelecimentos. Os estabelecimentos, de maneira geral, abrangem dispositivos técnicos, os equipamentos, que podem ter uma existência material que se alinham com a estrutura física do próprio estabelecimento, como as máquinas específicas de uma unidade, ou podem ter uma presença mais ampla, configurando-se como um extenso sistema que abrangeria um conjunto de equipamentos. O dinamismo de todo esse processo, é claro, só se manifesta por meio das pessoas. Nada nesse conjunto se move, nada pode operar a não ser através da intervenção das pessoas. Estes são indivíduos, sujeitos e protagonistas de toda essa complexidade. São eles os responsáveis por executar práticas significativas que tanto modificam quanto perpetuam as instituições.

As práticas “podem ser verbais, não- verbais, discursivas ou não, práticas teóricas, práticas técnicas, práticas cotidianas ou inespecíficas. Mas é a partir das ações que toda essa parafernália acaba por operar transformações na realidade” (Baremlitt, 1996, p. 28), ou seja, as práticas não possuem forma pré-estabelecida, mas estão presentes em diversas formas de agir e, são nas ações dos indivíduos, que as instituições se concretizam e se mantêm. A figura 01 abaixo, apresenta uma ilustração de como seria o funcionamento de uma instituição.

Figura 1 - Diagrama de funcionamento da instituição família



Fonte: Elaborado pela autora (2024), com base em Bastos e Bifano (2016).

A família enquanto instituição está representada pelo maior círculo de cor cinza. Circundantes a este, tem-se os círculos coloridos que representam a interpenetração e articulação de outras instituições em um rol exemplificativo e não exaustivo, no processo organizacional e regulatório da vida humana. Dentro deste círculo principal também estão circunscritos outros círculos que representam a composição e o funcionamento como as organizações estão inseridas dentro das instituições, materializando-as, como é o caso da família nuclear, além do equipamento, representado pela residência da família, os agentes (membros da família) e de suas práticas. As práticas são diversas, elas englobam as ações, comportamentos e interações diárias que ocorrem no seio de uma família. Essas práticas são influenciadas por uma combinação de fatores culturais, sociais, econômicos e individuais, no diagrama estas práticas foram exemplificadas pela divisão de tarefas. Já as setas representam o

papel das instituições na modelagem das experiências e interações dos indivíduos, à medida em que estes se constituem e são moldados pelas instituições, ao mesmo tempo em que estas mesmas experiências e interações (práticas) dão dinamicidade alterando e perpetuando as instituições (Carloni 2015, p. 3).

Compreende-se que a família é uma instituição pois ela se configura como uma organização lógica que estrutura e organiza a vida de seus membros. Mas a família, como instituição é um conceito, uma ideia. Essa ideia vai se institucionalizando à medida que as famílias vão sendo constituídas. Como afirma Morgan, “a família é um princípio ativo, nunca permanece estacionária” (Morgan, *apud* Engels, 2002). Não é possível determinar o nascimento da instituição família, entretanto, abordar-se-á de forma sucinta alguns dos episódios históricos mais relevantes que marcaram as mutações sofridas por esta instituição.

A retrospectiva histórica de períodos mais longínquos da história da humanidade, realizada a seguir, tem como finalidade demonstrar como as construções de afeto, sexualidade, organização social e material foram fatores de influência na constituição das alianças entre grupos distintos (casamentos) e no surgimento das famílias nucleadas por esses casais. Inevitavelmente e necessariamente, demonstrar-se-á dentro dessa cronologia as relações intrincadas entre afetividade/sexualidade, monogamia, propriedade privada, controle da fecundidade da mulher, divisão sexual do trabalho e eventos sócio-históricos como marcos.

2.2 Relações familiares no modelo patriarcal e capitalista

O patriarcado se estabeleceu paulatinamente durante 2.500 anos. De acordo com a autora francesa Elisabeth Badinter (1986), feminista, filósofa e historiadora, reconhecida por seus tratados filosóficos sobre o feminismo e papel da mulher na sociedade, o início da lógica patriarcal ocorreu no ocidente e fixou suas raízes dentro da democracia ateniense onde a mulher foi desconsiderada enquanto indivíduo e cidadã, desprovida de direitos civis e políticos, assim como os escravos e estrangeiros. A mudança dessa lógica patriarcal só começou a acontecer muitos séculos depois, alicerçada nas pretensões de igualdade propostas no período da Revolução Francesa que propunha uma democracia aplicável a todos, ou seja, este período histórico foi o berço das ideias de emancipação política da mulher. Ressalta-se a relevância dessa mudança de paradigma democrático pois compreende-se que a participação das mulheres na política se constitui como uma das principais formas de combate ao patriarcado, que teve como princípios basilares o controle da fecundidade da mulher por intermédio da monogamia e da divisão de tarefas de acordo com

o sexo. A repressão da sexualidade da mulher foi instrumento para a submissão da mesma e ferramenta para limitá-la a trabalhos específicos.

Séculos após o período homérico, afastados os ataques persas, a cidade de Atenas se tornou uma potência e com o desenvolvimento econômico grego, surgiram as cidades-Estados, fazendo com que os gregos deixassem de ter uma economia tribal e agrária (doméstica e semiprimitiva), onde a mulher tinha papel ativo na realização de tarefas, bem como a união familiar era fundamental à sobrevivência, para se transformar em uma economia urbana, que, conseqüentemente, resultou no imperialismo (Hunt, 1963).

Com o fim da cooperatividade dentro do ambiente familiar que tinha por objetivo a satisfação das necessidades mais básicas do indivíduo, o lar não se constituía mais como eixo central da vivência do homem se tornando uma obrigação social onerosa (Lins, 2012a). Por fim, com o afastamento do homem do ambiente doméstico e a utilização da mão de obra escrava, o papel da mulher era então inútil e a sua existência se tornou um fardo. Em razão da acumulação de riquezas, do ócio e da utilização de mão de obra escrava, as próprias mulheres foram escravizadas (Hunt, 1963).

O casamento, neste período, tinha como finalidade gerar filhos e a dedicação da mulher ao lar, já que os maridos passavam todo o dia fora de casa. Dentro da sociedade ateniense as mulheres desempenhavam alguns papéis. A hetairas² eram destinadas ao prazer, as concubinas aos cuidados diários e as esposas desempenhavam o papel de procriadoras cabendo a estas gerarem herdeiros legítimos além de cuidarem do lar. O papel de poder exercido pelos homens sobre as mulheres era simbolizado pela fixação dos atenienses na utilização do pênis simbolizando esta supremacia masculina (Eisler, 1995).

O casamento para o homem se constituía apenas de obrigação para com o Estado e a religião, sendo, inclusive, considerado desagradável e dispendioso, por isso, os homens da época adiavam o quanto podiam o casamento.

Os gregos proclamavam abertamente que os únicos objetivos da monogamia eram o domínio do homem na família e a procriação de filhos que só pudessem ser seus e que estavam destinados a herdar suas riquezas. De resto, o casamento era para eles um peso, um dever para com os deuses, para com o Estado e para com seus antepassados, dever que estavam obrigados a cumprir (Engels, 2002, p. 89).

Nasce aí o dote como espécie de indenização, em virtude dos gastos que o homem teria por sustentar sua esposa. O matrimônio não era nada além do que um acordo sobre propriedades. Neste

² As heteras ou hetairas, na sociedade da Grécia Antiga, eram cortesãs e prostitutas sofisticadas, que além de suas prestações sexuais ofereciam companhia e com as quais os clientes frequentemente tinham relacionamentos prolongados. De boa educação, as heteras destoavam das mulheres da época por não se enquadrarem no conceito de arte própria dessas, ligado à formosura, não apenas enquanto objeto erótico, mas na qualidade de modéstia, moral rígida e governo do lar (Dicionário Português, 2023).

contexto, a cerimônia do casamento era apenas o ritual de transferência da posse do pai sobre a filha para a posse do marido sobre a esposa (Vrissimtzis, 2002).

Hunt (1963) correlacionou a exclusão da mulher e a misoginia intelectual com o nascimento de uma sociedade rica que retirava funções da mulher induzido esta a uma certa inutilidade.

De acordo com Friedrich Engels:

[...] A monogamia não aparece na história, portanto, absolutamente, como uma reconciliação entre o homem e a mulher e, menos ainda, como a forma mais elevada de matrimônio. Pelo contrário, ela surge sob a forma de escravização de um sexo pelo outro, como proclamação de um conflito entre os sexos, ignorado, até então, na pré-história. Num velho manuscrito inédito, redigido em 1846 por Marx e por mim, encontro a seguinte frase: 'A primeira divisão do trabalho é a que se fez entre o homem e a mulher para a procriação dos filhos'. Hoje posso acrescentar: o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher, na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino. A monogamia foi um grande progresso histórico, mas, ao mesmo tempo, iniciou, juntamente com a escravidão e as riquezas privadas, aquele período, que dura até nossos dias, no qual cada progresso é simultaneamente um retrocesso relativo, e o bem-estar e o desenvolvimento de uns se verificam às custas da dor e da repressão de outros (Engels, 2002, p. 70-71).

A fundamentação histórica da configuração familiar evidencia uma discussão basilar: a relação entre a família e a sociedade. Engels, baseado nos trabalhos de Morgan sobre o parentesco dentro das tribos americanas, formulou uma abordagem materialista dialética sobre a origem e as funções da família monogâmica, na organização social e econômica capitalista (REIS, 1994).

A família monogâmica surge como expressão social imbuída da manutenção da propriedade privada por intermédio da transmissão da propriedade do pai para o filho, daí a necessidade da exclusividade sexual para as mulheres e a valorização da virgindade e da fidelidade.

Poucas particularidades da vida sexual dos povos primitivos são tão estranhas a nossos próprios sentimentos quanto a valorização da virgindade, o estado de intocabilidade da mulher [...]. A exigência de que a moça leve para o casamento com determinado homem qualquer lembrança de relações sexuais com o outro nada mais é, realmente que a continuação lógica do direito de posse exclusiva da mulher, que constitui a essência da monogamia, a extensão desse monopólio para incluir o passado (Freud, 1995, p. 179).

Em um salto na narrativa sócio-histórica aqui exposta, destaca-se que poucos eventos mudaram tanto o curso da história da humanidade como o surgimento do cristianismo e da moral cristã. Para o cristianismo, o casamento ideal era aquele em que não havia relação sexual. O antissexualismo se torna um refrão obsessivo no decorrer dos tempos. A moral cristã foi capaz de realizar grandes e diversas alterações dentro dos costumes tendo impacto em vários aspectos do cotidiano familiar, entretanto, as mesmas tiveram maior força no que se referia às práticas sexuais. Foi por meio da condenação do sexo e do prazer que o ser humano tentou negar sua natureza de múltiplos relacionamentos para vivenciar a cultura monogâmica, buscando a salvação prometida pela recém-criada Igreja Católica. Outro comportamento sexual condenado pela Igreja na Idade Média

foi a homossexualidade, sendo este um comportamento valorizado pelos gregos, tolerado pelos romanos e duramente condenado pelo cristianismo (Lins, 2012a).

O cristianismo trouxe consigo a repressão sexual no ocidente. O casamento era um mal necessário afim de evitar a promiscuidade. Na Idade Média, qualquer prazer sexual era vivido como uma grande ameaça. Neste período da história, houve uma forte desvinculação entre o afeto e a sexualidade (Lins, 2012a).

Com a ascensão da Igreja Católica, surgiu também o interesse em controlar o matrimônio, pois muitos herdeiros impossibilitavam que a igreja recebesse os bens do rei (Pereira, 2014). Em 1076, o Concílio de Westminster decretou que nenhum homem deveria entregar a sua filha a alguém sem a bênção de um sacerdote. A grande inovação trazida pelo cristianismo na Idade Média foi a realização do casamento na Igreja. Apesar desta obrigatoriedade, a maioria das pessoas, como por exemplo, camponeses e até mesmo a nobreza, não realizavam seus casamentos na Igreja. Foi somente a partir do século XV, após transformar o casamento em sacramento, foi que a Igreja conseguiu o domínio sobre o casamento impondo seu modelo de casamento indissolúvel e monogamia. Dessa forma, ela conseguiu exercer um controle mais efetivo sobre a vida cotidiana dos fiéis (Lins, 2012a).

Foi a Igreja a grande responsável pela consagração da monogamia. Na busca pela “salvação” dos pecados do sexo, no intuito de reprimir a promiscuidade, o casamento passou a ser controlado pela igreja.

Quando sem herdeiros, e impossibilitado de se casar novamente, o rei não teria a quem (herdeiros) deixar suas terras e riquezas, o que favorecia a Igreja, pois ela ficaria com todos os patrimônios do rei. A Igreja conseguiu substancialmente vasto poderio, graças à institucionalização do casamento monogâmico, e a proibição de divórcio, não é à toa que a Igreja se tornou a maior latifundiária da Idade Média (PEREIRA, 2014).

A Igreja disseminou o raciocínio de que fora de um relacionamento monogâmico não existe nada além da promiscuidade, desta forma, no entendimento da Igreja a poliafetividade é considerada apenas uma conduta libidínica e sem afeto (Pereira, 2014).

Assim como todas as relações humanas, tanto o afeto quanto a sexualidade e consequentemente a família, sofreram alterações em suas práticas e formatos ao longo dos séculos, entretanto, cabe ressaltar, que ao longo da história do patriarcado, percebe-se que a monogamia foi instituída como única forma de relacionamento, assim como o casamento foi concebido como a única forma de se constituir família, entretanto, os homens sempre vivenciaram relacionamentos extraconjugais (poliafetivos).

Esses relacionamentos eram tolerados e valorizados o que reforça a ideia de que a monogamia se configura como uma ideologia da família que tem como intuito a dominação da mulher mediante o controle de sua sexualidade (Lins, 2012b).

Neste sentido, a pílula anticoncepcional desempenhou um papel importante no processo de resistência aos imperativos do patriarcado. Ela permitiu além do controle de natalidade e planejamento familiar, uma liberdade sexual para as mulheres. A pílula foi a grande responsável por uma mudança no comportamento sexual e afetivo das pessoas. Em decorrência dessa liberação sexual desejada e vivenciada, ganharam força também o movimento feminista e o movimento gay³, abriu-se a discussão sobre o aborto na Europa e houve a legalização do divórcio em alguns países. A cultura ocidental foi profundamente modificada redefinindo os contornos sociais por intermédio da contracultura, movimento jovem que questionou os costumes e modelos sociais (Lins, 2012b). Todos esses eventos são marcos das transformações sofridas pela instituição família.

2.3 Família e parentesco

Família é um termo ocidental, este termo surgiu dentro de um contexto em que se pretendia descrever a autoridade sobre servos e escravos. Derivada do latim "*familia*". Originalmente, significava "os servos de uma casa", incluindo todos os membros do lar, tanto parentes quanto servos. O termo "*familia*" é um substantivo abstrato formado a partir de "*famulus*", que significa "servo" ou "escravo". A origem exata de "*famulus*" é desconhecida. No latim, "*familia*" podia referir-se a todos os membros de uma casa, não apenas ao núcleo familiar de pais e filhos, ao contrário de "*domus*", que se referia especificamente ao lar familiar. Vários termos relacionados a "*famulus*" foram desenvolvidos, como "*famula*" (mulher servente), "*famulanter*" (à maneira de um servo), "*famulitas*" (servidão), "*familiaris*" (da própria casa, privado), "*familiaricus*" (de escravos domésticos) e "*familiaritas*" (amizade íntima). Já no conceito de "pater familias" romano, documentado em textos do século III a.C., a "*familia*" se estende além dos escravos para incluir a esposa, os filhos e outros membros da casa. Este termo abrangia tanto livres quanto escravos, englobando todos os membros da casa sob a autoridade do pater familias. A "*res familiaris*" representava o patrimônio do clã. O "pater familias" detinha o poder absoluto sobre sua família, conhecido como "*patria potestas*". Este poder incluía o direito de vida e morte sobre os filhos, controle total sobre o casamento e a

³ Apesar de a expressão mais correta para se referir aos movimentos ocorridos nos anos 80 e 90 ser "movimento gay" é importante frisar que, embora o termo "gay" fosse predominante, o movimento já incluía outras identidades que hoje fazem parte da sigla LGBTQIA+

venda de membros da família como escravos. Além disso, o conceito de família no contexto romano era profundamente interligado à religião doméstica, com o “*pater familias*” atuando como sacerdote dos lares, ou deuses domésticos, reforçando a coesão e a identidade familiar. A transição de “*familia*” de substantivo para adjetivo como “*familiaris*” no latim também reflete a complexidade das relações sociais. “*Familiaris*” passou a descrever algo ou alguém intimamente associado ao lar, indicando uma conexão pessoal e afetiva. Registros jurídicos da época reforçam o conceito de família como pessoas que vivem sob o mesmo teto, compartilhando bens e responsabilidades. A palavra latina “*familia*” foi traduzida no inglês antigo por termos como “*hired*” ou “*hyred*” (casa, família, comitiva). Outros termos usados eram “*hiwscipe*”, “*hiwræden*”, “*hiwan*” (membros de uma família, casa ou casa religiosa), cognatos com o nórdico antigo “*hjon*” (um dos da casa; casal casado, marido e mulher; servo doméstico) e com o alto alemão antigo “*hiwo*” (marido), “*hiwa*” (esposa). No inglês medieval, “*familia*” era traduzida como “*menge*”, do anglo-francês “*maisnie*” (a casa, toda a assistência ao estabelecimento pessoal do senhor feudal). No século 16, “família” começou a adquirir o sentido de “corpo coletivo de pessoas que formam uma casa sob uma cabeça e um governo doméstico, incluindo pais, filhos e servos, e às vezes até mesmo hóspedes ou pensionistas”. Em meados do século 17, o termo expandiu-se para incluir “pais com seus filhos, quer vivam juntos ou não” e, de maneira mais ampla, “pessoas intimamente relacionadas pelo sangue, incluindo tias, tios, primos”. No século 18, também passou a ser usado em um contexto científico para designar um grupo de coisas classificadas como parentes com base em características distintivas comuns, situando-se entre gênero e ordem na classificação biológica (Gardner, 1998; Harper, 2024).

Para compreender o significado da família é preciso também compreender a distinção existente entre a família e o parentesco. A antropologia, assim como a sociologia e a psicologia, é um ramo científico que contribui para a construção dessa diferenciação e, por conseguinte, também responsável pelo pensamento que retira a família nuclear burguesa, do caráter naturalizado e universal que lhe são atribuídos. Os laços de parentesco são as formas organizacionais mais relevantes dentro das sociedades tribais, porém, eles não se confundem com a família. Tanto o parentesco como a família organizam eventos básicos da vida humana, são eles: o nascimento, o acasalamento e a morte. A distinção está no fato de que há concretude no grupo social da família e abstração e estruturação formal dentro do parentesco (Sarti, 1992).

Lévi-Strauss, a partir de um viés estruturalista, compreende a existência da família como uma organização social dos grupos, um fato cultural que está relacionado à troca de mulheres entre grupos distintos por meio das alianças e das afinidades (casamento). Dentro desta perspectiva, o

grupo que se constitui naturalmente é o da mãe e seus filhos pois a paternidade é uma figura social construída pelo casamento. Deste modo, o casamento tem como finalidade a legitimação dos filhos (prole) e não a legitimação das relações sexuais entre homem e mulher destruindo a naturalidade biológica da relação entre mãe e filhos e estabelecendo a mediação pelo pai. Neste mesmo sentido, o tabu do incesto também serve para a desconstrução da naturalidade nas relações sexuais. É o casamento que normatiza e dá legitimidade aos filhos e o tabu do incesto, organiza, ou seja, prediz, institucionaliza, o que deve ser, com quem se pode ou não casar (Sarti, 1992).

Ao abordar o tema do casamento, é fundamental considerar a questão da proibição das práticas sexuais. Existem normas culturais e sociais que definem quais mulheres são proibidas para determinados homens, baseadas em laços de parentesco e regras de exogamia. Essa regulação inicial obriga os indivíduos a buscar parceiras fora de seu próprio grupo, o que inevitavelmente conduz a interações de cooperação e, ocasionalmente, a conflitos com outros grupos. A regulação do sexo em várias culturas contrasta com a dicotomia ocidental entre natureza e cultura, é o sexo que faz a regulação da fronteira entre sexualidade biológica e cultura. Apenas o *Homo sapiens sapiens* impõe essas restrições sexuais, que transcendem as necessidades biológicas e entram no domínio das normas culturais. A família conjugal não é meramente um produto de unidades biológicas ou de relações consanguíneas e sua reprodução. Pelo contrário, é o resultado de alianças estratégicas entre diferentes grupos. Essas alianças, frequentemente formalizadas através do casamento, desempenhavam um papel crucial na manutenção da paz e na prevenção de conflitos entre tribos. De acordo com Sarti (1992), o casamento servia como um mecanismo essencial para evitar confrontos tribais. Por meio do matrimônio, estabeleciam-se redes de aliança e cooperação entre grupos distintos, promovendo a coesão social e a integração cultural. Assim, o casamento e a regulação das relações sexuais são vistos não apenas como práticas pessoais ou familiares, mas como componentes centrais da estrutura social e cultural de uma comunidade. Essas práticas moldam e são moldadas por complexas interações entre diferentes grupos, destacando a interdependência entre normas culturais e organização social. A família conjugal é então um resultado da aliança que é constituída por grupos e não fruto de uma unidade biológica, consanguínea e de sua reprodução (Sarti, 1992).

Mesmo que vista como ahistórica e natural, a família é uma instituição, uma organização (jurídica ou material) visível, criada por grupos de indivíduos, que estrutura a sociedade, regulando as relações entre os próprios indivíduos. A mediação entre indivíduos e instituições acontece nos grupos que se constituem dentro das instituições. O que difere a família de outros

grupos é que a família se configura como o *locus* da estruturação da vida psíquica (Lourau, 1975; Reis, 1994, Carloni, 2015)

Apreende-se que a família é uma instituição e, como toda instituição, ela se constitui como uma formação social e histórica que estrutura as relações e experiências dos sujeitos na medida em que os constituem e também é constituída pelos próprios sujeitos em um processo dinâmico e contínuo. As mudanças sofridas pela instituição família, sejam elas simples ou complexas, são capazes de alterar intensamente aspectos psíquicos dos sujeitos (Lapassade, 1977; Carloni, 2015).

Segundo Sarti (1992), o instrumental da Antropologia contribuiu para desmistificar a família conjugal (família que se estabelece por intermédio das relações afetivas e sexuais) como sendo universal e a associação entre o casamento e a satisfação sexual o que também visibilizou a variabilidade da família. Existe uma proposição antropológica de que há universalidade nas estruturas das relações de parentesco, do casamento e da divisão sexual do trabalho, pois essas estruturas estão presentes em todas as sociedades existindo então uma enorme variedade nas formas com que estas são combinadas. Deste modo, a Antropologia também viabilizou a percepção da variabilidade da família e uma decomposição das relações que a envolvem. Decompôs as relações enredadas na família e possibilitou o pensamento dos processos de mudança da família que não são totalizantes e que podem estar relacionados a um ou vários dos elementos de constituição da família.

As múltiplas possibilidades de constituição da família e suas alterações são resultado de sua organização interna bem como de fatores econômicos, culturais e sociais em que estas estão inseridas. Vale salientar que o modelo hegemônico de família monogâmica burguesa foi constituído como um dos pilares do sistema capitalista, da produção e da acumulação de riquezas. O modelo de família nuclear burguesa, é um padrão de organização da família que se originou na burguesia sendo disseminado entre as outras classes sociais progressivamente. Ao afirmar que este modelo é hegemônico, é inegável a existência de outras formas de família, entretanto, mesmo dentro das famílias pautadas neste modelo, existem ainda variações nestes padrões internos que distinguem as famílias de acordo com as diferentes classes sociais e até dentro das mesmas classes. Qualquer que seja o formato da família, essa se constitui para a reprodução, ou seja, a família surge para suprir a necessidade material da reprodução sendo esta a condição para sua existência independentemente de seu formato (Reis, 1994).

Além de se reproduzir biologicamente, a família tem a função de reprodução ideológica, ou seja, ela é a responsável pela própria reprodução social pois é dentro do âmbito da família que os indivíduos são educados para que reproduzam biologicamente e socialmente a mesma estrutura

familiar. Cumprindo a função ideológica, é que o modelo de família nuclear burguesa é tido como natural e a única forma de constituir família (Reis, 1994).

Os tipos de famílias são variados. Petzold (1996) estruturou uma definição ecopsicológica de família destacando a existência de quatro sistemas onde existem quatorze variáveis que dão o formato da família, tais como a orientação sexual, comunhão de bens, cultura e outras variáveis. Segundo ele, essas variáveis oferecem cento e noventa e seis tipos diversificados de família.

A tipologia familiar mais comumente utilizada pelas ciências sociais, segundo Carnut e Faquim (2014) é a Classificação de Kaslow (2002). Dentro dessa classificação, encontram-se os seguintes tipos de família: a) famílias nucleares: compreendidas pela convivência entre duas gerações com filhos biológicos, ou seja, família em que um casal heterossexual mantém relações sexuais e tem pelo menos um filho biológico; b) famílias extensas: compreendidas pela convivência entre três ou quatro gerações, compostas por um núcleo familiar juntamente com agregados que coabitam no mesmo ambiente doméstico; c) famílias adotivas: podem ser bi-raciais ou multiraciais, compreendida pela convivência de casal heterossexual com filhos que não possuem laços de consanguinidade d) casais: compreendida pela relação matrimonializada entre um casal heterossexual sem filhos biológicos ou adotivos e) famílias monoparentais: podem ser femininas ou masculinas a depender do gênero do indivíduo que chefia esse tipo de família. Compreendida por lares onde apenas um genitor, sem cônjuge, convive e habita com seus filhos menores. f) casais homoafetivos (sem filhos) ou famílias homoparentais: compreendidas pela convivência de casais homoafetivos sem filhos ou (com filhos): compreendida pela convivência de um casal homossexual com seu(s) filhos que podem ter vínculo biológico sendo advindos de relações anteriores ou gerados por meio de uma co-parentalidade (onde o filho é gerado via parceria biológica com um terceiro), doação de material genético ou barriga solidária (nos casos de casais homoafetivos formados por homens); g) famílias reconstituídas: compreendidas pelo “recasamento” de pessoas divorciadas e pela convivência e coabitação desse casal com ou sem filhos (tanto de relações anteriores quanto da relação atual); h) várias pessoas vivendo juntas sem laços legais, mas com forte compromisso mútuo. É neste último tipo de família que se inserem as famílias poliafetivas.

2.4 Tipos de relacionamentos consensualmente não monogâmicos

Dentro da não monogamia existe uma variedade de formatos de relacionamentos. Estes relacionamentos partem do pressuposto do consentimento mútuo e da inexigibilidade de exclusividade afetiva e ou sexual entre seus membros. Existindo também a liberdade sexual e ou

afetiva que ultrapassa os espaços circunscritos das relações, respeitando as necessidades pessoais dos indivíduos envolvidos (Starling, 2021).

Serão abordados de forma sucinta e objetiva alguns dos arranjos mais comuns encontrados dentro deste universo de relações, são eles: relação aberta ou casamento aberto, poliamor, swing e relações livres (Starling, 2021).

2.4.1 Relação aberta ou casamento aberto

Dentro da modalidade de relação aberta ou casamento aberto, constata-se a existência de uma relação conjugal primária/principal concomitante a outras relações que geralmente são efêmeras, resultantes da casualidade e não românticas. Nesta modalidade, pode-se dizer que exista uma não monogamia apenas sexual, pois mantém-se uma estrutura de exclusividade afetiva que é emocionalmente similar às estruturas mantidas pelos relacionamentos dos casais monogâmicos (Starling, 2021).

Geralmente, esses parceiros estabelecem pactuações onde fica estabelecido como pressuposto destas relações que não haja envolvimento afetivo com terceiros, fazendo com que o investimento de tempo e energia dos parceiros seja totalmente direcionado à relação primária/principal (Starling, 2021).

2.4.2 Swing

Assim como no modelo relacional anterior, o swing se constitui por uma não monogamia no âmbito da vida sexual, mantendo afetivamente uma monogamia emocional. Ou seja, existem no swing casais que constroem parcerias sexuais esporádicas. A diferença entre o swing e o relacionamento aberto, é que no swing há um pressuposto de não existência de envolvimento emocional com pessoas externas à relação principal, de modo geral, os casais têm relacionamentos extraconjugais conjuntamente, não é possível que um dos parceiros saia sozinho. Os praticantes de swing geralmente são mais conservadores, deste modo, a bissexualidade em homens é rara, entretanto, a bissexualidade entre as mulheres é quase unânime (Starling, 2021).

2.4.3 Relações livres

Nas relações livres, fala-se mais sobre as escolhas do indivíduo do que do casal. As relações livres pressupõem cultivo da autonomia ao invés da fusão de dois indivíduos em um casal. Nas

relações livres (RLis) os indivíduos buscam autonomia afetiva e sexual plena, se distanciando ainda mais do formato de casal clássico.

RLi é uma forma consensual, política e militante de não monogamia que critica ativamente o amor romântico. Não só defende a possibilidade de vários amores, como no poliamor, mas tem como base a autonomia dos envolvidos, na livre vivência de seus desejos afetivos e sexuais tanto em relações casuais quanto relações duradouras. Outra diferença é em relação ao casamento, que enquanto no poliamor é possível a polifidelidade e a união conjugal entre mais pessoas, na RLi qualquer forma de relação não monogâmica fechada é rechaçada (Newton, Miranda, Bispo, *apud* Starling, 2021, p. 102-103).

Como constata-se, existem várias configurações de relacionamentos consensualmente não monogâmicos. Desses diversos arranjos relacionais, decorrem também uma gama diversa de formas de constituir família.

2.4.4 Poliamor (poliafetividade)

Por fim, o poliamor, tema desse estudo é a modalidade relacional pela qual se organizam as famílias poliafetivas.

Dentro do poliamor, a não monogamia é tanto sexual quanto afetiva. Estes indivíduos podem se comprometer em diversos relacionamentos que vão de um envolvimento breve até relacionamentos longos. As definições acadêmicas sobre poliamor ainda são escassas, por este motivo, frequentemente se utiliza de endereços da internet e definições etimológicas para conceituar o termo poliamor. Utilizar-se-á, neste estudo, a definição do vocábulo poliamor e o conteúdo publicado pelo site *Loving More* para a construção de um conceito sobre poliamor. Neste sentido, é de grande valia o conteúdo da *Loving More*® (Amar Mais). Trata-se de uma organização nacional dos Estados Unidos da América, sem fins lucrativos, que mantém um endereço eletrônico e revista, com finalidade educativa e dedicado a dar apoio e fornecer informações sobre o poliamor e suas questões. Tem objetivo também de dar apoio aos adeptos do poliamor em âmbito nacional e internacional desde o ano de 2006 (Loving More, 2023). Etimologicamente, poliamor é um vocábulo composto pela junção de dois léxicos, o primeiro, *polýs*, que significa muitos, numerosos e o segundo, amor, que neste caso, significa sentimento de afeto, preocupação e desejo por alguém. De acordo com o dicionário Michaelis, o significado do vocábulo poliamor é:

Tipo de relação ou atração afetiva em que cada pessoa tem a liberdade de manter vários relacionamentos simultaneamente, negando a monogamia como modelo de fidelidade, sem promover a promiscuidade. Caracteriza-se pelo amor a diversas pessoas, que vai além da simples relação sexual e pela ausência em relação à ausência de ciúme de todos os envolvidos nessa relação. O propósito do poliamor é amar e ser amado por várias pessoas ao mesmo tempo (Michaelis, 2023).

O poliamor não deve ser confundido com práticas de sexo grupal, ou de troca de parceiros como no *swing*. Também deve-se compreender que existem vários modelos de relações consensualmente não monogâmicas onde o poliamor está inserido e dentro deste existem alguns formatos. Tem como objeto o afeto mútuo e não estritamente a sexualidade. Corrobora com este entendimento a diferenciação feita entre poliamor e *swinging* pelo *Loving More*:

Polyamory is focused on loving relationships, with the emphasis on connection and relationship building. Swinging is more about recreational sex. Swinging often involves a couple going together to a swing club or swing party to hook up with others strictly for sex. Some swingers, however, find themselves forming long-term relationships with another couple they swing with, while some polyamorous people are happy to have casual sex at swing parties. The swinging and poly cultures tend to be quite different (and each has its stereotypes about the other), but in fact there's something of a continuous spectrum between them, and many people happily fall somewhere in between. (Loving More, 2023)⁴.

O poliamor se manifesta em diferentes contornos, sendo o hierárquico uma das principais modalidades. Dentro desta organização relacional existem ou podem existir uma multiplicidade de relações afetivo-sexuais, entretanto, dentre essas relações existe uma que é considerada a principal, ou seja, existe, entre os diversos relacionamentos estabelecidos, uma hierarquia de importância e prioridade. As relações podem ser hierarquicamente superiores ou inferiores por vários motivos, entretanto, há sempre clareza sobre qual das relações é a prioritária (Starling, 2021).

Um outro contorno do poliamor é a polifidelidade (poliexclusividade). Nesta configuração de relacionamento poliafetivo, todas as parcerias são iguais, ou seja, não existem relações hierarquizadas, além disso, todos os integrantes concordam em restringir as relações sexuais sendo estas permitidas apenas entre os integrantes do grupo (Starling, 2021).

2.4.5 Poligamia versus poliamor

A poligamia é um conceito complexo que abrange diversas práticas matrimoniais onde uma pessoa pode ter múltiplos cônjuges ao mesmo tempo. Historicamente, a poligamia tem

⁴ O poliamor é focado em relacionamentos amorosos, com ênfase na conexão e construção de relacionamentos. Swing é mais sobre sexo recreativo. O swing geralmente envolve um casal indo a um clube de swing ou festa de swing para ficar com outras pessoas estritamente para sexo. Alguns swingers, no entanto, encontram-se estabelecendo relacionamentos de longo prazo com outro casal com quem fazem swing, enquanto algumas pessoas poliamorosas ficam felizes em fazer sexo casual em festas de swing. As culturas swing e poli tendem a ser bastante diferentes (e cada uma tem seus estereótipos sobre a outra), mas na verdade há algo como um espectro contínuo entre elas, e muitas pessoas ficam felizes em algum lugar no meio (tradução própria) (Loving More, 2023).

sido mais comum em sociedades patriarcais e em contextos onde questões econômicas, políticas e religiosas desempenham um papel significativo na estrutura familiar e social. Trata-se de um fenômeno culturalmente variável que reflete complexas interações entre história, religião, economia e estrutura social em diferentes partes do mundo (Beauvoir, 1949).

A poligamia pode ser definida como uma prática social e cultural na qual uma pessoa possui múltiplos cônjuges simultaneamente. Etimologicamente, "poligamia" é um termo de origem grega composto por dois elementos: "*polýs*", que significa muitos ou numerosos, e "*gámos*", que significa matrimônio, acrescido do sufixo "ia" que indica ação ou qualidade (Diccionario etimológico, 2016c, tradução livre). Segundo o dicionário Michaelis, "poligamia" refere-se a: "1) Forma de casamento em que uma pessoa tem vários cônjuges ao mesmo tempo; 2) Estado de quem é polígamo" (Michaelis, 2024). O uso do termo "poligamia" pode ter um sentido mais amplo para se referir a qualquer sistema matrimonial que envolva múltiplos cônjuges. As principais formas de poligamia são a poliandria e a poliginia. A poliginia é uma forma de poligamia na qual um homem tem mais de uma esposa simultaneamente. Esta prática é historicamente prevalente e é encontrada em diversas culturas ao redor do mundo. As razões para sua adoção incluem a formação de alianças políticas, o aumento do status social do homem que pode sustentar várias esposas, e também considerações relacionadas à fertilidade e ao aumento da descendência. Por outro lado, a poliandria é uma forma menos comum de poligamia na qual uma mulher possui múltiplos maridos simultaneamente. Esta prática é observada em certas sociedades, muitas vezes em áreas onde há escassez de recursos e a divisão de propriedade representa um desafio significativo (Merriam-webster, 2024; Open Education Sociology Dictionary, 2024)

A aceitação e a legalidade da poligamia variam amplamente ao redor do mundo. Alguns países e culturas a proíbem estritamente, enquanto outros reconhecem formas específicas de poligamia com base em tradições religiosas ou culturais. Em termos legais, a poligamia pode ser vista como controversa devido a preocupações com direitos individuais, equidade de gênero e bem-estar das crianças dentro desses arranjos familiares complexos (Joffe, 2016; Seligson e McCants, 2022).

É equivocada a utilização do termo poliamor como sinônimo de poligamia. Na poligamia (poliandria), geralmente há um homem com múltiplas esposas, o que implica uma assimetria de gênero. No poliamor, há a possibilidade de relacionamentos amorosos simultâneos envolvendo três ou mais pessoas, independentemente do gênero de cada uma delas. Além disso, outro fato que distingue o poliamor da poligamia é o matrimônio. Na poligamia, o que existe é a multiplicidade de matrimônios(casamentos), ou seja, os poligâmicos possuem mais de uma

relação matrimonial simultaneamente. Assim sendo, não é possível afirmar, a priori, que os adeptos do poliamor, desejam contrair matrimônio com um ou com todos os seus companheiros. Isto significa dizer que as relações poliafetivas não são relações que perpassam pela instituição matrimonial como ocorre na poligamia.

2.5 Ideologia e a ideologia do conceito “família”

2.5.1 A ideologia – construção histórica de um conceito

O termo ideologia surgiu em 1796, criado pelo filósofo francês e integrante do Instituto Nacional (substituto das academias reais dentro da Nova República) Antoine Louis Claude Destutt de Tracy, em seu livro intitulado *Éléments d'Idéologie* (Elementos da Ideologia). O objetivo do autor era pensar uma ciência da gênese das ideias como um fenômeno natural que expressava a relação do corpo humano com o ambiente. Para Tracy, a ideologia se configurava como uma atividade filosófica-científica, uma ciência das ideias, de investigação acerca das origens do pensamento e era considerada por ele como parte da Zoologia (Bosi, 2010).

Tracy estava ligado à política da época e ao republicanismo. Em 1799 Napoleão Bonaparte se torna o Primeiro Cônsul da França devido a um golpe de Estado e se mantém com total autoridade até 1809. Napoleão abraçou algumas das ideias de Tracy para a elaboração de uma nova Constituição, porém, ao mesmo tempo em que favoreceu alguns membros do Instituto Nacional, Napoleão também se sentia atemorizado pelos mesmos, pois ameaçavam suas pretensões autocráticas. Napoleão prosseguiu com um combate contínuo à ideologia e aos “ideólogos”, quanto mais ficava enfraquecido, maiores eram as ofensivas à ideologia. Os pensamentos religiosos e políticos também eram considerados ideologia. Neste sentido, a ideologia ganhou conotação política e deixou de ser uma ciência das ideias e passou a ser um termo para denominar as próprias ideias (Bosi, 2010).

O conceito de ideologia surge como parte de uma tentativa de desenvolver ideais do Iluminismo no contexto das revoltas sociais e políticas que marcaram o nascimento das sociedades contemporâneas, deste modo, não se pode olvidar que apesar dos desdobramentos e mudanças sofridas pelo termo ao longo da história, estes não são capazes de desconectá-lo desta origem, ou seja, ideologia foi um termo cunhado dentro de uma lógica racional que objetivava a compreensão do mundo (Bosi, 2010).

Posteriormente, com os estudos marxianos, a expressão ideologia assume outro significado. Marx é a figura mais importante na história do conceito de ideologia pois foi em suas obras que a ideologia adquiriu a conotação “negativa, oposicional, implícita e presente no uso do termo”, assim

como fez Napoleão, entretanto, “transformou o conceito, incorporando-o, a um marco referencial teórico e a um programa político que eram profundamente dependentes do espírito do Iluminismo. A ideologia passa a ser apresentada como o instrumento de manutenção do status quo. Em A ideologia Alemã (1845/1846) Marx e Hegel realizam uma crítica ao pensamento filosófico pós hegelianismo em que os autores tomavam os conceitos como significados autônomos da realidade social, ou seja, tinham uma visão idealizada, por isso ideológica, construída sobre um ideal. A ideologia alemã era desconectada do contexto da realidade. Eram ideias que estavam em contradição com as relações sociais existentes no mundo material. Desta forma, para Marx, a contradição não está na relação entre o plano das ideias mas em relação ao mundo real, o próprio mundo social é contraditório e essa contradição fica encoberta pela própria ideologia, ou seja, a ideologia em Marx é uma falsa consciência (Marx, 2010 *apud* Baldi, 2019), entretanto, cabe salientar que as maneiras com que Marx lidou com o conceito e aos pressupostos que estão relacionados ao seu uso, não são claros (Bosi, 2010).

Muitas são as perspectivas e autores que buscam definir o conceito de ideologia, entretanto, é impraticável abordar todas elas. Para a realização deste trabalho, partir-se-á do conceito de ideologia proposto pelo sociólogo John Brookshire Thompson, pois o autor se propôs a apresentar os vários contextos teóricos em que o conceito de ideologia aparece na obra marxiana, levando em consideração a existência de uma certa ambiguidade dentro da própria obra. Para Thompson, o conceito de ideologia se torna ambíguo devido ao extenso número de definições que o termo recebeu desde que foi introduzido nas línguas europeias. Também atribui como causa desta ambiguidade o fato de não ser possível saber com exatidão quando o termo é utilizado em um sentido descritivo ou prescritivo. De modo genérico, para Thompson, a ideologia é o pensamento de outrem, externo a nós, e, a caracterização de um pensamento como ideológico carrega em si uma crítica implícita e uma conotação negativa (Thompson, 1995).

Na obra, Ideologia e Cultura Moderna de 1995, Thompson propõe a formulação de um conceito alternativo de ideologia que tenta captar a anedota de concepções anteriores, mas sem se ligar a nenhuma delas. De acordo com o autor, a ideia é trazer uma contribuição para a história do conceito de ideologia e não o encerrar. De início é formulada uma distinção geral entre dois tipos de concepção de ideologia, são elas: concepções neutras e concepções críticas de ideologia. De acordo com Thompson, (1995)

Concepções neutras são aquelas que tentam caracterizar fenômenos como ideologia ou ideológicos, sem implicar que esses fenômenos sejam, necessariamente, enganadores e ilusórios, ou ligados com os interesses de algum grupo em particular[...] é um aspecto da vida social (ou forma de investigação social) entre outros, e não é nem mais nem menos atraente ou problemático que qualquer outro[...] A ideologia pode ser necessária tanto para manter submissos os grupos, em sua luta contra a ordem social, como para os grupos dominantes,

na sua defesa do *status quo*[...] a ideologia pode ser uma arma para a vitória, mas não para um vencedor específico, pois ela é, em princípio, acessível a qualquer combatente que tenha recursos de adquiri-la e emprega-la (Thompson, 1995, p. 72-73).

Já as concepções críticas de ideologia, são aquelas que têm uma conotação negativa ou pejorativa. Como Thompson descreve abaixo:

Diferentemente das concepções neutras, as concepções críticas implicam que o fenômeno caracterizado como ideologia -ou como ideológico- é enganador, ilusório ou parcial; e a própria caracterização de fenômenos como ideologia carrega consigo um criticismo implícito ou a própria condenação desses fenômenos. Concepções críticas diferem com respeito aos fundamentos dos quais eles derivam um sentido negativo (Thompson, 1995, p. 73).

A proposta deste conceito de ideologia é definida pelo autor como uma concepção crítica que busca uma abordagem apropriada que se sustente, e que visa propiciar um exame correto dos acontecimentos sócio-históricos, as que mantém uma perspectiva crítica que é trazida pela história do conceito e que está precipuamente preocupada com a maneira como alegorias se entrelaçam à distribuição do poder, ou seja, se propõe a compreender como na práxis há uma mobilização do sentido (das formas simbólicas) para manutenção e reforço, estabelecimento e sustentação daquelas pessoas e grupos que estão em posições de poder. Assim sendo, os fenômenos ideológicos podem ser compreendidos por conceitos ou formas alegóricas que sejam utilizadas como ferramentas específicas de controle em conjunturas sociais e histórias peculiares tendo como objetivo o estabelecimento ou a manutenção de domínio em determinadas relações. Desta forma, apreende-se que a ideologia, para Thompson, tem como critério a sustentação das relações de poder e de dominação, deste modo, não se preocupa com o fato de que as formas simbólicas sejam distorcidas ou irreais em relação à realidade para que sejam consideradas ideologias. A ideologia pode atuar mediante a camuflagem das relações sociais ao eclipsá-las com interpretações errôneas das situações. Essa forma de operar se configura como uma possibilidade e não uma característica da ideologia (Thompson, 1995).

Thompson propõe a existência de cinco *modus operandi* gerais da ideologia para o estabelecimento e sustentação de relações de dominação, sendo eles: 1) legitimação: racionalização, universalização e narrativização; 2) dissimulação: deslocamento, eufemização, tropo (sinédoque, metonímia, metáfora); 3) unificação: standardização, simbolização da unidade; 4) fragmentação: diferenciação, expurgo do outro; 5) reificação: naturalização, eternalização, nominalização/passivização. Ele ressalta que os modos de operação da ideologia por ele descritos não constituem um rol taxativo e sim exemplificativo e que eles não operam necessariamente de forma independente uns dos outros. Esses modos de atuação podem se amontoar se reforçando de forma mútua (Thompson, 1995).

Chama-se a atenção nesta pesquisa para um *modus operandi* em específico: a naturalização/eternalização. Como se vê:

[...]Naturalização - um estado de coisas que é uma criação social e histórica pode ser tratado como um acontecimento natural ou como um resultado inevitável de características naturais [...]uma estratégia semelhante é a que pode ser descrita como *eternalização*: fenômenos sócio-históricos são esvaziados de seu caráter histórico ao serem apresentados como permanentes, imutáveis e recorrentes. Costumes, tradições e instituições que parecem prolonga-se indefinidamente em direção ao passado, de tal forma que todo traço sobre sua origem fica perdido e todo questionamento sobre sua finalidade é inimaginável, adquirem, então, uma rigidez que não pode ser facilmente quebrada. Eles se cristalizam na vida social, e seu caráter aparentemente a-histórico é reafirmado através de formas simbólicas que, na sua construção, como também na sua pura repetição, eternalizam o contingente (Thompson, 1995, p. 88).

Em se tratando da naturalização e da eternalização, observa-se que estas apresentam-se como algumas das possíveis formas operativas da ideologia da família, pois transformam a família burguesa, nuclear, monogâmica e heterossexual em uma configuração simbólica que falsamente representa todo o arcabouço social.

A ideologia da família naturalizou esta instituição retirando dela a imagem de adaptabilidade e mutabilidade que garante a sua permanência na sociedade, ou seja, ocultou o caráter sócio-histórico. Incutiu nas mentalidades a ideia da família como única forma de socialização primária do indivíduo, cristalizando a ideia da família nuclear como um modelo único de família a ser vivido e reproduzido (Savoia, 1989, Reis, 1994).

2.5.2 A ideologia do conceito “família”

Um exemplo da naturalização deste modelo de família é descrito por Parsons *apud* Reis (1994):

Parsons fala da sociedade capitalista e toma a família dessa sociedade como universal e imutável: a família nuclear burguesa torna-se sinônimo de família. Outras formas, quando existentes, são consideradas, no máximo, estruturas que ainda vão se diferenciar em direção a esse modelo ideal de família (Parsons *apud* Reis, 1994, p. 100)

Essa citação reforça a anterior ao demonstrar como a sociedade capitalista, que é uma sociedade de classes e que tem claramente o interesse de manter a dominação de uma classe sobre a outra, é a mesma sociedade que produz e reproduz o discurso ideológico acerca da família. Ela naturaliza a família nuclear burguesa ocultando todos os constructos sociais e históricos que moldaram essa configuração familiar, fazendo da instituição família um paradoxo, onde essa permanece sendo uma instituição, mas é falsamente apresentada como sendo ahistórica e imutável. Esta forma simbólica de representação da família, traz em seu bojo, o claro interesse na manutenção das organizações

familiares para que estas permaneçam gerando filhos que são a mão de obra assalariada e expropriada do sistema capitalista.

Dentro desta lógica, os discursos sobre esses outros formatos de relações e, conseqüentemente, de famílias, começam a ter uma maior visibilidade, o que ampliou também as produções científicas sobre esta temática (Barker e Langdrige (2010), Oppenheimer (2011); Pappas (2013); Rubel e Bogaert (2015). Isto posto, abre-se o interesse para a compreensão de como as produções científicas têm abordado esta temática sobre família. Em quais termos o fazem e quais os arcabouços teóricos e ideológicos os direcionam.

2.6 Epistemologia: transformações no decurso histórico

2.6.1 Distinguindo metafísica, filosofia e ciência

Segundo Andery *et al.* (2012) a descoberta da racionalidade no mundo e no próprio homem tem início na Grécia antiga. É neste período que o pensamento deixa de ser mítico e passa a ser racional. O conhecimento racional de opõe ao pensamento mítico pela sua capacidade de problematizar. É a crítica ao próprio conhecimento que possibilita a sua superação.

Dentro da Grécia Antiga, tem-se o período Clássico onde Sócrates, Platão e Aristóteles são os três pensadores que assinalaram este período por intervenção de suas obras que tiveram impacto não só no momento histórico em que viveram, mas no desenvolvimento da filosofia e ciência. Eles se contrapunham aos pensadores jônicos por colocarem o homem no cerne de suas questões. As reflexões acerca das “bases para a produção de conhecimento rigoroso” foram suas características marcantes. Todos propuseram métodos que levariam o homem à produção de conhecimento (Andery *et al.* 2012, p. 60).

Na crença de que o conhecimento (filosófico) tinha função social criaram-se as escolas com suas concepções metodológicas. Acreditava-se também que conhecimento objetivo seria a via de transformação para uma sociedade mais justa (Andery *et al.* 2012).

A metafísica se inicia com os estudos de Aristóteles dando início também a essa tradição do conhecimento ocidental pelas vias ontológicas, buscando a compreensão do ser por vias mais gerais estando estas dissociadas das inumeráveis determinações que o afetam o próprio ser e teológicas, buscando a compreensão metafísica do ser por meio das divindades, ou seja, o conhecimento se dá por vias que ultrapassam o mundo material. No livro “Metafísica Conceito-Chave em Filosofia” (2008), o autor Brian Garret inicia sua introdução contando sobre a edição das obras de Aristóteles por Andrônico de Rodes. Segundo Garret (2008), Rodes colocou em primeiro lugar os livros que tratavam

da “Filosofia Primeira”, na sequência, os que tratavam sobre a física, por esta razão eles foram denominados de metafísica. Aristóteles distinguia a sua “Filosofia Primeira” das demais, por esta se tratar de “um estudo do ser enquanto (qua) ser” (Garret, 2008, p. 12).

Para Aristóteles, o ser, e cada ser, continha uma substância que o definia, que era sua essência. Essa substância, constitutiva e indispensável à existência do ser, caracterizaria aquilo que era definidor do fenômeno, seus atributos e lhe daria realidade. **Compreender essa substância era a tarefa do conhecimento** (Andery *et al.* 2012, p. 83, grifo nosso)

Observa-se no trecho acima que o objeto do conhecimento e a compreensão do ser, para Aristóteles, estavam dissociados de fatores e determinantes do próprio ser. O ser em si era, então, uma espécie de busca do âmago do que é o ser sem, no entanto, apontar os aspectos materiais que constituem o próprio ser.

Apesar dessa distinção ser um tanto quanto incompreensível, ela alcança uma característica da metafísica que é a aspiração por uma generalidade. Os metafísicos mantêm um interesse na investigação de características mais gerais (globais e universais) da realidade, apesar de nem sempre ser uma investigação completamente geral. Deste modo, compreende-se que a metafísica se constitui como um estudo geral sobre o ser que precede as outras ciências que carregam seus sentidos particulares (Garret, 2008).

A ciência, por sua vez, pode ser entendida como uma sistematização de conhecimentos, ou seja, uma junção (conjunto) de proposições que são logicamente correlacionadas sobre o comportamento de certos fenômenos os quais têm-se a intenção de estudar, ou seja, são atitudes e atividades contíguas, passíveis de verificação, direcionadas pelo conhecimento sistemático em torno de um objeto limitado (Trujillo Ferrari, 1974; Apolinário, 2006).

O conhecimento, em termos da ciência clássica, mesmo centrado na estruturação de características universais do ser enquanto ser, “implicava na formulação de conceitos” (Andery *et al.* 2012, p. 90), pois para Aristóteles “o conhecimento científico é um juízo sobre coisas universais e necessárias” (Ética a Nicômaco, VI, 6 *apud* Andery *et al.* 2012).

Os limites, portanto, entre metafísica e ciência não são intransponíveis pois apesar de fazerem oposição um ao outro, ainda se relacionam, podendo se tornarem complementares, dado que na metafísica o objeto de estudo são os vários problemas filosóficos sobre a realidade, enquanto a ciência, procura sistematizar normas e procedimentos que serão os condutores de como desenvolver o conhecimento sobre o mundo de forma que seja confiável e que tenha credulidade, confiabilidade. A epistemologia da ciência, portanto, o estudo acerca de como conhecemos, se relaciona com a metafísica, com a lógica e com o empirismo (Andery *et al.* 2012).

2.6.2 A epistemologia no decurso histórico

A palavra "epistemologia" foi introduzida pelo filósofo escocês James Frederick Ferrier no século XIX, no seu livro "*Institutes of Metaphysics: The Theory of Knowing and Being*", publicado em 1854. Ferrier utilizou "*epistemology*" como tradução para a palavra alemã "*Erkenntnistheorie*", que se refere à teoria do conhecimento. Embora Ferrier tenha popularizado o termo, o estudo do conhecimento humano remonta a filósofos antigos como Platão e Aristóteles, que abordaram questões epistemológicas em suas obras a partir de discussões em torno da construção do conhecimento, e particularmente, do conhecimento científico. Neste sentido, a epistemologia se debruça sobre as origens, estruturas, métodos e validade do conhecimento avaliando a consistência lógica das teorias e sua coesão fatural. Por esta razão é conhecida como a Filosofia da Ciência, Teoria do Conhecimento, Ciência do Conhecimento ou mesmo Ciência da Ciência (Andery *et al* 2012).

Com o intuito de situar epistemologicamente os estudos da família, faz-se necessário uma contextualização das mudanças epistemológicas do pensamento científico. A revolução científica que ocorreu nos séculos XVII e XVIII com o Iluminismo (com autores como Descartes, Newton, Locke e Smith), foi uma mudança dos paradigmas científicos⁵. O Iluminismo foi um movimento científico que buscou por intermédio das ideias a derrubada do Estado Absolutista tendo como fundamento o racionalismo e o mecanicismo. Eram pressupostos epistemológicos deste pensamento científico (da ciência moderna/tradicional) a simplicidade, estabilidade e objetividade (Esteves de Vasconcellos, 2003, 2005 *apud* Boing *et al* 2008).

A crença de que o objeto de estudo deve estar dividido em partes no intuito de se conhecer a sua totalidade, constitui o pressuposto de simplicidade contido dentro da ciência tradicional. Esta crença se inicia com Aristóteles (384 a.C – 322 a.C), é apreendido no iluminismo (1685 – 1815, ganhando notoriedade com Descartes (1596-1650). Deste pressuposto de simplicidade, resultam a análise e as relações lineares de causalidade. A ideia de imutabilidade da realidade, constitui o pressuposto de estabilidade. Ligam-se a este pressuposto as crenças de determinação e reversibilidade dos fenômenos, ou seja, a ideia de que exista uma previsibilidade e um controle em relação aos fenômenos estudados. Por fim, a objetividade, que se constitui por meio da crença de que a realidade

⁵ Segundo Kuhn (1996) o paradigma pode ser compreendido como uma fase da pesquisa na qual concatenam-se e instituem-se ideias na articulação entre fenômenos e teorias já oferecidos pelo próprio paradigma. Por este ponto de vista, o paradigma científico possibilita um determinado conhecimento dentro de um quadro de uma ciência que está posta, deste modo, as mudanças nos paradigmas aparecem como crises dentro daquele conjunto de conhecimentos já estabelecidos. Na quebra de paradigma e na sua mudança, tem-se então uma revolução científica (Pelegriani, 2013).

existe independentemente da observação do pesquisador e que esta objetividade (imparcialidade) na observação se constitui como um pressuposto básico, critério indispensável à cientificidade na construção de um conhecimento da realidade do mundo que seja verdadeiro (Esteves de Vasconcellos, 2003, 2005 *apud* Böing *et al.*, 2008).

Estes pressupostos científicos construídos na modernidade sofreram uma densa e irreversível crise ao serem questionadas por intermédio da revolução científica que se iniciou com as ideias propostas dentro do campo da física tais como o conceito de relatividade, proposto por Einstein e o princípio da incerteza de Heisenberg que demonstrou a interferência do observador na observação do objeto. Com essas novas descobertas as leis da física assumiram um caráter probabilístico inviabilizando o caráter determinista e mecanicista pois o real não está reduzido à soma das partes, o que também trouxe evidência para a complexidade da distinção feita entre sujeito e objeto (Aun *et al.*, 2005, Esteves de Vasconcellos, 2003, Sousa Santos, 2006 *apud* Böing *et al.* 2008).

Novas teorias resultaram em novas concepções de matéria e natureza. Essas ideias convergiram, principalmente a partir da década de setenta, atravessando as várias ciências, dentre elas, as ciências sociais. Estes movimentos de inovações teóricas foram campo propício para reflexões epistemológicas densas sobre o conhecimento científico (Esteves de Vasconcellos, 2003, Morin, 1996, Sousa Santos, 2006, *apud* Böing *et al.* 2008).

Esteves de Vasconcellos (2003) propõe um pensamento sistêmico que apresenta mudanças nos pressupostos epistemológicos da ciência tradicional; o pressuposto de simplicidade para o de complexidade na busca pela contextualização dos fenômenos estudados; o pressuposto de estabilidade para o de instabilidade na compreensão que o mundo está em processos dinâmicos de ininterruptas alterações e, conseqüentemente, imprevisibilidade de alguns fenômenos; o pressuposto de objetividade para o de intersubjetividade, reconhecendo a dependência da realidade ao seu observador, ou seja, considerando que o conhecimento científico é uma construção social não linear onde há a confluência e consensualidade de sujeitos e observadores (Böing *et al.*, 2008).

Dentro desta proposta epistemológica do pensamento sistêmico o trabalho do pesquisador é a compreensão e explicitação do seu próprio papel identificando os limites, as possibilidades e suas implicações e contextualizando o seu próprio fazer. De acordo com a perspectiva sistêmica da epistemologia da complexidade desenvolvida por Morin (1990,1996), “tudo no universo está interligado através de um emaranhamento de ações, interações e retroações” (Böing *et al.*, 2008, p. 253).

De acordo com Morin (1990, 1996) não se trata de um pensamento onisciente, mas um pensamento que está sempre situado em um tempo e um momento, o que possibilita a construção de metapontos de vista.

Diante do exposto, é possível observar as mudanças nos paradigmas da produção científica na modernidade. Essas mudanças foram fundamentais para a superação dos limites que se colocavam dentro da ciência tradicional para o conhecimento de realidades multifacetadas. A contextualização torna-se uma imposição dentro da tarefa de compreensão dos fenômenos que são complexos (Böing *et al.*, 2008).

Dentro das pesquisas sobre família a perspectiva da objetividade também estava presente, deste modo, entendia-se que a compressão deste universo poderia ser entendida sem nenhuma interferência do processo de observação e seu observador (Grandesso, 2000 *apud* Böing *et al.* 2008). Na medida em que a epistemologia foi sendo questionada e alterada surgiram novos modelos teóricos que abordavam os sistemas familiares de maneira dinâmica. Ocorre então uma alteração que retirou o foco do indivíduo e o realocando para os sistemas humanos. Os autores Goolishian e Anderson, 1996 e Grandesso, 2000, afirmam que

os sistemas familiares, assim como os sistemas sociais deixam de ser concebidos como estruturas mecânicas coisificadas e passam a ser compreendidos como sistemas intersubjetivos compostos por agentes conscientes, intencionais que se co-criam a si mesmos e ao seu entorno em uma permanente interação comunicativa e construção de significados (Goolishian e Anderson, 1996; Grandesso, 2000 *apud* Böing *et al.*, 2008).

Na adoção de uma nova abordagem na compreensão da família, a comunicação e o comportamento de todos os componentes que integram estes sistemas, suas ligações com recursos e os contextos em que estão imersos são considerados (Aun e Cols, 2005; Grandesso, 2000 *apud* Böing *et al.*, 2008).

Dentro deste novo enfoque a família e a cultura são contextos fundamentais para compreender o indivíduo e sua singularidade. A abordagem da singularidade e da rede de relações familiares possibilita compreender a família como um grupo específico ainda em construção assim como o contexto social em que essa se insere (Dessen e Silva Neto, 2000 *apud* Böing *et al.*, 2008).

Em se tratando do enfoque sistêmico da família como uma possibilidade de abordagem teórica, percebe-se que as mudanças dos paradigmas seguem ritmos distintos quando feita a comparação entre o pensamento científico (reflexão epistemológica) e as práticas científicas. Nota-se uma dificuldade e também uma lentidão das práticas em relação ao pensamento. Cecchin, 1996; Esteves de Vasconcellos, 2003; Morin, 1996; Sousa Santos, 2006, afirmam que a distinção entre o tempo de mudança da prática e do pensamento evidencia “uma fase de transição e insegurança” (Böing *et al.*, 2008).

É no âmbito acadêmico que fica evidenciada essa transição pois apesar da forte presença das práticas científicas tradicionais, muito também se discute sobre a incapacidade de captação de uma realidade que seja objetiva, partindo da compreensão de que não exista uma realidade de fato e sim

representações das realidades que sofrem interferência das abordagens metodológicas e teóricas utilizadas e da subjetividade do pesquisador (Biasoli-Alves, 1998; Cecconello e Koller, 2004; Dessen e Murta, 1997; Dessen e Silva Neto, 2000; Esteves de Vasconcellos, 2003; Flick, 2004 *apud* Böing *et al.*, 2008).

A epistemologia sistêmica compreende também a autodeterminação de cada indivíduo que está inserido dentro do sistema da família, deste modo, concebe que esses indivíduos são subsistemas inseridos dentro do sistema da família que também está inserido em outros sistemas, como por exemplo, o sistema sociocultural (Cervený, 2000 *apud* Böing *et al.*, 2008).

As teorias sistêmicas para o estudo da família são variadas, dentre elas, destaca-se a teoria bioecológica de Bronfenbrenner onde o autor concebe que o desenvolvimento humano é um processo que ocorre ao longo de toda a vida, oferecendo aos pesquisadores um viés de amplitude em relação às situações, às pessoas e suas inter-relações. Böing *et al.*, (2008) consideram que esse seja um referencial teórico adequado quando se pretende abarcar toda a complexidade do fenômeno famílias e seus contextos (Böing *et al.*, 2008).

Dentro deste trabalho chama-se a atenção para afirmação de Bronfenbrenner (1986) que diz que a maior parte dos estudos sobre família estão concentrados nos “processos intrafamiliares de interações diádicas ou triádicas (pai/mãe-filho)” (Bronfenbrenner 1986 *apud* Böing *et al.*, 2008 p.255). O autor também propõe que o foco seja ampliado mediante a investigação de como os processos intrafamiliares são afetados pelos fatores extrafamiliares. O que incita a dúvida em relação a quais são os enfoques utilizados nas pesquisas com famílias poliafetivas que têm assumidamente relações extradiádicas consentidas.

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Caracterização da pesquisa

De acordo com Costa e Costa (2019), a ciência deve ser compreendida como uma instituição que contribui para a resolução das demandas e problemas sociais que são complexos. A pesquisa explicativa registra e analisa os fenômenos estudados buscando identificar suas origens, aplicando uma interpretação que é viabilizada por um método qualitativo (Severino, 2014).

Para atender aos objetivos propostos, esta pesquisa foi estruturada no formato qualitativo. As pesquisas qualitativas possibilitam uma análise em profundidade das questões da pesquisa e de seus significados, suprimindo assim, a expectativa comum dentro do campo das ciências sociais de realização de exame detalhado do fenômeno (Minayo, 2000).

É dentro da pesquisa qualitativa que ocorre a apreensão dos fenômenos inerentes ao objeto de estudo. Tem como finalidade compreender o(s) processo(s) em que se insere(m) o(s) sujeito(s) da pesquisa, objetivando a identificação e compreensão das questões (Flick, 2013). Segundo Michel (2009), na falta de contato direto entre o objeto de pesquisa e o pesquisador, a interpretação e compreensão dos fenômenos se dá por intermédio da análise dos contextos sócio-históricos em que os fatos estão inseridos. A realidade é, portanto, a fonte balizadora na obtenção de dados exigindo do pesquisador a habilidade de interpretação da realidade tendo no aporte teórico as bases para fundamentação dos dados obtidos, alcançando assim, as respostas.

Para atender ao primeiro objetivo específico, conhecer as produções acadêmicas existentes sobre o poliamor de 2012 a 2022, foi realizada uma revisão sistemática de literatura. Este tipo de revisão pode ter caráter tanto quantitativo quanto qualitativo. São definidas como qualitativas as revisões sistemáticas que sumarizaram estudos que produziram dados primários sem o intuito de realizar uma combinação entre eles (Drumond e Coutinho, 2004).

As revisões sistemáticas de literatura testam hipóteses e têm como objetivo o levantamento, reunião e avaliação crítica da metodologia de pesquisa e síntese de resultados de estudos primários diversificados. Busca responder a uma pergunta de pesquisa que é previamente e claramente formulada, utilizando de métodos sistematizados e explícitos no intuito de recuperar, selecionar e avaliar os resultados de estudos relevantes, por meio da aplicação de métodos sistematizados na busca, análise e resultados da seleção (Galvão e Pereira, 2014).

Neste sentido, optou-se pela utilização a recomendação PRISMA. A revisão sistemática de literatura seguindo a recomendação PRISMA se diferencia da revisão de literatura tradicional pelo

método de extração e síntese dos resultados, trazendo total clareza do processo e dos resultados. A finalidade da revisão é identificada e estabelecida com antecedência, bem como a qualidade e os critérios de inclusão e exclusão. A partir daí se realiza uma busca geral com intuito de encontrar todos os estudos relevantes ao tema pesquisado (Botelho; Macedo; Fialho, 2010)

A recomendação PRISMA se configura em uma lista de checagem que é uma ferramenta de auxílio para os autores de revisões sistemáticas de literatura, ou seja, é uma diretriz de transparência para o relato da revisão sistemática. Essa lista de checagem expandida contém 27 itens e um fluxograma. Sua função é proporcionar uma melhora da qualidade das revisões sistemáticas e as metanálises (Galvão, 2015; Page, 2021) A escolha desta recomendação se deu pela reconhecida segurança científica demonstrada por Page (2021) da utilização desta técnica na busca, síntese e análise crítica da literatura. A organização sistemática deste processo visa reduzir a obliquidade no processo de produção do conhecimento sobre determinado tema, trazendo reflexão, organização cronológica e descritiva do tema em análise (Fernández-Ríos; Bucla-Casal, 2009). As revisões sistemáticas de literatura são definidas como uma ferramenta de perquirição científica que contém métodos pré-definidos que reúnem estudos originais como sendo seus sujeitos (Drummond; Silva; Coutinho, 2004).

3.1 Procedimentos para coleta de dados

A revisão sistemática de literatura é composta de três etapas, são elas: planejamento, execução e divulgação (Kitchenham, 2004). Para realização da revisão, foram utilizados os procedimentos abaixo descritos:

3.2 Planejamento da revisão

Na fase de planejamento da revisão sistemática de literatura, seus objetivos foram listados dentro de um protocolo de revisão que é definido. Estão explicitados dentro do protocolo a questão norteadora da pesquisa e as técnicas utilizadas para a execução da revisão. Dentro do protocolo, foram inseridas as seguintes escolhas:

- 1) Escolha dos bancos de dados onde serão realizadas as buscas. Serão utilizados quatro bancos de dados científicos. São eles: SciELO (*Scientific Eletronic Library Online*), Scopus (*SciVerse Scopus*), *Web of Science* e Science Direct. Esses bancos de dados foram escolhidos pois são bases de dados internacionais o que possibilita o acesso à produção científica tanto nacional quanto internacional sobre o poliamor.

Para a escolha das referidas bases, foram consideradas as pré-análises realizadas no dia 15 (quinze) de novembro do ano de 2022, onde ficou evidenciado que as bases de dados relacionadas acima foram aquelas que mais ofertaram materiais para serem analisados.

- 2) Escolha das *strings* de busca e período de pesquisa. Como critério de seleção dos estudos, buscou-se artigos que tivessem os seguintes descritores no título, resumo ou nas palavras-chave “*not monogamy*” OR “*polyarmony*” OR “*polyaffective*”. O recorte temporal foi dos últimos dez anos, de 2012 a 2022, para que fossem contemplados os trabalhos mais recentes.

As referidas bases de dados, descritas acima, foram selecionadas por concentrarem um grande número de trabalhos na área de ciências sociais aplicadas, por serem bases de referência dentro do campo científico e por fazerem parte das bases com acesso institucional aos estudantes de pós-graduação da Universidade Federal de Viçosa (UFV), proporcionado pelo convênio entre as referidas bases com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), fundação vinculada ao Ministério da Educação do Brasil, o que viabilizou o acesso, na íntegra, à grande maioria dos trabalhos.

3.2.1 Execução da revisão

O item principal para iniciar a fase de execução da revisão sistemática de literatura foi o protocolo definido na fase anterior. A seleção dos critérios de inclusão e exclusão também foram inseridos nesta fase uma vez que o objetivo da revisão sistemática foi descobrir o maior número possível de estudos que fossem relevantes e que se relacionassem com a questão de pesquisa. Os critérios de inclusão e exclusão dos estudos que foram adotados no momento da estruturação do corpo da pesquisa são:

- a. Inclusão
 - i. artigos de dados primários, ou seja, artigos em que os dados ainda não tenham sido filtrados e disponibilizados por um pesquisador;
 - ii. artigos publicados entre 2012 e 2022;
 - iii. artigos disponíveis, os que podem ser acessados pela web.
- b. Exclusão:
 - i. artigos de dados secundários;
 - ii. artigos com temática diversa da pesquisa;
 - iii. artigos que versassem sobre poligamia;
 - iv. artigos que não estiverem disponíveis para o acesso do conteúdo na íntegra.

Foram realizadas buscas por dupla de revisores, de forma independente tendo sido as bases de dados, os descritores, datas e horários pré-estabelecidos. As discordâncias acerca da aplicação dos critérios de inclusão e exclusão foram resolvidas mediante consenso entre os revisores.

Atendendo à recomendação PRISMA, foram estabelecidos descritores relacionados ao tema e à pergunta de pesquisa. As expressões (*strings* de busca) utilizadas foram: “*not monogamy*”, “*polyarmony*” e “*polyaffective*”, intercaladas pelos operadores booleanos *OR*. As *strings* foram adaptadas a cada ferramenta de busca, segundo sintaxe própria. A língua inglesa foi utilizada devido ao fato de ser o idioma mais abrigado no campo das ciências em âmbito internacional, entretanto, os artigos que fossem encontrados em outros idiomas e que atendessem aos critérios de inclusão estabelecidos, foram inclusos.

Estão representados no Quadro 1 os descritores e as *strings* de busca.

Quadro 1 - Descritores e *strings* de busca

PICOS		DESCRITORES	STRINGS DE BUSCA
P (população)	Famílias	<i>Polyaffective families</i> (famílias poliafetivas)	<i>Polyaffective</i>
I (intervenção ou exposição)	Relacionamentos poliafetivos	<i>Polyamorous relationships</i> (relacionamentos poliamorosos)	
C (comparador)	Sem comparador/		
O (outcomes - resultados)	Produções científicas acerca do poliamor	<i>Polyamory</i> (poliamor) Não monogamia	<i>Polyamory</i> <i>Not monogamy</i>
S (study design - tipo de estudo)	Estudos observacionais		

Fonte: Dados da pesquisa, (2022).

Como juízo de exclusão dos artigos, foram utilizados os seguintes critérios: a) artigos de dados secundários; b) com temática diversa da pesquisa; c) que versassem sobre poligamia, d) que não estavam disponíveis para o acesso do conteúdo na íntegra e, e) publicados fora do período de busca.

Inicialmente foram identificados 323 artigos, respectivamente, tendo sido encontrados 55 na base de dados *Web of Science*, 35 na *SciELO*, 47 na *Science Direct* e 186 na *Scopus*. Dentre esse total, 60 foram excluídos por estarem duplicados, restando 263 estudos os quais tiveram seus resumos examinados, entretanto, quando o resumo não era suficiente para fornecer dados para a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foi realizado o exame do texto completo.

Posteriormente à realização dos procedimentos acima descritos, foram selecionados 63 trabalhos para comporem o corpo desta revisão sistemática de literatura, destes, 19 foram

rejeitados por não ter sido possível acesso ao seu conteúdo na íntegra, restando um total de 44 artigos que compuseram o corpo desta revisão.

3.2.2 Divulgação da revisão

De acordo com Galvão e Ricarte (2019) a forma usual de divulgação dos resultados obtidos nas revisões sistemáticas é a publicação destes em periódicos científicos. Existem várias organizações que têm suas atividades voltadas à divulgação e disseminação das revisões sistemáticas. Os autores supracitados ainda destacam a facilidade de publicação de revisões sistemáticas que sigam recomendações rigorosas como a recomendação PRISMA (Galvão e Ricarte, 2019). No cumprimento da última etapa da revisão sistemática, a pretensão é a publicação do artigo de revisão sistemática na revista latino-americana *Sexualidade, Saúde e Sociedade*. Trata-se de uma revista projetada pelo Centro Latino-Americano de Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM/IMS/UERJ), é uma revista anual, regular, de acesso livre, gratuito e aberto.

3.3 Procedimentos para a análise de dados

Para interpretação e análise dos dados obtidos na revisão sistemática de literatura, foi utilizado o método de análise interpretativa do conteúdo. Dentro do campo das Ciências Humanas e Sociais, a análise de conteúdo é recorrentemente utilizada como método de apreensão da comunicação, sendo o método mais comumente utilizado para análise de dados das pesquisas qualitativas (Minayo, 2000), entretanto, este método não é utilizado exclusivamente em pesquisas qualitativas, podendo também ser aplicado em pesquisas quantitativas (Silverman, 1993).

A análise de conteúdo tem por finalidade descrever um conteúdo durante um processo de comunicação verbal ou escrita. Por isso, ela é composta por diversas técnicas sistemáticas com indicadores que podem ou não ser quantitativos, possibilitando um processo de inferência (Bardin, 2011).

Como dito, o método da análise de conteúdo se utiliza de técnicas diferentes. Atendendo ao objetivo de analisar os conteúdos em destaque nas publicações com relação à poliafetividade e como vêm sendo desenvolvidos, optou-se pela utilização da técnica de análise temática ou categorial. Essa técnica se constitui na fragmentação do texto em categorias com reagrupamentos dos conteúdos correlatos (Minayo, 2000). Este procedimento tem como intuito identificar e destacar os eixos que compõem a comunicação. Para tanto, atenta-se para a frequências do aparecimento destes eixos dentre os formatos de dados seccionados e comparados ao invés de atentar para a dinâmica e

arranjo destes dados (Bardin, 2011). Minayo (2000) corrobora com esta ideia ao afirmar que se trata de uma técnica bem embasada, fundamentada na significação e regularidade.

Foram utilizados como suporte para a sistematização e posterior análise dos dados, os softwares gratuitos *IRaMuTeQ* (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*) e o *StArt* (*State of the Trough Sistematic Review*).

O *StArt*, é um software que foi desenvolvido pelo laboratório de pesquisa em engenharia de software da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). O programa auxilia na organização e categorização da revisão sistemática de literatura. Esta ferramenta está dividida em (*Planningque, Execution e Summarization*) protocolo, execução e sumarização. Dentro da aba protocolo foram especificados os objetivos, a pergunta problema, os critérios de inclusão e exclusão, as palavras chave, as línguas dos trabalhos, e os buscadores (*strings* de busca) e o classificador qualitativo. Na interface de execução, foram definidos quais os trabalhos seriam aceitos ou rejeitados. Já na aba da sumarização, foi possível a visualização das informações categorizadas na forma de gráficos, redes e fluxogramas (Hernandes *et al.*, 2012).

O *IRaMuTeQ* é um software desenvolvido sob licença GNU GPL (v2), com código aberto a modificações. A licença GNU GPL torna possível a contribuição de terceiros em modificações, protegendo o programa de cópias e falsificações. Essas modificações, realizadas via licença, não podem ser comercializadas. O software *IRaMuTeQ* ainda utiliza a linguagem de programação Python e o ambiente estatístico do software R, que é também *open source*. O referido programa viabiliza a realização de análises de dados textuais tanto simples quanto multivariados por meio da organização e distribuição do vocabulário de maneira objetiva e dentro de formas visualmente perceptíveis (Camargo, 2013).

Na utilização do *IRaMuTeQ* foram realizadas as seguintes etapas: preparação e codificação dos resumos dos artigos; após essa etapa foram feitas as análises da classificação hierárquica descendente (CHD), realizada pelo processamento dos dados e interpretação das classes (que o software juntou) em ST (segmento de texto) que apresentaram vocabulários semelhante entre si em uma classe, se diferindo de outras classes. O processamento do *corpus*, foi realizado em 15 segundos, separados em 242 segmentos de texto (ST), com aproveitamento de 222 STs (91,74%). Emergiram 8.492 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), sendo 2.302 palavras distintas e 1.457 com uma única ocorrência. Possibilitando o delineamento de cada classe gerada, permitindo um agrupamento dos conteúdos que apresentaram similitudes (Salviati, 2017).

Para atender ao objetivo de análise das ideias mais difundidas com relação à poliafetividade e como vêm sendo desenvolvidas, também fora realizada uma análise de conteúdo temática. Neste sentido foi realizado um desmembrado em partes para explorar as ideias expressas, procurando identificar os núcleos de sentido presentes nas mensagens. A fase inicial de pré-análise implicou na organização inicial das ideias e na seleção do material, seguida pela codificação, onde foram estabelecidas regras precisas para representar os conteúdos. As unidades de registro corresponderam aos segmentos de texto categorizados para análise, enquanto as regras de enumeração determinaram a contagem dos temas. A codificação envolveu a definição de unidades de registro e contexto, juntamente com as regras de enumeração para contar os temas. Os resultados foram organizados em uma matriz booleana, possibilitando uma análise automática da frequência de aparição dos temas no *corpus* textual. Por fim, para analisar as questões epistemológicas de fundo presentes nas publicações encontradas sobre poliafetividade, foi conduzida uma análise das bases epistemológicas presentes nos artigos do *corpus* sobre poliamor. Os artigos foram categorizados em sete classes e, em seguida, foram levantadas as referências bibliográficas utilizadas em cada classe. Identificaram-se as referências mais citadas e utilizadas, revelando as principais fontes teóricas e empíricas que embasaram os estudos sobre poliamor em diferentes contextos. Uma análise quantitativa das repetições e frequências das referências mais utilizadas foi realizada, juntamente com uma análise qualitativa das teorias empregadas nos estudos. Isso incluiu uma reflexão crítica sobre como essas teorias contribuíram para entender as dinâmicas relacionais e identitárias nos relacionamentos não monogâmicos.

3.4 Análise temática de conteúdo

A análise de conteúdo tem sido frequentemente utilizada no âmbito das ciências sociais quanto das ciências humanas sendo considerada a técnica mais elegida nas pesquisas qualitativas para o tratamento de dados segundo Minayo (2000), entretanto, ela não se restringe apenas à abordagem qualitativa, apresenta também perspectivas de análise quantitativa em seu estágio inicial quando realiza contagens de frequências dentro do *corpus* textual da análise. Estas contagens têm como intuito uma sistematização e organização dos dados que serão posteriormente interpretados dentro de um ponto de vista sócio-histórico que compreende a realidade social em que estão/estavam inseridos os sujeitos autores do material. Neste sentido, a análise de conteúdo contempla uma proposta que explicita, sistematiza o conteúdo das mensagens com intuito de produzir inferências consubstanciadas sobre elas (Bardin, 2010).

A análise de conteúdo possui uma função heurística, de descoberta e criação que objetiva o enriquecimento da pesquisa exploratória propiciando descobertas e o levantamento de hipóteses ao realizar o exame de mensagens pouco investigadas anteriormente e uma função de administração da prova, ou seja, servem como embasamento para a verificação de hipóteses ainda não confirmadas (Bardin, 2010).

Trata-se de uma análise empírica, ou seja, não é desenvolvida a partir de um modelo exclusivo, todavia, requer cumprimento de regras base essenciais à sua operacionalização. Por esta razão, ela reúne estruturas semânticas e sociológicas (Minayo, 2000; Bardin, 2010).

É estruturada por três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados e interpretação, contudo, apesar da estruturação ser direcionada por estas fases, os contornos da análise são decididos por fatores como a fundamentação teórica, o tipo de comunicação que é submetida à análise, o tipo de investigação a que se propões e o problema de pesquisa (Bardin, 2010).

São variadas as técnicas utilizadas para a análise de conteúdo, tais como: a) análise da enunciação; b) análise das relações; c) análise da expressão; d) análise de conteúdo ou temática; e) análise de avaliação representacional (Minayo, 2000; Bardin 2010).

Nesta pesquisa, foi utilizada a análise de conteúdo temática, que obedeceu sistematicamente às três fases e teve como contornos a fundamentação teóricas aqui elencadas sendo posteriormente descrita com riqueza de detalhes.

Dando prosseguimento às análises pretendidas para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa, neste tópico foram descritos todos os procedimentos e resultados da análise temática de conteúdo realizada. O *corpus* da análise é constituído pelos artigos científicos que foram obtidos na revisão sistemática de literatura previamente descrita. Para tanto, a técnica que fora utilizada para execução desta análise está fundamentada na técnica de análise temática de conteúdo proposta pelos autores Laurence Bardin (2010), Gomes (2007) e Minayo e Deslandes (2007).

Bardin (2010), Minayo e Deslandes (2007) sugerem que para a devida organização de uma análise, esta deva ser realizada em etapas, que foram denominadas pela primeira autora como sendo “polos cronológicos” (Bardin, 2010, p.124). Estas etapas são constituídas de uma pré-análise, seguida da exploração do material, sendo então finalizada com o tratamento dos resultados, as inferências e a interpretação dos dados obtidos (Bardin, 2010; Minayo e Deslandes 2007).

A fase de tratamento dos dados ocorreu dentro dos parâmetros estabelecidos para o tratamento de dados quantitativos, assim como comentam Minayo e Deslandes (2007). As

inferências realizadas sobre esses resultados partiram de “deduções lógicas” (Bardin, 2010, p. 45) que constroem um retrato do material analisado perquirindo a interpretação destes dados em busca de respostas implícitas. À vista disso, destaca-se uma característica que é inerente à análise de conteúdo, a viabilidade de inferir sobre os dados buscando construir ou reconstruir determinadas representações que se dão pelas vias sintáticas, semânticas e lexicais (Gomes, 2007; Bauer 2002). Isto confere maior significância aos resultados da análise ao permitir que o pesquisador ultrapasse os dados de análise do material relacionando os significados semânticos e sintáticos às estruturas sociológicas presentes que se expressam por intermédio dessas mensagens analisadas (Gomes, 2007; Saussure, 2008).

Estão descritos nos próximos tópicos todas as referidas etapas, bem como os procedimentos implementados para a realização das mesmas, finalizando com os seus resultados e discussão.

3.4.1 Pré-análise

Bardin (2010) afirma que a pré-análise é a etapa em há efetivamente uma organização que operacionaliza e sistematiza as primeiras ideias acerca da análise. Esta organização prévia permite que essas ideias iniciais sejam esquematizadas com precisão para a execução de procedimentos que são sucessivos dentro do plano da análise, ou seja, na pré-análise, elabora-se um plano conciso do desenvolvimento das futuras ações que se sucederão dentro dos propósitos da análise.

Esta sistematização pode ser ou não, feita por meio da utilização do computador, entretanto, esta deve permitir que novos procedimentos possam ser realizados no decorrer da análise, caso estes sejam necessários. São finalidades desta fase a seleção dos documentos que serão submetidos à análise bem como a proposição de hipóteses, objetivos e indicadores que consubstanciarão a interpretação final. À vista disso, nesta fase, são realizadas as coletas dos documentos que serão analisados, bem como a elaboração de hipóteses e dos objetivos. A preparação destes elementos é que fundamentam uma interpretação final (Bardin, 2010).

Nesta pesquisa, realizou-se a etapa de pré-análise por meio da execução da revisão sistemática de literatura, realizada com auxílio do software StArt. Esta etapa fora alcançada por meio de procedimento de exploração com técnica sistemática (recomendação PRISMA), que fora concretizada e devidamente descrita anteriormente Esta etapa permitiu a escolha e organização dos textos que delimitaram o *corpus* da análise, sendo este constituído pelas produções acadêmicas internacionais, localizadas nas bases de dados pré-estabelecidas e supra

informadas, no formato de artigo científico, que versam sobre o poliamor. A pré-análise também serviu para uma aproximação inicial com os 44 textos que a compõem e constituem o *corpus* da análise.

Além disso, considerou-se que as diretrizes estabelecidas por Bardin (2010) para a pré-análise foram obedecidas. As regras estabelecidas pela autora são: a) de exaustividade (contabilização de todos os elementos do *corpus*), b) de representatividade (caso se tratar de uma amostra, esta deve ser uma parcela representativa de todo o universo preambular), c) de homogeneidade (obediência à critérios rigorosos de seleção) d) de pertinência (as fontes de informação, ou seja, os documentos selecionados, devem ser pertinentes tendo correspondência com os objetivos que desencadeiam a análise). Considera-se que os documentos selecionados se adequaram aos objetivos e à questão de investigação da pesquisa.

Finalizada a fase de definição do *corpus* e formulação das hipóteses e objetivos, a próxima fase consistiu em estabelecer e organizar indicadores de forma sistemática visto que a técnica de análise proposta (análise temática) se traduz na descoberta desses indicadores (núcleos de sentido) que se apresentam na comunicação, sendo a sua presença relevante para o processo analítico que é também o objetivo da pesquisa (Bardin 2010, Gomes 2007). No que tange esta pesquisa, foi necessário definir as unidades de registro e de contexto, bem como os trechos que se apresentaram como sendo relevantes e as categorias nas quais esses trechos se inserem (Minayo e Deslandes 2007).

3.4.2 Codificação

Na fase de codificação foi realizado o tratamento do material, ou seja, foi efetivada uma codificação. Ela pode ser descrita como o estabelecimento de regras e critérios precisos, fazendo com que alguns recortes dos textos alcançassem uma unidade de representação destes conteúdos, sendo capazes de trazerem clareza sobre características das produções científicas que foram analisadas. A codificação realizada consistiu em duas escolhas, foram elas: a) definição de unidades de registro e de contexto; b) definição das regras de contagem (Bardin 2010).

3.4.2.1 Unidades de registro e contexto

As unidades de registro correspondem aos seguimentos de texto (conteúdo) que são elencados para a análise. Trata-se de uma unidade de base tendo por objetivo categorizar e possibilitar uma contagem frequencial destas unidades. Considerando que o campo do *corpus*

era constituído por artigos científicos, as unidades de registro e de contexto foram devidamente selecionadas sendo a unidade de registro o tema e, a unidade de contexto, os tópicos conceituais que estão inseridos dentro dos textos dos artigos científicos. Levando-se em consideração que estes materiais (artigos científicos) são universalmente padronizados por normas de trabalho científico que estabelecem uma estrutura textual, todos os documentos apresentavam elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais. Dentro dos elementos textuais encontram-se as introduções e as revisões bibliográficas e são nestas que estão inseridos os temas sobre o poliamor, tais como o conceito, origem do termo, dificuldades enfrentadas e contexto social (Bardin, 2010).

Os temas podem ser compreendidos como fragmentos de texto que trazem um recorte de ideias representativas de acepções e definições que possam ser destacáveis dentro do todo textual. Dentro desta acepção, Bardin (2010, p.135) discorre que executar uma análise temática consiste no desvelamento dos “núcleos de sentido” que conforme a presença e a frequência podem trazer elementos e características dos objetos analíticos escolhidos.

3.4.2.2 Regras de enumeração

Enquanto a unidade de registro é constituída por aquilo que se conta, a regra de enumeração se constitui pelo como se conta, ou seja, o modo pelo qual a contagem é realizada. Deste modo, o tema geral foi enumerado pelos números cardinais 1, 2, 3 e 4 e seus subtemas foram enumerados com a utilização de letras do alfabeto conjuntamente aos números. A seguir, estão representados os temas (ideias) pelos quais se buscou a presença ou ausência dentro do *corpus*. No intuito de dar uma amplitude a esta análise temática, realizou-se uma divisão de temas (unidade de registro) em quatro grupos, sendo estes também subdivididos em outros subtemas conforme observa-se no Quadro 3.

Para organização dos resultados da aplicação das enumerações na análise dos textos, estes foram organizados e apresentados em uma matriz booleana. Inicialmente, considerou-se a presença ou a ausência destes temas em frequência não ponderada. Essa matriz foi confeccionada por meio da utilização de técnica que se apropria da linguagem computacional e está representada na tabela V. As matrizes booleanas que podem também ser denominadas matrizes binárias, são matrizes (arranjos matemáticos de elementos como números e caracteres) que têm seus elementos pertencentes ao conjunto $\{0,1\}$, esses elementos são denominados como valores verdade, sendo o elemento 1 tendo a notação de verdadeiro e o elemento 0 de falso, o que significa dizer que na presença do tema foi atribuído o elemento 1 e em sua ausência o elemento 0. Isso permitiu uma automatização na construção dos dados relativos à

porcentagem de aparição de determinados temas no *corpus* textual pois estes cálculos foram gerados automaticamente dentro do programa computacional Excel®.

A matriz booleana foi utilizada como matriz de dados brutos o que permitiu que posteriormente, após a categorização, fosse construída a matriz de coocorrência. As matrizes de coocorrência são uma ferramenta de “medida de coocorrência (análise de contingência)” apresentada por Bardin (2010, p. 142-143). A coocorrência configura-se pelo aparecimento (ocorrência) de mais de uma unidade de registro dentro de uma mesma unidade de contexto, e sua medida se dá via a constatação de como estes elementos estão distribuídos e também da associação destes.

3.5 Análise das bases epistemológicas de fundo

Para atender ao último objetivo específico, efetuou-se uma análise das bases epistemológicas de fundo presentes nos artigos do *corpus*. Para tanto, os artigos foram categorizados dentro das sete classes previamente estabelecidas na análise anterior. Posteriormente, para cada classe de artigos, foi realizado um levantamento das referências bibliográficas utilizadas. Isso incluiu identificar as referências citadas pelos autores dos artigos para embasar seus estudos e análises.

Após o levantamento das referências, foi identificado quais eram os artigos mais citados e mais utilizados dentro de cada classe. Essa análise permitiu identificar as principais fontes teóricas e empíricas que embasaram os estudos sobre poliamor em cada contexto específico.

Foi realizada uma análise quantitativa das repetições e frequências das referências mais utilizadas em cada classe de artigos. Isso incluiu calcular a porcentagem de artigos que citaram determinadas referências e identificar aquelas que foram mais recorrentes em diferentes estudos.

A partir da análise das referências mais utilizadas, foi possível identificar as bases epistemológicas de fundo que embasaram os estudos sobre poliamor. Isso incluiu teorias como a Teoria do Apego, Teoria do Discurso, Teoria da Heterossexualidade Compulsória, entre outras, que foram frequentemente citadas e utilizadas para fundamentar as análises.

Além da análise quantitativa das referências, também foi realizada uma análise qualitativa das teorias utilizadas nos estudos sobre poliamor. Isso envolveu uma reflexão crítica sobre como essas teorias contribuíram para a compreensão das dinâmicas relacionais, identitárias e sociais presentes nos relacionamentos não monogâmicos.

Por fim, foram realizadas comparações entre as diferentes classes de artigos e identificadas semelhanças e diferenças nas bases teóricas utilizadas. Isso permitiu uma análise mais ampla das abordagens teóricas adotadas nos estudos sobre poliamor e suas implicações para a compreensão desses fenômenos.

CAPÍTULO IV

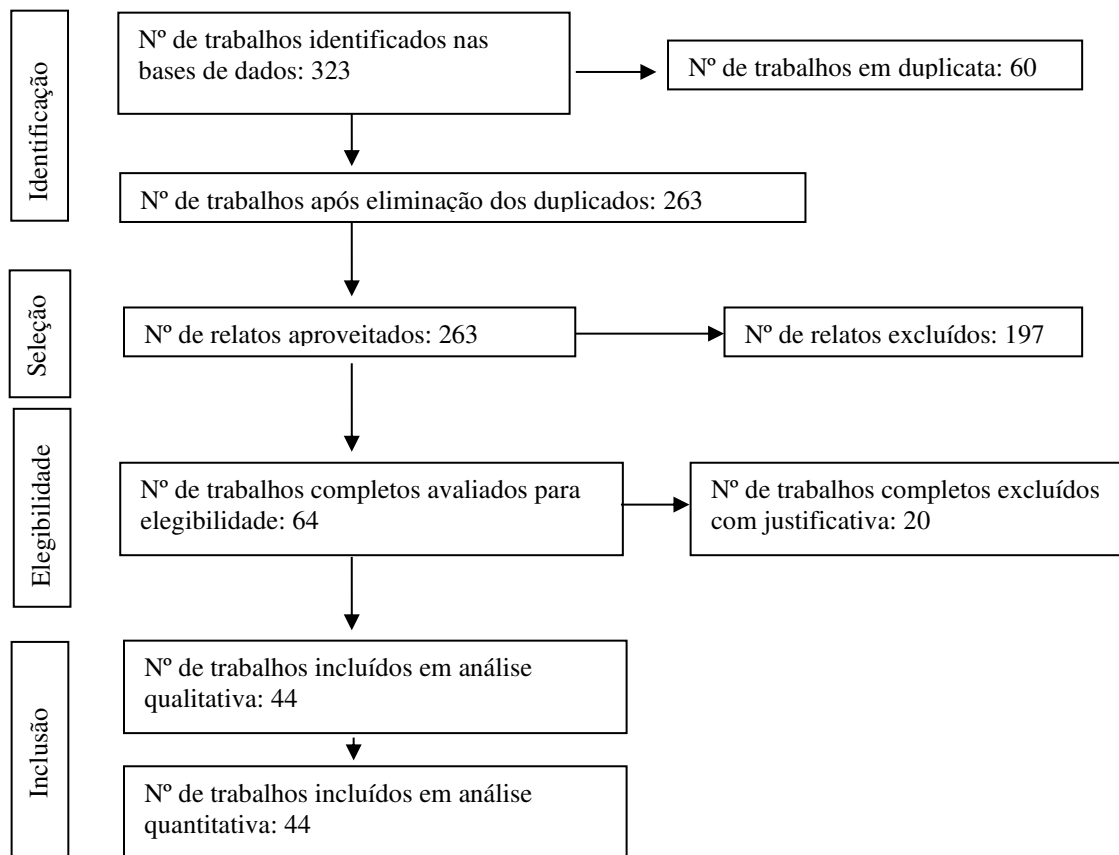
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo trata da apresentação dos resultados encontrados na pesquisa das produções acadêmicas sobre o poliamor no período de 2012 a 2022 bem como sua discussão, à luz das teorias de base elencadas para este estudo. O capítulo está organizado por subtítulos estruturados a partir dos objetivos.

4.1 Conhecendo as produções acadêmicas sobre o poliamor de 2012 a 2022

Os 44 trabalhos selecionados para comporem o *corpus* desta revisão sistemática de literatura, estão apresentados na Figura 2, um fluxograma inicial ilustrativo da revisão com as fases efetivadas na seleção dos artigos.

Figura 2 - Fluxograma da seleção dos artigos, período de 2012 a 2022.



Fonte: Dados da pesquisa, (2022).

A síntese do procedimento de seleção das publicações, conforme descrito na Figura 2, busca trazer uma imagem de como se chegou ao resultado de 44 artigos para melhor orientar a

apresentação e discussão dos resultados. Somados, os números de artigos encontrados em cada base de dados, o resultado foi de 323 artigos encontrados. Dentre este total, 60 eram artigos que eram duplicados, ou seja, foram encontrados os mesmos artigos em bases de dados distintas 60 vezes, o que reduziu o número de artigos para 263. Estes artigos foram então submetidos à fase de seleção, onde foram aplicados os critérios de inclusão e exclusão, neste processo, foram excluídos 197 artigos resultando em 64 artigos elegíveis para a análise. Deste total, 20 foram excluídos com justificativa restando então os 44 artigos da revisão sistemática que foram submetidos às análises qualitativas e quantitativas.

Os resultados serão apresentados a seguir, a partir de um conjunto de variáveis estabelecidas na coleta, sendo elas: ano de publicação, autoria, país em que a pesquisa foi realizada, técnica de coleta de dados utilizada e o total de participantes de cada pesquisa.

O Quadro 2 apresenta os dados extraídos dos referidos trabalhos, são eles: ano, autoria, países onde os dados foram coletados, a técnica de coleta de dados e o espectro de alcance do público das pesquisas.

Quadro 2 - Categorização das publicações por autoria, data, técnica de coleta de dados, autores e coautores, assim como o espectro de alcance do público.

Nº	Ano de publicação	Autoria	País(es) em que a pesquisa foi realizada	Técnica de coleta de dados utilizada	Total de participantes
1	2022	Rodríguez-Castro, Y.; García Manso, A.; Martínez-Romaín, R.; Aguiar-Fernández, F.X.; Peixoto Caldas, J.M.	Espanha	Entrevista	11 pessoas que se encontravam numa relação poliamorosa.
2	2022	Kelberga, A.; Martinsone, B.	Letônia	Entrevista e questionário	Total: 596 pessoas, 103: não consensuais não monogâmicos. 135: poliamorosos. 204: swinging, 154: relacionamento aberto.
3	2022	Molefi, S; Gutura, P., Eskell Blokland, L. M.	África do Sul	Entrevistas	7 pessoas em relacionamentos poliamorosos.
4	2022	Pilão, Antônio Cerqueira	Brasil	Entrevista e observação participante	Não foram descritos no texto.
5	2022	Roodsaz, R.	Holanda	Entrevista e observação participante	30 pessoas em diferentes construções de relacionamentos não monogâmicos.

6	2021	Kelberga, A.; Martinsone, B.	Letônia	Entrevista e questionário	Total: 1238 pessoas, 641 monogâmicos, 596 não monogâmicos
7	2021	Cubells, J. S., Sánchez, A. S., Mendonza, P. A., Nagel, N. E., Rivera, M. J. B.	Espanha, Chile, México, Argentina, Venezuela, Romênia, Portugal, Itália (entre outros)	Questionário	1235 pessoas
8	2021	Castro, A.	Itália	Entrevista	20 homens italianos e 02 com dupla nacionalidade
9	2021	Moors, A.C., Schechinger, H.A., Balzarini, R., Flicker, S.	EUA	Questionário	339 pessoas envolvidas em não monogamia consensual (várias modalidades) com pelo menos dois parceiros.
10	2021	Cardoso, D., Rosa, A., Silva, M. T.	Portugal	Mista – análise de conteúdo e análise crítica do discurso	Não foram descritos no texto.
11	2021	Flicker, S.M., Sancier, F.B, Moors, A.C, Browne, L.	EUA	Questionário	585 pessoas
12	2021	Rodrigues, D.L, Lopes, D., Huic, A.	Portugal	Questionário	202 pessoas
13	2021	Wood, J., Quinn-Nilas, C., Mihausen, R., Demarais, S., Muise, A., Sakaluk, J.	Canadá e EUA	Questionário	112 pessoas
14	2021	Pilão, A. C.	Brasil	Pesquisa etnográfica	Pessoas LGBT
15	2021	Schadler, C.	Áustria	Entrevista	Pais que fazem parte de redes poliamorosas – redes de três, quatro ou até mais pais residenciais ou altamente disponíveis.
16	2021	Roodsaz, R.	Holanda	Observação etnográfica e entrevistas aprofundadas	30 pessoas em diferentes construções de relacionamentos não- monogâmicos.
17	2021	Landry, A., Arseneau, E., Darling, E. K.	Canadá	Entrevista	24 pessoas, 11 parturientes e 13 de seus parceiros (pessoas que se identificaram como poliamorosas durante a gravidez e o parto.
18	2021	Cardoso, D., Pascoal, P. M., Maiochi, F. H.	Portugal	Questionário	463 pessoas
19	2021	Arter, J., Bunge, S.S.	EUA	Entrevista semiestruturada	51 pessoas
20	2020	Lecuona, O., Suero, M., Wingen, T., Rivas, S.	Espanha	Questionário	372 pessoas sendo 193 não monogâmicos

21	2020	Barrada, J. R., Castro, A.	Espanha	Questionário	1261 estudantes universitários
22	2020	Hangen, F., Crasta, D., Rogge, R. D.	EUA	Entrevista	1658 pessoas
23	2020	Rubel, A. N., Burleigh, J. T.	EUA	Observação participante	927 pessoas
24	2020	Mogilski, J.K, Mitchell, V. E, Reeve, S. D., Donaldson, S. H., Nicolas, S. C.A, Welling, L. L.L. M.	EUA	Questionário	783 pessoas
25	2020	Costa, P. A., Ribeiro, G., Alberto, J.	Portugal	Questionário	1725 pessoas
26	2019	GrutýMejer, K., Chajýska, W.	Polónia	Análise temática	20 materiais de declarações de especialistas em psicologia e sexologia
27	2019	Balzarini, R.N., Dharma, C., Kohut, T., Campbell, L., Lehmiller, J., Harman, J. J., Holmes, B. M.	A nacionalidade dos participantes da pesquisa não é informada. Há apenas a informação de que são usuários de redes sociais.	Questionário e entrevista	Estudo 1 -2097 pessoas Estudo 2 -1524 pessoas
28	2019	Rubinsky, V.	A nacionalidade dos participantes da pesquisa não é informada. Há apenas a informação de que são usuários de redes sociais.	Questionário	157 pessoas
29	2019	Kolesar, A. E. A., Pardo, S.T.	EUA	Observação participante	484 pessoas
30	2019	Carlström, C., Anderson, C.	Suécia	Entrevista	22 pessoas
31	2019	Arseneau, E., Landry, S., Darling, E. K.	A nacionalidade dos participantes da pesquisa não é informada. Há apenas a informação de que são usuários de redes sociais nas línguas inglesas e francesas.	Entrevista e questionário	24 pessoas 11 puérperas e 13 parceiras
32	2018	Manley, M.H., Legge, M. M., Flanders, C. E., Goldberg, A. E., Ross, L. E.	EUA e Canadá	Entrevista	21 mulheres bissexuais e plurissexuais com parceiros de gênero diferente
33	2018	Schechinger, H. A., Sakaluk, J. Kichener	EUA e Canadá	Questionário	249 pessoas

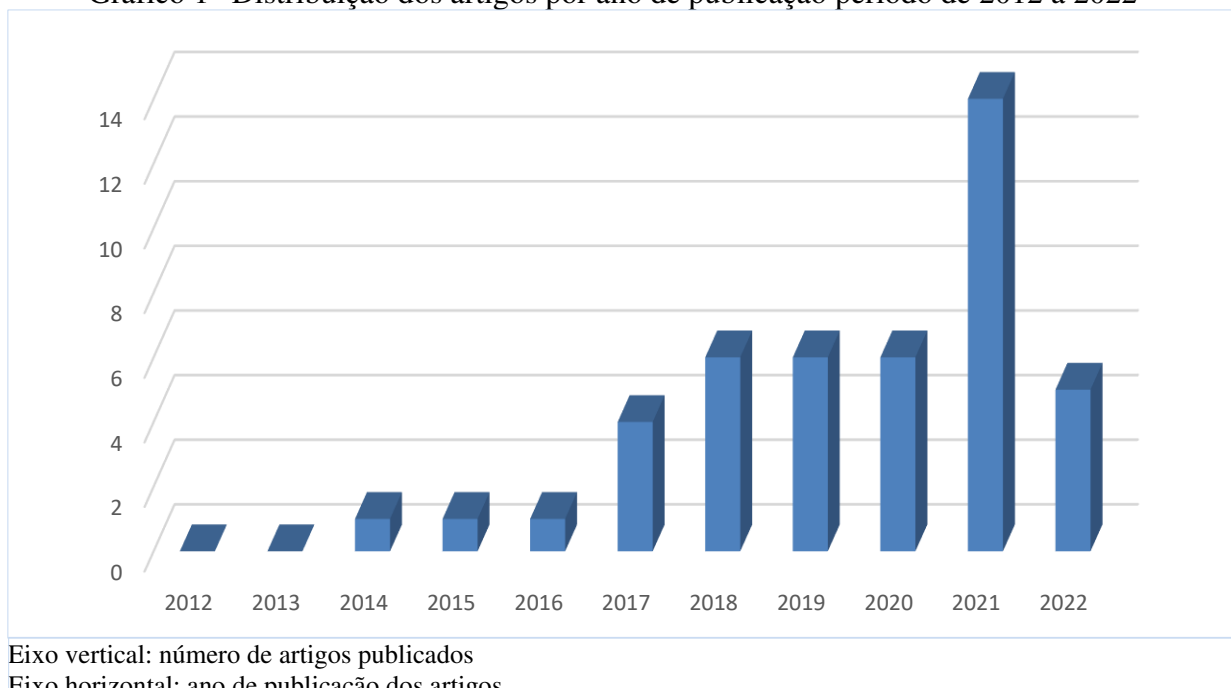
34	2018	Balzarini, R. N., Schumlich, E. J., Kohut, T., Campbell, L.	Canadá	Questionário	641 pessoas
35	2018	Perez, T. S., Palma, Y. A.	Brasil	Entrevista	6 pessoas
36	2018	Ross, L. E., Goldberg, A. E., Tarasoff, L. A.,	Canadá	Entrevista	29 mulheres plurisssexuais parceiras de homens cisgêneros ou transgêneros
37	2018	Navarro, P. P.	Espanha	Entrevista	Pessoas LGBTQ não monogâmicas e ativistas
38	2017	Balzarini, R. N., Campbell, L., Kohut, T., Holmes, B. M., Lehmiller, J. J., Harman, J. J., Atkins, N.	Canadá e EUA		1308 pessoas
39	2017	Mogilski, J. K., Memering, S. L., Welling, L. LM., Shackelford, T. K.	A nacionalidade dos participantes da pesquisa não é informada. Há apenas a informação de que são usuários de redes sociais.	Entrevista	199 pessoas
40	2017	Kean, J.	A nacionalidade dos participantes da pesquisa não é informada.	Entrevista	Não foram descritos no texto.
41	2017	Grunt-Mejer, K., Chanska, W.	Polônia e Reino Unido	Questionário	375 pessoas – 247 de duas universidades polonesas e 128 de uma universidade do Reino Unido.
42	2016	Pilão, A. C.	Brasil	Entrevista e observação participante	Não foram descritos no texto.
43	2015	Goveia, V. V., Mendes, L. A. C. M., Freire, S. E. A., Freires, L. A., Barbosa, L. H. G. M.	Brasil	Questionário	50 estudantes universitários
44	2014	Anderson, E.	Reino Unido	Entrevista	40 estudantes heterossexuais

Fonte: Dados da pesquisa, (2022).

Considerando-se a distribuição anual das publicações, foram obtidos os seguintes dados: nos anos 2012 e 2013 não houve nenhuma publicação relacionada ao tema. O ano de 2021 foi o que concentrou o maior número de publicações com 14 artigos, seguido dos anos de 2020, 2019 e 2018 com seis trabalhos cada, respectivamente. Conjectura-se que o aumento da

produção acadêmica no ano de 2021 possa ter relação com a pandemia de COVID-19. Os dados relativos aos anos e o número de publicações foi representado no Gráfico 1, a seguir:

Gráfico 1 - Distribuição dos artigos por ano de publicação período de 2012 a 2022



Eixo vertical: número de artigos publicados
Eixo horizontal: ano de publicação dos artigos

Fonte: Dados da pesquisa, (2022).

Os dados fornecidos revelaram a distribuição das publicações ao longo dos anos, com uma ausência notável nos anos de 2012 e 2013, seguida por um aumento significativo em 2021, marcado por 14 artigos relacionados ao tema. A conjectura de que o aumento da produção acadêmica em 2021 possa estar relacionado à pandemia de COVID-19 é plausível, considerando o impacto significativo que esse evento teve nas agendas de pesquisa.

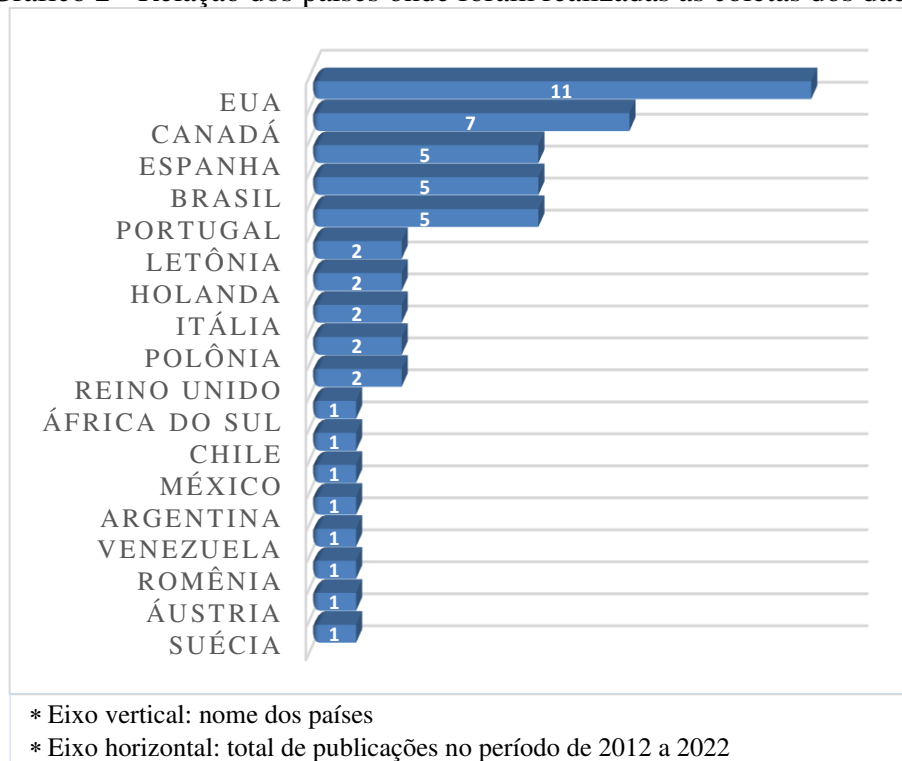
A incipiência da produção científica sobre o poliamor, pode ser interpretada pelo fato deste tema ser relativamente novo no meio acadêmico. Reiterando, os trabalhos de Barker e Langdrige (2010), Oppenheimer (2011); Pappas (2013); Rubel e Bogaert (2015) embora apontem para um aumento gradativo das produções acadêmicas, Ferrer (2018) argumenta que tal tema ainda se encontra em um estado incipiente.

Com relação à autoria, verificou-se que as 44 publicações, computaram um total de 100 autores, ou seja, 33 publicações com mais de um autor, 11 publicações com somente 01 autor. Averiguou-se também a inexistência da presença de um mesmo grupo de pesquisadores em mais de uma publicação. Rhonda Balzarini, Lorne Campbell, Taylor Kohut, Amy Moors e Antônio Pilão, com formação em psicologia e sociologia, respectivamente, que são identificados como autores de quatro e três trabalhos, nesta ordem, ou seja, 9,09% e 6,81% do

total de trabalhos desta revisão. Vale ressaltar que dentre os autores supracitados, o último é o único da América Latina tendo nacionalidade brasileira.

No tocante aos países onde as pesquisas foram realizadas, foi possível identificar uma concentração significativa em alguns países, especialmente nos Estados Unidos, Canadá, Espanha, Brasil e Portugal. Como é possível visualizar no Gráfico 2 a seguir.

Gráfico 2 - Relação dos países onde foram realizadas as coletas dos dados

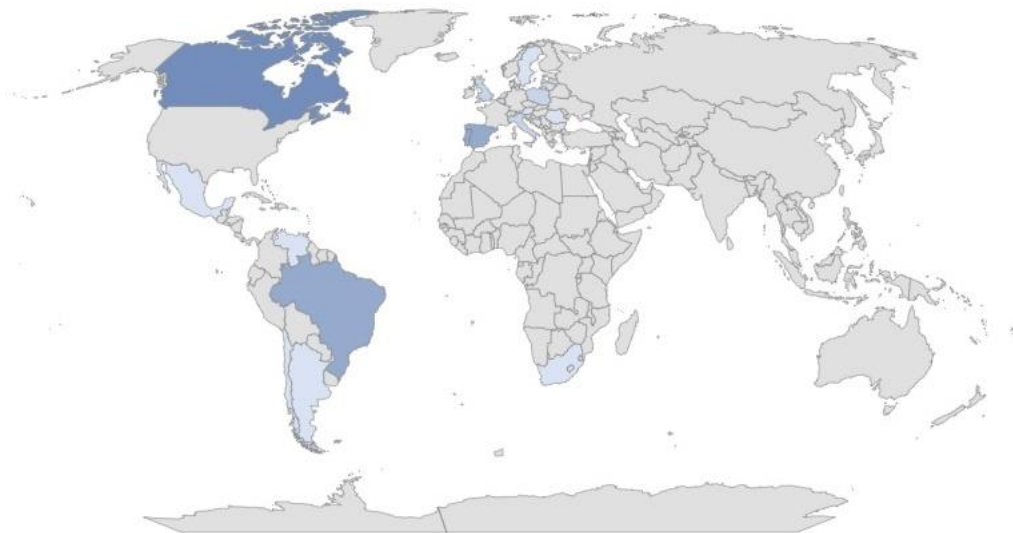


Fonte: Dados da pesquisa, (2022).

Estes dados podem refletir não apenas a disponibilidade de recursos e infraestrutura de pesquisa nesses países, mas também aspectos como tradições acadêmicas, investimentos em ciência e tecnologia, e interesse local pelo tema em questão. A presença desses países como líderes na produção de estudos sugere uma dinâmica globalizada na pesquisa científica, com colaborações e intercâmbios de conhecimento ocorrendo entre diferentes regiões do mundo. Na Figura 3 é possível visualizar a distribuição geográfica das pesquisas e a concentração espacial descrita.

A existência de uma concentração espacial da produção tecno-científica já fora descrita há quase duas décadas atrás, no ano de 2007, pelo sociólogo Fernando Antônio Ferreira de Barros embasado pelos dados produzidos pelo *Observatoire des Sciences et Techniques* (Observatório de Ciência e Tecnologia), onde esta concentração aparecia como uma tendência que se expandia na atualidade.

Figura 3 - Origem geográfica das produções científicas sobre relações consensualmente não monogâmicas - período de 2012 a 2022.



Fonte: Dados da pesquisa, (2022).

Segundo o referido autor, a promessa de disseminação global da produção do conhecimento científico estava inserida no âmago ideológico do processo de globalização, no entanto, esta foi uma previsão que não se concretizou. A inserção desigual dos países na economia global, teve também suas desigualdades e assimetrias também evidenciadas no que se refere à capacidade tecnológica e ao conhecimento. Este cenário de grandes desigualdades econômicas resulta em carências e instabilidades de investimentos em educação, ciência e tecnologia, o que tem reflexo direto na produção científica e em sua distribuição em âmbito mundial. Não só a concentração de investimentos na ciência tem influência neste resultado, mas outros fatores também estão relacionados como, por exemplo, a concentração dos pesquisadores nos territórios. Assim sendo, as produções científicas ficam concentradas não apenas em blocos geográficos mas em países específicos, como os Estados Unidos que figurou como o centro da produção científica durante toda a década de 1990 e outros países tais como, Japão, Alemanha, Reino Unido e França.

Ainda segundo Barros (2007), países como Canadá, Nova Zelândia e Austrália são considerados como intermediários, conseguiram uma equiparação da produção científica e padrões de desenvolvimento que se equiparam aos países líderes, já países de economias emergentes como China, Índia e Brasil, têm demonstrado um fortalecimento entretanto, a realidade de concentração tecnológica e científica ainda não pôde ser superada.

Cabe salientar que os países orientais que têm sua cultura majoritariamente fundadas nas religiões de matrizes islâmicas, budistas, judaístas, hinduísta, não apresentam nenhuma publicação sobre o assunto. Na parte ocidental, aparece a África do Sul que tem uma publicação e detém uma grande variedade de crenças religiosas (Statistics South Africa, 2022) e Holanda (CBS, 2021) onde a maioria da população não se identifica com uma religião. Já as populações dos outros países, tem em sua maioria cristãos sendo estes: EUA (protestantes, católicos e mórmons), Canadá (católicos e protestantes), Espanha (católicos), Brasil (católicos, evangélicos e espíritas), Portugal (católicos, protestantes, ortodoxos, testemunhas de Jeová, espíritas e anglicanos), Letônia (luteranos, católicos, ortodoxos, batistas, ortodoxos da velha crença, adventistas do sétimo dia, testemunhas de Jeová e metodistas), Holanda, (católicos e protestantes da Igreja Protestante da Holanda), Itália (católicos romanos, ortodoxos, protestantes sendo estes: valdenses, batistas, anglicanos, presbiterianos, calvinistas, luteranos, metodistas, assembleianos dei Frateli, mórmons, testemunhas de Jeová e protestantes radicais como: anabatistas, unitaristas, quacres e menonitas), Polônia (católicos, ortodoxos, testemunhas de Jeová e protestantes), Reino Unido (anglicanos, batistas, metodistas, presbiterianos, congregacionalistas e quakers), Chile (católicos e protestantes), México (católicos, protestantes e testemunhas de Jeová), Argentina (católicos, protestantes, testemunhas de Jeová e mórmons), Venezuela (católicos e protestantes), Romênia (ortodoxos, católicos romanos, católicos gregos, protestantes e pentecostais), Áustria (protestantes), Suécia (luteranos). Isto posto, é possível identificar que a maioria dos países que publicaram sobre a temática do poliamor têm população majoritária de cristãos o que corrobora com a afirmação de Dantas (2010, p.704) de que embora o cristianismo não tenha inventado a monogamia, este foi o responsável pela consagração do “modelo cristão de casamento, monogâmico e indissolúvel”, norma moral e religiosa de restrição sexual dentro dos relacionamentos matrimonializados.

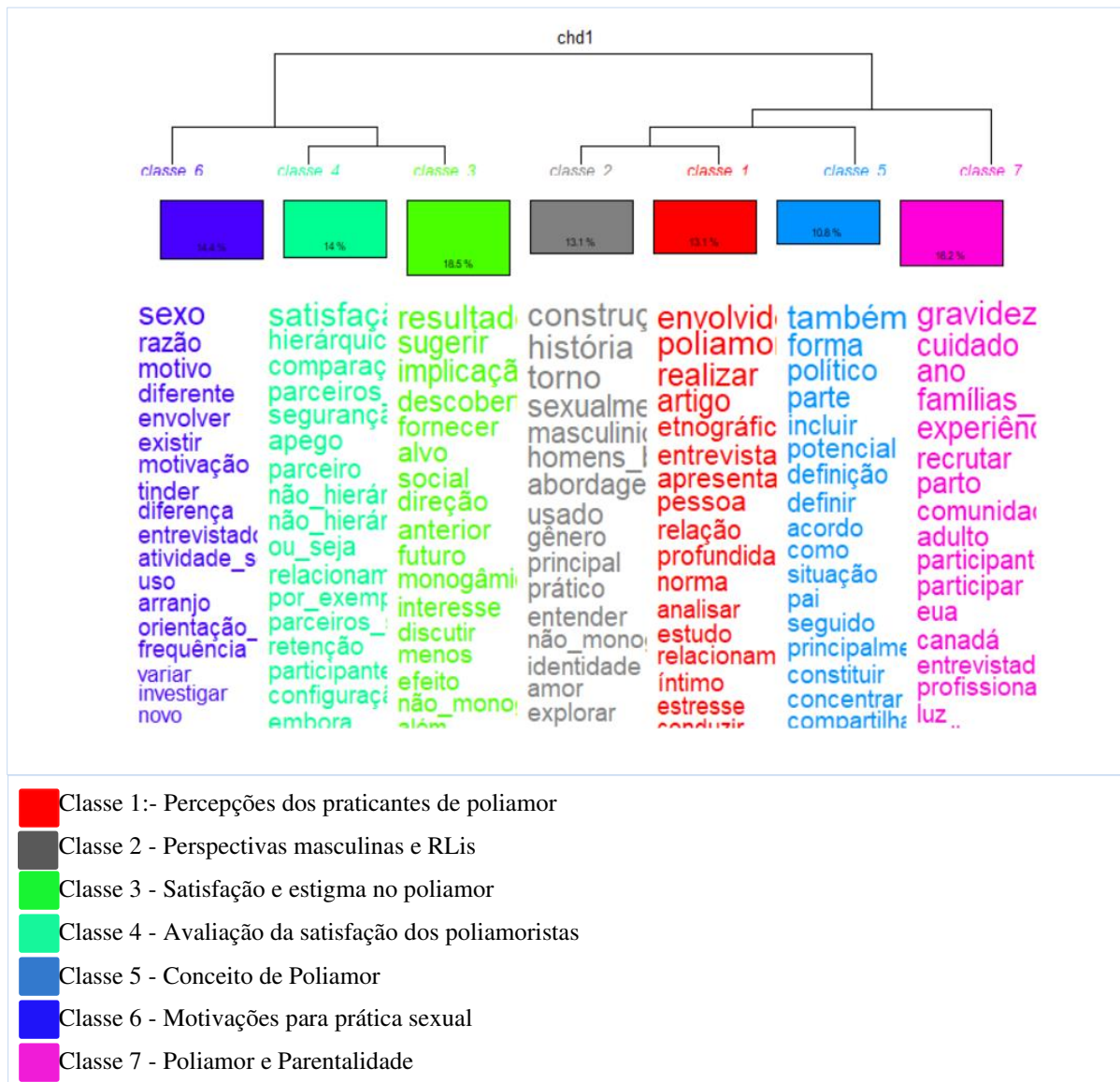
A investigação acadêmica sobre o poliamor enfrenta também uma série de desafios culturais que dificultam uma compreensão plena e abrangente dessa forma de relacionamento e de configuração familiar. Refletem normas sociais e preconceitos arraigados que limitam tanto a aceitação quanto a exploração científica do poliamor. Uma das barreiras mais significativas é o estigma social associado ao poliamor. Em muitas culturas, a monogamia é considerada a norma padrão, enquanto outras formas de relacionamento, como o poliamor, são vistas como desviantes ou moralmente questionáveis. Esse estigma pode desincentivar pesquisadores a se dedicarem ao estudo do poliamor, temendo repercussões pessoais ou profissionais. Muitas tradições religiosas promovem a monogamia como o único arranjo aceitável para relacionamentos e famílias, já as tradições religiosas hinduístas e islâmicas

aceitam a poligamia como arranjo para as relações matrimonializadas e possuem regras rigorosas tais como consentimento e transparência, equidade e tratamento igualitário, regras de coabitação, responsabilidade econômica, gestão de conflitos e estruturas de poder e hierarquia bem delimitados que governam essas dinâmicas relacionais, se distinguindo do poliamor por permitirem essas relações consensualmente não monogâmicas estritamente dentro das relações matrimonializadas. Essas perspectivas religiosas influenciam tanto a sociedade em geral quanto as instituições acadêmicas, criando um ambiente onde o poliamor é frequentemente desvalorizado ou ignorado. A prevalência de visões religiosas conservadoras pode dificultar a obtenção de financiamento para pesquisas sobre o poliamor e limitar o interesse acadêmico no tema. Instituições acadêmicas podem ser relutantes em apoiar pesquisas sobre temas que desafiam normas sociais estabelecidas. Esta resistência pode manifestar-se na dificuldade de obter aprovação ética para estudos sobre poliamor ou na falta de suporte institucional para projetos de pesquisa nessa área. Consequentemente, pesquisadores podem encontrar obstáculos significativos na condução e publicação de seus estudos. Pesquisadores que exploram temas considerados controversos, como o poliamor, podem temer repercussões pessoais, incluindo a desaprovação de colegas, amigos e familiares. Este medo pode levar à autocensura, limitando o número de estudiosos dispostos a investigar o poliamor e a divulgar seus achados publicamente (Montali, *et al.*, 2023).

Em relação à técnica de coleta de dados, observou-se que a mais utilizada foi a entrevista, seguida pelo questionário. A hipótese aqui levantada é de que a entrevista tenha sido mais utilizada por ser capaz de coletar dados sobre as subjetividades dos indivíduos, permitindo que as bases de dados dessas pesquisas sejam consubstanciadas pelas perspectivas e compreensões dos entrevistados, o que se mostra coeso quando também se observa que, de modo geral, o objetivo destas pesquisas é conhecer sobre a vida e as relações dos indivíduos que se consideram e ou praticam a não monogamia dentro dos relacionamentos.

No que se refere à análise de conteúdo da relação entre os objetivos e o alcance de seus resultados, conforme apresentado na Figura 4, foram constituídos 07 agrupamentos, denominados “classes”, em torno dos agrupamentos, sendo, posteriormente, dado a cada agrupamento uma denominação de acordo com os respectivos conteúdos.

Figura 4 - Dendrograma das classes temáticas que emergiram do *corpus* textual referente ao conteúdo dos artigos sobre Poliamor



Fonte: Dados da pesquisa, analisados com o apoio do *software* IRaMuTeQ (2022).

O dendrograma apresentado na Figura 4, indica que o conteúdo analisado foi categorizado em sete classes, a saber: Classe 1 - Percepções dos praticantes de poliamor, com 29 ST (13,06%); Classe 2 - Perspectivas masculinas e RLis, com 29 ST (13,06%); Classe 3 - Satisfação e estigma no poliamor, com 41 ST (18,47%); Classe 4 - Avaliação da satisfação dos poliamoristas, com 31 ST (13,96%); Classe 5 - Conceito de poliamor com 24 ST (10,81%); Classe 6 - Motivações para prática sexual, com 32 ST (14,41%) e Classe 7 - Poliamor e parentalidade, com 36 ST (16,22%). Vale ressaltar que essas sete classes se encontram divididas em duas ramificações (A e B) do *corpus* total da análise. O *subcorpus* A, originou dois *subcorpora*, correspondentes às classes Satisfação e estigma no poliamor e Avaliação da

satisfação dos poliamoristas de um lado e a classe Motivações para prática sexual de outro. E o *subcorpus* B, também originou dois *subcorpora*, correspondentes às classes Percepções dos praticantes de poliamor, Perspectivas masculinas e RLis e Conceito de poliamor (subdivididos) de um lado e a classe Poliamor e parentalidade de outro (ver Figura 3). Identificou-se após análise das classes que o *subcorpus* A apresentou artigos que buscavam discutir e compreender o poliamor por meio de parâmetros mensuráveis, tais como satisfação, estigma e motivações. Já o *subcorpus* B apresentou artigos que buscavam discutir e compreender o poliamor por meio de aspectos imensuráveis, como por exemplo, as perspectivas, percepções e conceitos.

As classes (categorias) são agrupamentos dos textos que foram organizados de acordo com as suas temáticas. Deste modo, cada classe aqui descrita representa uma temática abordada pelos respectivos textos que as compõem. Isto significa que dentro do corpus analisado, encontram-se sete temáticas que permeiam e representam os conteúdos dos artigos.

A classe “Percepções dos praticantes do poliamor” versa sobre as percepções pessoais dos indivíduos enquanto praticantes do poliamor. Os textos que compõem essa classe somam 20 do total de 44 artigos. Os que apresentaram maior significância dentro dessa classe foram os artigos *Understanding polyamory as a form of concurrency to enhance HIV programmes in South Africa: the need to re-conceptualize the partner reduction policy*, *Amar Amores: O Poliamor na Contemporaneidade* e *Living outside protocol: polyamorous orientations, bodies, and queer temporalities* com 172.25, 167.89 e 146.95 de score. Um score mais elevado nesta categoria e subclasse, corresponde a uma associação mais forte com essa categoria em comparação com as demais categorias. Assim sendo, um score mais alto sugere que estes três artigos estão mais intimamente ligados aos elementos representados por esta categoria. Este dado auxilia na compreensão da estrutura e dos padrões existentes nos dados analisados. O artigo “Entendendo o Poliamor Como Uma Forma de Concorrência para Melhorar Programas de HIV na África do Sul” (tradução livre), demonstrou a necessidade de reconceitualizar a política de redução de parceiros, buscou determinar também a relação entre poliamor e HIV. Tem como principais resultados a conclusão de que a prática do poliamor, por si só, não oferece risco de contaminação pelo vírus HIV. Também sugere uma mudança na política de redução de parceiros que é baseada em um modelo matemático e uma sensibilização destes profissionais do Serviço Social em relação ao poliamor promovendo uma prática e uma educação dos profissionais voltadas para não discriminação (Molefi; Gutura; Eskill-Blokland, 2022). O artigo “Amar Amores: O Poliamor na Contemporaneidade”, buscou compreender as expressões do poliamor. Apresentou como principais resultados a consideração de que o poliamor se baseia no amor livre, na não monogamia, na responsabilidade, na compreensão, no respeito à

individualidade, na liberdade sexual, na equidade de gênero e no diálogo. Evidenciou também as dificuldades enfrentadas pelos poliamoristas, tais como insegurança na exposição pública da relação e pressão social de estereótipos de gênero (Perez; Palma, 2018). Já o artigo “Vivendo Fora do Protocolo: Orientações Poliamorosas, Corpos e Temporalidades Queer” (tradução livre), buscou identificar os pontos de virada que podem ser vistos nas histórias dos entrevistados e a quais consequências estes entrevistados estão expostos quando submetidos às expectativas heteronormativas que não são seguidas (Carlström; Andersson, 2019). De uma forma geral, nos artigos que compuseram esta classe, foi identificado que em 10 dos 20 artigos, ou seja, aparece em 50% dos artigos desta classe o fato de os sujeitos que se identificam como poliamorosos vivenciarem situações de constrangimentos, preconceitos e estigmas de promiscuidade, devido ao fato de estarem inseridos em uma cultura majoritariamente heteronormativa e mononormativa. O trabalho de Carlström e Andersson (2019, p. 1.316, tradução livre) corrobora com outros estudos ao relacionarem a necessidade de os entrevistados manterem o silêncio acerca dos seus relacionamentos.

Em nossa análise, pudemos perceber que nosso material corrobora estudos anteriores em termos de como os entrevistados falaram sobre o silêncio e as reações negativas, mas também houve uma forte narrativa sobre as possibilidades que viver fora do protocolo oferecia aos entrevistados (Carlström & Andersson, 2019, p. 1.316, tradução livre).

Reiterando, Perez e Palma (2018, p. 1, tradução livre) argumentam que:

Evidenciou também as dificuldades enfrentadas pelos poliamoristas, tais como insegurança na exposição pública da relação e pressão social de estereótipos de gênero.

Isto posto, sabe-se que o indivíduo ao se definir enquanto praticante do poliamor, pode sofrer consequências visto que estes estão expostos às expectativas heteronormativas e mononormativas que não são seguidas.

A classe “Perspectivas masculinas e RLis”, reúne 15 artigos. Os textos que apresentaram maior significância dentro desta classe foram os artigos *Conjugalities and sexualities in conflict: monogamy and polyamory among LGBT groups*, Entre a liberdade e a igualdade: princípios e impasses da ideologia poliamorista e Amar Amores: O Poliamor na Contemporaneidade com, respectivamente, 169.53, 103.70 e 71.12 de score. O artigo Amar Amores: O Poliamor na Contemporaneidade, também aparece como um dos artigos com maior score na classe anterior. O artigo “*Conjugalities and sexualities in conflict: monogamy and polyamory among LGBT groups*”, buscou entender como as construções da masculinidade e os conceitos de orientação sexual estão embutidos nos relacionamentos consensualmente não

monogâmicos dentro do contexto italiano. Apresentam-se como principais resultados o fato de o engajamento na não monogamia ser considerado um momento relevante na vida destes indivíduos a partir de suas histórias pessoais ante essa adoção de novos conceitos de desejo que vão para além do amor monogâmico. Muitos participantes heterossexuais, ao negociarem um acordo não monogâmico significaram suas atrações por mais de uma pessoa como parte de sua identidade pessoal. Os espaços não monogâmicos são positivos e seguros para bissexuais/Bi+ explorarem e reafirmarem suas identidades que são constantemente desafiadas pela bifobia, invisibilidade e apagamento. Contudo, as experiências de homens bissexuais, homossexuais e heterossexuais cisgêneros italianos não podem ser generalizadas para todos o espectro de masculinidades dentro dos espaços da não monogamia consensual (Castro, 2021). O artigo "Entre a liberdade e a igualdade: princípios e impasses da ideologia poliamorista" procurou analisar as tensões e disputas entre os praticantes do poliamor e das relações livres, identificadas como as principais expressões de não monogamia no Brasil entre 2000 e 2010. Essas comunidades desempenharam um papel fundamental na promoção da diversidade afetiva e sexual, constituindo-se como movimentos militantes nesse sentido. Os resultados do estudo destacam que, embora ambos os grupos compartilhem o objetivo de desafiar a norma monogâmica, há disputas internas pela hegemonia do movimento não monogâmico. Essas divergências se manifestam principalmente em relação aos princípios que devem guiar as relações afetivo-sexuais (Pilão, 2015). A classe "Perspectivas masculinas e RLis" se assemelha com a anterior pois ela ainda aborda a perspectiva do indivíduo em relação as práticas poliamorosas, no entanto, esta classe apresenta um enfoque maior para as narrativas masculinas sobre a não monogamia de homens Bi+ e heterossexuais, além de analisar e diferenciar as perspectivas acerca da não monogamia consensual entre poliamoristas e RLis (relações livres). Este aspecto pode ser corroborado em:

Semelhante aos modelos hegemônicos de orientação sexual, as relações entre os indivíduos foram historicamente construídas para excluir e apagar a diversidade para preservar as hierarquias na sociedade (Klesse, 2007); a norma generalizada da monogamia não reflete toda a experiência das relações humanas e deve ser desconstruída. Como escreve Barker (2005), a construção dominante da sexualidade assume que as relações devem ser: entre um homem e uma mulher, em uma relação monogâmica e com o homem assumindo o papel ativo nela, enquanto as mulheres devem ser passivas (Barker, 2005). As não-monogamias consensuais ou CNM (Veaux & Rickert, 2014) desafiam o pressuposto da monogamia obrigatória ao incluir uma compreensão diversa das relações em contraste com um único acordo hegemônico. Sob o guarda-chuva do CNM, encontramos, em vez disso, um conjunto de acordos ou estilos relacionais, sexuais e/ou românticos fora do pressuposto social de que os relacionamentos "devem" ser exclusivos, que desejos ou sexo extradiádicos não podem ser consensuais e, finalmente, que a monogamia é a única forma ética e possível de estar em um relacionamento (Barker, 2010; Gusmano, 2019; Moors *et al.*,

2017 *apud* Castro, 2021, p. 1462, tradução livre).

Desta forma, os artigos analisados demonstraram que a história e ou a experiência desse contingente populacional trabalha sob a construção de identidade/sexualidade dos sujeitos praticantes do poliamor. Assim, o engajamento na não monogamia pode ser considerado uma visão relevante para muitos no que se refere a exploração e reafirmação da identidade e subjetividade que é frequentemente desafiada pela invisibilidade e apagamento de experiências dessas práticas. Além também de investigar como “outras subjetividades sexuais e de gênero constroem a masculinidade” (Castro, 2021, p. 1461, tradução livre). A análise das perspectivas masculinas nas práticas de não monogamia, especialmente de homens bissexuais e heterossexuais, é essencial para compreender a diversidade relacional e desafiar a normatividade monogâmica. Ao destacar as experiências desses homens em contextos poliamorosos e de relações livres, o estudo ilumina a pluralidade das práticas e identidades sexuais, contribuindo para a desconstrução das hierarquias sociais estabelecidas. Esse enfoque valoriza múltiplas formas de relacionamento, promovendo uma visão mais inclusiva e abrangente das relações humanas, além de reforçar a importância de reconhecer e respeitar diferentes subjetividades e arranjos afetivos.

A classe: “Satisfação e estigma no poliamor”, é composta por 20 artigos, tendo os artigos *Comparing Relationship Quality Across Different Types of Romantic Partners in Polyamorous and Monogamous Relationships*; *Tinder Users: Sociodemographic, Psychological, and Psychosexual Characteristics*; e *Dimming the “Halo” Around Monogamy: Re-assessing Stigma Surrounding Consensually Non-monogamous Romantic Relationships as a Function of Personal Relationship Orientation* com 155.79, 144.16 e 129.04 de score como os textos que apresentaram maior significância dentro dessa classe. O artigo “*Comparing Relationship Quality Across Different Types of Romantic Partners in Polyamorous and Monogamous Relationships*”, buscou examinar as percepções dos parceiros e a qualidade do relacionamento em várias configurações poliamorosas, bem como, comparar os resultados de cada configuração com parceiros monogâmicos. Apresenta como principais resultados a constatação da existência de configurações co-primárias e não primárias como algo recorrente entre os participantes poliamorosos. Mesmo quando rejeitados os rótulos de relacionamentos hierárquicos tais como relacionamentos primários e secundários, foi possível identificar diferenciações na qualidade dos relacionamentos compreendidos como não hierárquicos. Além disso, parceiros pseudo-primários e parceiros primários, nesses relacionamentos, são mais semelhantes aos parceiros dentro de parcerias monogâmicas do que aos parceiros secundários (Balzarini; Dharma; Kohut *et al.*, 2019). Em *Tinder Users: Sociodemographic, Psychological, and Psychosexual Characteristics* foram

examinadas as questões dentro da não monogamia consensual, especificamente o poliamor. Apresenta como principais resultados a percepção de que os participantes da pesquisa receberam menos estigma, bem como mais investimento, satisfação, compromisso e maior comunicação sobre o relacionamento com os relacionamentos primários em comparação com os secundários, entretanto, apresentaram uma maior proporção de tempo na atividade sexual com os relacionamentos secundários em comparação aos primários. Os resultados demonstraram uma percepção dos custos e benefícios únicos dos relacionamentos primário e secundário no poliamor (Balzarini; Campbell; Kohut, *et al.*, 2017). O artigo *Dimming the “Halo” Around Monogamy: Re-assessing Stigma Surrounding Consensually Non-monogamous Romantic Relationships as a Function of Personal Relationship Orientation* buscou reexaminar o efeito “halo/areola”. O efeito aréola, a grosso modo, é a propensão que os indivíduos têm de avaliarem positivamente a totalidade das informações sobre uma pessoa após identificarem uma característica que consideram também positiva. Neste sentido, o que o artigo pretende ao tentar escurecer o efeito halo/ aréola é verificar de forma mais direta e objetiva o estigma, ou seja, entender a distância social desejada quando a informação sobre o indivíduo é negativa, como no caso do estigma social de promiscuidade que circundam os envolvidos em relacionamentos não monogâmicos. Apresentam-se como principais resultados a constatação de que os participantes consensualmente não monogâmicos favorecem pretendentes monogâmicos em relação aos pretendentes consensualmente não monogâmicos como uma categoria ampla (replicando o efeito aréola). Os resultados indicaram que efeito se dissipou quando os participantes foram solicitados a diferenciar entre os relacionamentos com os quais se identificam. Achados suplementares sugerem que os pretendentes não monogâmicos foram percebidos como os menos promíscuos e foram associados com as taxas mais baixas de infecção sexualmente transmissível (IST), enquanto os pretendentes *swingers* foram percebidos como os mais promíscuos e foram associados com as maiores taxas percebidas de IST. Os resultados indicaram que a distância social é parcialmente atribuível à percepção do risco de IST, mas não à percepção de promiscuidade (Balzarini; Shumlich; Kohut, *et al.*, 2018). O conteúdo preponderante é relativo ao funcionamento da relação consensualmente não monogâmica, buscando mensurar a satisfação e o estigma entre aqueles que se denominam poliamoristas. Além do mais, os textos da referida classe trazem a questão da hierarquia dentro das relações, fazendo a diferenciação entre os relacionamentos primários e secundários, como apontam os segmentos de texto:

Há um forte estigma em relação aos relacionamentos CNM e um “efeito halo” em torno dos relacionamentos monogâmicos, mesmo entre aqueles que se consideram consensualmente não monogâmicos (Conley *et al.*, 2013; Moors *et al.*, 2013 *apud* Balzarini *et al.*, 2017, p. 2).

[...] apesar de rejeitar rótulos hierárquicos primário-secundário, muitas das mesmas qualidades de relacionamento diferem sistematicamente entre parceiros em relacionamentos não hierárquicos (Balzarini *et al.*, 2017, p. 1).

Neste sentido, os artigos que compõem a classe “Satisfação e estigma no poliamor”, dialogam com a literatura científica a respeito da idealização do amor romântico que cerca os relacionamentos monogâmicos, ou seja, realiza uma análise das “percepções dos parceiros e a qualidade do relacionamento em várias configurações poliamorosas, comparando os resultados de cada configuração com parceiros monogâmicos” (Balzarini *et al.*, 2017, p. 1). Portanto, estudos sobre o poliamor são “terrenos férteis para testar a generalidade” de diversas teorias científicas cujo objetivo é “desafiar inúmeras suposições sobre os processos de relacionamento” (Balzarini *et al.*, 2017, p.10, tradução livre).

A classe: “Avaliação da satisfação dos poliamoristas”, é composta por 11 artigos. Os artigos que apresentaram maior significância dentro dessa classe foram: *A closer look at relationship structures: relationship satisfaction and attachment among people who practice hierarchical and non-hierarchical polyamory*; *Monogamy versus Consensual Non-Monogamy: Alternative Approaches to Pursuing a Strategically Pluralistic Mating Strategy*; e *Defining Polyamory: A Thematic Analysis of Lay People's Definitions* com 376.67, 285.76 e 234.96 de score. O artigo *A closer look at relationship structures: relationship satisfaction and attachment among people who practice hierarchical and non-hierarchical polyamory*, buscou comparar a satisfação no relacionamento e a segurança do apego entre indivíduos em configurações de relações hierárquicas e não hierárquicas. Apresenta como principais resultados uma maior variabilidade na segurança do apego entre parceiros em relacionamentos hierárquicos do que aqueles em relacionamentos não-hierárquicos. Não foram encontradas diferenças significativas na variabilidade na satisfação dos relacionamentos entre esses grupos. Indivíduos em relacionamentos hierárquicos relataram menor satisfação geral com o relacionamento e segurança de apego em comparação com indivíduos em relacionamentos não hierárquicos. Embora não tenham sido encontradas diferenças significativas entre parceiros não hierárquicos e primários, os participantes relataram menor satisfação no relacionamento e segurança de apego com parceiros secundários e terciários em comparação com parceiros não hierárquicos e primários (Flicker; Sancier-Barbosa; Moors, *et al.*, 2021). O artigo *Monogamy versus Consensual Non-Monogamy: Alternative Approaches to Pursuing a Strategically Pluralistic Mating Strategy*, buscou examinar a frequência de comportamentos de retenção de parceiros direcionados aos parceiros e várias avaliações de relacionamentos românticos classificados pelo indivíduo e pelo seu parceiro (ou seja, sociosexualidade, satisfação no relacionamento, valor do

parceiro e medidas de parceiros ideais) em relacionamentos monogâmicos e consensualmente não monogâmicos. Apresentam-se como principais resultados a constatação de que não houve diferenças significativas entre as classificações de parceiros monogâmicos e primários na satisfação geral do relacionamento dos participantes. No entanto, os participantes monogâmicos relataram menos satisfação com a quantidade de comunicação e abertura que tiveram com seu parceiro em comparação com os relatos dos participantes consensualmente não monogâmicos sobre seu parceiro primário, mas não o parceiro secundário. Para parceiros secundários, consideravam seu parceiro primário mais desejável como parceiro de longo prazo do que seu secundário. A hipótese levantada pelo artigo é de que as configurações de relacionamento sejam estratégias alternativas para buscar uma sexualidade pluralista (Mogilski; Memering; Welling, *et al.*, 2015).

O artigo "Defining Polyamory: A Thematic Analysis of Lay People's Definitions" examina como pessoas comuns definem e entendem o conceito de poliamor. Este estudo, parte integrante da classe "Avaliação da satisfação dos poliamoristas", destaca-se com um score de 234.96. O artigo explora a ampla variedade de definições de poliamor entre leigos, evidenciando a falta de uma definição única e padronizada. Isso reflete a complexidade e a diversidade das práticas e identidades poliamorosas. Além disso, identifica elementos comuns nas definições, como a presença de múltiplos relacionamentos românticos simultâneos, baseados em consentimento mútuo e comunicação aberta, diferenciando o poliamor de outras formas de não monogamia consensual, como o swing ou os relacionamentos abertos. O estudo investiga como fatores culturais e sociais moldam as percepções sobre o poliamor, destacando a influência da mídia, da literatura e da educação sexual na formação dessas percepções. Também aborda os desafios e estigmas enfrentados pelos poliamoristas, incluindo a invisibilidade e a marginalização social, aspectos cruciais para entender a satisfação no relacionamento, pois o reconhecimento social e a aceitação podem impactar a qualidade dos relacionamentos poliamorosos. Dentro da classe "Avaliação da satisfação dos poliamoristas", este artigo oferece uma base teórica importante ao contextualizar as definições de poliamor do ponto de vista das pessoas comuns. Isso é fundamental para entender as expectativas e experiências dos indivíduos poliamorosos, influenciando diretamente sua satisfação no relacionamento. A análise temática proporciona insights sobre como as definições e percepções populares podem afetar a experiência subjetiva de estar em um relacionamento poliamoroso, complementando os dados quantitativos e qualitativos apresentados nos outros estudos da classe.

Ao esclarecer como os leigos definem e percebem o poliamor, o artigo "*Defining Polyamory*" contribui para uma compreensão mais profunda dos fatores que podem influenciar a satisfação e a segurança do apego em relacionamentos poliamorosos. As definições populares podem moldar as expectativas dos indivíduos sobre o poliamor, influenciando sua satisfação relacional. A compreensão de como as normas sociais e culturais impactam as definições de poliamor pode ajudar a identificar e mitigar os estigmas enfrentados pelos praticantes. O foco em elementos como comunicação aberta e consentimento mútuo ressalta a importância dessas práticas para a satisfação no relacionamento. "*Defining Polyamory: A Thematic Analysis of Lay People's Definitions*" é um estudo fundamental que oferece uma perspectiva detalhada sobre como o poliamor é entendido por pessoas comuns. Suas descobertas complementam e enriquecem os outros artigos da classe "Avaliação da satisfação dos poliamoristas", proporcionando um entendimento mais holístico das dinâmicas e desafios enfrentados pelos poliamoristas. Este artigo não só ilumina as diversas formas como o poliamor é definido, mas também ajuda a contextualizar as experiências dos indivíduos dentro dessas relações, contribuindo para uma visão mais inclusiva e compreensiva das relações humanas.

Esta classe se assemelha à classe "Satisfação e estigma no poliamor" ao trazer parâmetros de avaliação da satisfação dos indivíduos que estão dentro do grupo de praticantes da não monogamia consensual, trazendo como um diferencial a comparação desta satisfação em relação aos praticantes da monogamia. Dentro da categoria dos não monogâmicos consensuais hierarquizados (poliamor), apontam para os contrastes existentes nas relações primárias e secundárias. Corroborando com esta ideia, os seguintes seguimentos de textos afirmam que:

Os achados sugerem que essas diferenças podem se atenuar com o tempo. Embora pesquisas anteriores tenham descoberto que existem diferenças (por exemplo, em investimento) entre parceiros em configurações não hierárquicas e hierárquicas, a pesquisa atual sugere que as diferenças que ocorrem organicamente, e não de maneira predeterminada, podem estar relacionadas a maiores semelhanças na segurança do apego entre parceiros, bem como maiores níveis gerais de satisfação de relacionamento e segurança de apego para indivíduos em configurações não hierárquicas (Flicker *et al.*, 2021, p. 1401, tradução livre).

[...] os indivíduos em relacionamentos atualmente monogâmicos (n = 123) realizaram mais comportamentos de retenção de parceiros em comparação com aqueles atualmente em relacionamentos CNM (n = 76). Nos relacionamentos CNM, os participantes relataram se envolver em mais comportamentos de retenção de parceiros com parceiros primários em comparação com parceiros secundários.

Desta forma, verifica-se que tanto a monogamia quanto a não monogamia consensual são práticas relacionais pautadas em acordos estabelecidos entre os parceiros envolvidos nessas

relações, entretanto, identifica-se também que embora não exista uma diferença significativa entre estas formas de se relacionar, constata-se que existe maior abertura na comunicação sobre estes acordos e nas possibilidades de vínculos extradiádicos entre os não monogâmicos consensuais e maior retenção de parceiros nas relações monogâmicas.

No que se refere à classe: “Conceito de poliamor”, esta é composta por 13 artigos. Os artigos que apresentaram maior significância dentro desta classe foram os seguintes: *This is my partner, and this is my partner’s partner: Constructing a polyamorous identity in a monogamous world*; *(De)Politicizing polyamory: social media comments on media representations of consensual non-monogamies* e *Conjugality and sexualities in conflict: monogamy and polyamory among LGBT groups* com 162.37, 119.90 e 110.99 respectivamente de score.

O artigo *This is my partner, and this is my partner’s partner: Constructing a polyamorous identity in a monogamous world* examina a forma como os praticantes de poliamor constroem suas identidades pessoais e grupais em contraste com as convenções da monogamia. Ele destaca a falta de atenção da literatura acadêmica às relações não monogâmicas, apesar de seu potencial para desafiar as construções dominantes de relacionamentos e identidades. A autora discute como o poliamor confronta elementos-chave da construção dominante da sexualidade, como a heterossexualidade compulsória, e como os indivíduos poliamorosos negociam suas identidades em relação a essas construções culturais predominantes. Além disso, o estudo destaca a importância de reconhecer e respeitar a diversidade de formas de relacionamento, questionando as normas sociais que limitam as possibilidades de amor e intimidade.

O artigo intitulado *(De)Politicizing polyamory: social media comments on media representations of consensual non-monogamies*, buscou entender como a natureza política do poliamor é negociada (afirmada ou negada), e qual o ideal de “político” é mobilizado nessa negociação, em conexão com outros elementos de cidadania íntima e modos de discriminação sistêmica. Os autores buscaram também interpretar como as pessoas leigas entendem o caráter político ou apolítico presente no poliamor, trazendo um avanço acerca da representação e compreensão contemporânea sobre como o poliamor é representado na mídia convencional (dentro do contexto da realidade social portuguesa). Como um de seus principais resultados, o artigo apresenta que o reconhecimento da validade do poliamor não significa uma percepção de que a orientação dos relacionamentos seja uma questão política em si, prevalecendo o entendimento próprio (privado) do que seja política. Outro achado que o artigo declara como sendo comum em outras pesquisas é a falta de civilidade e os discursos de ódio que prevalecem

nas discussões pela internet o que amortece ainda mais o “potencial político de modos de existência dissidentes” (Cardoso; Rosa; da Silva, 2021, p. 13).

Já o artigo *This is my partner, and this is my partner's partner: Constructing a polyamorous identity in a monogamous world*, explora como indivíduos constroem uma identidade poliamorosa em uma sociedade predominantemente monogâmica. Destaca desafios como a pressão social e o estigma enfrentados por aqueles que optam por relacionamentos não monogâmicos. Enfatiza a importância da comunicação aberta e do estabelecimento de limites claros nas relações poliamorosas. Também discute a necessidade de confrontar normas sociais internalizadas e buscar apoio dentro da comunidade poliamorosa. Conclui que a construção de uma identidade poliamorosa envolve autenticidade, desafio às normas sociais e desenvolvimento de confiança e comunicação nos relacionamentos. Além dos supracitados, *Conjugality and sexualities in conflict: monogamy and polyamory among LGBT groups* também figura como um dos artigos com maior score dentro desta classe. Este artigo examina as dinâmicas de relacionamento entre indivíduos LGBT, especificamente em relação à monogamia e ao poliamor. Explora como essas comunidades enfrentam conflitos e negociações em torno dessas estruturas de relacionamento. Destaca a diversidade de práticas conjugais e sexuais dentro do espectro LGBT e como estas são influenciadas por fatores como identidade de gênero, orientação sexual e experiências pessoais. O estudo também aborda as tensões entre normas culturais predominantes e desejos individuais, bem como o papel das comunidades LGBT na criação de espaços inclusivos para diferentes formas de relacionamento. Conclui que a compreensão e aceitação da diversidade de práticas relacionais é essencial para promover o bem-estar e a inclusão dentro das comunidades LGBT. Nesta classe, os artigos versam sobre o ideário social acerca do conceito de poliamor, fazendo uma contraposição com a autopercepção dos indivíduos que se percebem como poliamorosos. As publicações reunidas nesta classe ajudam a entender a concepção social acerca do fenômeno da não monogamia consensual demonstrando com clareza como essas relações são cercadas de preconceitos dentro da sociedade, como evidencia o seguinte segmento de texto:

A análise mostrou que as pessoas definem o poliamor principalmente como um conjunto de comportamentos em um relacionamento, seguido pelo potencial de múltiplos relacionamentos ou sentimentos por várias pessoas. As definições também incluem aspectos emocionais, sexuais e éticos. As pessoas em relacionamentos CNM são mais propensas a definir o poliamor como constituindo uma forma potencial de relacionamento, concentram-se mais em sentimentos e ética interpessoais e incluem consentimento em suas definições do que aquelas que não desejam se envolver em CNM (Cardoso, Pascoal & Maiochi, 2020, p. 13).

Em síntese, é relevante destacar que estudar as definições acerca do referido tema e como este é colocado em sociedade são importantes pois podem desencadear uma redução do estigma/preconceito em relação aos indivíduos praticantes da não monogamia consensual. Além disso, Cardoso, Pascoal e Maiochi (2021, p.13, tradução livre) argumentam que

[...] os relacionamentos poliamorosos podem ser vistos como oferecendo uma ampla gama de emoções intrapessoais e interpessoais que são valorizadas pelos participantes de várias maneiras, ao invés de sempre aderir a estereótipos sustentados por pessoas monogâmicas.

A classe: “Motivações para prática sexual”, abarca 13 artigos. Os artigos que apresentaram maior significância dentro desta classe, foram os artigos: *Motivation of non-monogamous adults to engage in sex with their different partners*; *Differences in Motivation to Engage in Sexual Activity Between People in Monogamous and Non-monogamous Committed Relationships*; e *A dyadic examination of self-determined sexual motives, need fulfillment, and relational outcomes among consensually non-monogamous partners* com 348.09, 229.72 e 218.12 de score.

O artigo “*Motivation of non-monogamous adults to engage in sex with their different partners*” tem como objetivo identificar se existem diferenças nas motivações para a prática sexual com os diferentes parceiros de indivíduos não monogâmicos (primários versus secundários). Apresentando como principal resultado a existência de diferenças significativas na motivação para a prática sexual com o parceiro primário versus o parceiro secundário (Kelberga; Martinsone, 2021). O artigo intitulado “*Differences in Motivation to Engage in Sexual Activity Between People in Monogamous and Non-monogamous Committed Relationships*”, tem como objetivo identificar entre pessoas monogâmicas e não monogâmicas as motivações para praticarem sexo. Apresenta como principais resultados as constatações de que a frequência do envolvimento em prática sexual é a mesma entre pessoas monogâmicas e não-monogâmicas. Entretanto, as pessoas não monogâmicas se envolvem em relações sexuais com muito mais frequência por motivos específicos, tais como a busca por novas experiências, aumento da autoestima, proteção do parceiro, realização de práticas específicas de sexo, ou experimentação da emoção do proibido. Existem também diferenças na motivação de homens e mulheres para a prática do sexo, sendo algumas dessas motivações relacionadas ao status do relacionamento (monogâmico ou não monogâmico) (Kelberga; Martinsone, 2022).

Em *Differences in Motivation to Engage in Sexual Activity Between People in Monogamous and Non-monogamous Committed Relationships* o estudo realizado investiga as diferenças nas motivações que impulsionam a atividade sexual entre pessoas em

relacionamentos comprometidos monogâmicos e não monogâmicos. Ele explora fatores como conexão emocional, novidade e realização de desejos dentro desses contextos relacionais. A pesquisa analisa como indivíduos em relacionamentos não monogâmicos podem buscar diversidade e exploração em suas experiências sexuais, enquanto aqueles em relacionamentos monogâmicos podem priorizar a intimidade emocional e a exclusividade. Além disso, examina como as normas sociais e os valores pessoais influenciam essas motivações. Os resultados contribuem para uma compreensão mais profunda das dinâmicas complexas das motivações sexuais dentro de diferentes estruturas de relacionamento, lançando luz sobre as diversas formas pelas quais as pessoas buscam realização e conexão em suas vidas íntimas.

O artigo “*A dyadic examination of self-determined sexual motives, need fulfillment, and relational outcomes among consensually non-monogamous partners*”, tem como objetivo explorar como as relações sexuais com um segundo parceiro foram associados à satisfação no relacionamento primário. Apresenta como principal resultado que as razões autodeterminadas para prática do sexo estavam positivamente associadas à satisfação sexual e estavam satisfeitas com a satisfação da necessidade sexual. Razões autodeterminadas para sexo demonstraram a satisfação das necessidades de ambos os parceiros em um acompanhamento de três meses. A associação entre motivos desejados e satisfeitos de necessidades foi mais forte nos dias em que os participantes tiveram relações sexuais com um parceiro adicional, embora isso não estivesse relacionado à satisfação no relacionamento primário (Wood; Quinn-Nilas; Milhausen *et al.*, 2021).

Esta classe trata das motivações que as pessoas têm para se envolverem em uma atividade sexual tanto em relacionamentos não monogâmicos consensuais, quanto em monogâmicos. Tal aspecto pode ser visto no seguinte seguimento de texto:

Estudar as razões para se envolver em atividade sexual com cada um dos parceiros sexuais do entrevistado (se houver mais de dois) pode nos dar uma melhor compreensão das razões para se envolver em atividade sexual com todo o grupo de parceiros (Kelberga & Martinsone, 2021, p.11, tradução livre).

Percebe-se nesta classe, que os estudos têm seu interesse totalmente voltado para aspectos da sexualidade, entretanto, vale salientar que os relacionamentos poliafetivos não se constituem apenas por meio de parcerias sexuais.

Por fim, a classe “poliamor e parentalidade”, abrangeu 10 estudos. Os artigos que apresentaram maior significância dentro da classe foram: *The Polyamorous Childbearing and Birth Experiences Study (POLYBABES): a qualitative study of the health care experiences of polyamorous families during pregnancy and birth; It's a little bit tricky": results from the*

polyamorous childbearing and birth experiences study (POLYBABES) e *Consensual Nonmonogamy in Pregnancy and Parenthood: Experiences of Bisexual and Plurisexual Women With Different-Gender Partners*, com 282.53, 280.52 e 201.66 respectivamente de score. O artigo “*The Polyamorous Childbearing and Birth Experiences Study (POLYBABES): a qualitative study of the health care experiences of polyamorous families during pregnancy and birth*”, buscou compreender os desafios que as famílias poliamorosas enfrentam ao acessar cuidados durante a gravidez e o parto. Apresentando como seus principais resultados o enfrentamento de marginalização pelas famílias poliamorosas no acesso a cuidados na gravidez e no parto. Demonstrando a necessidade de uma melhora em relação ao atendimento dos profissionais para que estes apresentem uma postura mais aberta e sem julgamentos, além da necessidade de uma adaptação das políticas hospitalares para que estas ofereçam o devido apoio às famílias multiparentais (Arseneau; Landry; Darling, 2019). O artigo *It’s a little bit tricky”: results from the polyamorous childbearing and birth experiences study (POLYBABES)*, buscou explorar as experiências de gravidez e nascimento de pessoas poliamorosas, tendo como enfoque os aspectos sociais das experiências dessas famílias. Neste sentido, examinou os impactos do poliamor na identidade dos próprios indivíduos, em suas estruturas de relacionamento e nas experiências no mundo social. Apresentando como principais resultados uma convergência e uma divergência em uma série de emoções eventos e processos de pensamento ao longo de suas experiências de gravidez e nascimento no contexto poliamoroso. Uma tendência a descreverem muitas experiências pessoais como sendo positivas. Já os estressores e impactos negativos dessas experiências vieram de pressões externas e de pessoas fora da unidade familiar que incluíam estigma e preconceito em torno da relação poliamorosa, além da dificuldade no acesso aos sistemas médicos e jurídicos e medo de como essas pressões externas poderiam afetar seus filhos. O artigo *Consensual Nonmonogamy in Pregnancy and Parenthood: Experiences of Bisexual and Plurisexual Women With Different-Gender Partners*, buscou investigar qualitativamente as experiências e percepções de não monogamia consensual entre mulheres bissexuais e plurissexuais com parceiros de gênero diferente. Apresentando como resultado o fato de que os participantes são criteriosos sobre a divulgação da não monogamia consensual e geralmente apreensivos sobre o estigma em torno do envolvimento nessas relações. Os resultados enfatizaram a importância da comunicação e destacaram a variedade de barreiras e benefícios da não monogamia consensual endossados por esses pais.

Esta última classe aborda a parentalidade dando total enfoque ao período de gestação e parto experienciados por indivíduos poliamorosos. Reiterando, o seguinte ST afirma que “famílias poliamorosas enfrentam marginalização no acesso a cuidados de gravidez e parto”

Constatou-se que as expressões que mais aparecem nas produções são “relacionamentos”, sendo a de maior destaque, seguido de “não monogamia consensual”, “poliamor”, “experiencia”, “satisfação”, “sexo”, “participantes”, entre outros. Observa-se que a nuvem de palavra traz a centralidade das produções sobre o poliamor com destaque para o termo “relacionamento”, circundado pelos termos “não monogamia consensual”, “participante” “indivíduo”, “parceiro”, “satisfação”, “experiência”, “sexo”, “pesquisa”, “mais estudo”, “poliamor”. Destaca-se a ausência, dentre as palavras mais frequentes, do termo “família”, o que implica baixa produção acerca do tema. Pouco interesse, portanto, em estudos sobre essa forma de organização familiar, o que pode estar relacionado, ao modelo hegemônico de família, que é a família nuclear, difundido na sociedade ocidental (pai, mãe e filhos), heteronormativa e mononormativa. De acordo com Silva e Fornasier (2022), o modelo monogâmico não tem sido suficiente para descrever a realidade social que se apresenta, dado que as organizações famílias foram se alterando ao longo do tempo, de acordo com as mudanças econômicas, sociais e culturais.

4.1 Análise temática de conteúdo como indicador das ideias mais difundidas sobre o poliamor e suas diferentes manifestações

No desmembramento das mensagens transmitidas pelos textos, destacou-se o tema como um elemento relevante, diferenciando essa análise da realizada anteriormente, que se baseou na análise lexicométrica centrada na palavra. As unidades de contexto escolhidas foram os tópicos teóricos e conceituais dos artigos científicos, as quais foram codificadas de forma sistemática, conforme detalhado nos procedimentos metodológicos. A apresentação dessas codificações evidencia a abordagem adotada nesta pesquisa para lidar com os materiais e alcançar suas conclusões (Bauer, 2002).

Foram enumerados como sendo Tema 1: Conceituação do poliamor (Quadro 3 - Conceituação do poliamor e seus subtemas), todos os artigos que trataram sobre a conceituação do poliamor, foram identificados como pertencentes a este tema. Subtemas que abordaram aspectos previamente definidos no processo de pré-análise que referiram ao conceito de poliamor, sendo eles: a) informações ou referências que trazem a ideia de que o poliamor é uma prática ou orientação de relacionamentos íntimos; b) trechos que identificam o poliamor como uma forma consentida de manter relações amorosas e sexuais com de uma pessoa; c) expressões que consideram que no poliamor, o foco maior está no aspecto emocional e interpessoal e não no aspecto sexual; c) conceituação o poliamor como uma espécie dentro do gênero dos

relacionamentos consensualmente não monogâmicos; e) considerações sobre o poliamor como sendo um arranjo de parentalidade; f) avaliações do poliamor como uma forma relacional pela qual se constituem famílias, as famílias poliafetivas; g) ideias de que o poliamor é um produto da sociedade ocidental; h) contextualizações acerca do poliamor como sendo uma força política; i) definições do poliamor como um estilo de vida; j) descrições do poliamor como uma oposição ou alternativa à monogamia e ou mononormatividade.

Na sequência, o tema “Origem do termo e suas fontes”, representada no Quadro 3 “Conceituação do poliamor e seus subtemas”, foi definido. Neste estavam presentes as ideais (subtemas) que tratassem sobre a origem do termo poliamor, suas fontes e meios de propagação do termo. Este tema se subdividiu em três subtemas, a saber: a) trazem informações de que o poliamor é um termo recente, datado da década de 90 do século passado (século 20); b) destacam a internet como sendo a principal ferramenta de propagação e popularização do termo poliamor; c) conceitua o termo poliamor como um neologismo, ou seja, a utilização de uma palavra que é derivada ou formada de outra palavra já existente em uma ou mais de uma língua. Neste caso, etimologicamente, poliamor é um vocábulo comparativo, do grego, composto pela junção de dois léxicos, o primeiro, *polýs*, que significa muitos, numerosos e o segundo, amor⁶, que, neste caso, significa sentimento de afeto, preocupação e desejo por alguém.

O terceiro tema Dificuldades enfrentadas, organizou as ideias que tratavam sobre as dificuldades enfrentadas no poliamor e ou pelos poliamoristas. São seus subtemas: a) mensagens nos textos que abordavam sobre o preconceito e a discriminação sofridas e ou enfrentadas e b) o estigma social que poder ser de promiscuidade ou não.

Por fim, o Tema 4 Contexto social referente ao contexto social em que o poliamor está inserido. São seus subtemas: a) ideias emanadas e destacáveis dos textos que consideram a sociedade como uma estrutura pautada pela monogamia e heterossexualidade (monogamia e heterossexualidade compulsórias) e b) considerações sobre a existência ou presença da ideologia patriarcal.

⁶ Origem da palavra amor:

Do latim, *amare*, *amor*. Na língua portuguesa, a palavra amor permaneceu com a mesma grafia do latim: *amor*. Originalmente, o termo latino amor era utilizado para designar o sentimento de “gostar de algo ou alguém”, sentir afeição, desejo ou preocupação. Alguns autores afirmam que a possível origem para a palavra latina amor é uma base Indo-Europeia (*AM*), que ajuda a formar várias palavras do latim, normalmente palavras ligadas a crianças ou ao cuidado com crianças (DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO, 2017).

Quadro 3 - Conceituação do poliamor e seus subtemas

TEMA 1 – CONCEITUAÇÃO DO POLIAMOR	
1A	Prática ou orientação de relacionamentos íntimos
1B	Forma consentida de manter relações amorosas e sexuais com mais de uma pessoa
1C	Foco maior no aspecto emocional e interpessoal do que aspecto sexual
1D	Espécie dentro do gênero de relacionamentos consensualmente não monogâmicos (CNM)
1E	Arranjo de parentalidade
1F	Forma relacional de constituir família (famílias poliafetivas)
1G	Produto da sociedade ocidental
1H	Força política
1I	Estilo de vida
1J	Oposição ou alternativa à monogamia/mononormatividade
TEMA 2 – ORIGEM DO TERMO E SUAS FONTES	
2A	Termo recente, datado da década de 90 do século passado
2B	Internet como ferramenta que populariza(zou) o termo
2C	Neologismo
TEMA 3 - DIFICULDADES ENFRENTADAS	
3A	Preconceito e discriminação
3B	Estigma social
TEMA 4 – CONTEXTO SOCIAL	
4A	Considera a sociedade como uma estrutura pautada pela monogamia e heterossexualidade (monogamia e heterossexualidade compulsórias)
4B	Ideologia patriarcal

Fonte: Dados da pesquisa, (2023).

A análise dos temas presentes nos textos forneceu uma visão abrangente das diferentes perspectivas e questões abordadas no contexto do poliamor. Ao desmembrar as mensagens transmitidas pelos artigos, foi possível identificar e categorizar os principais tópicos teóricos e conceituais abordados, destacando elementos fundamentais para compreender a complexidade desse fenômeno social. Ao contrário da análise anterior, que se baseava principalmente na frequência de palavras, essa abordagem proporcionou uma compreensão mais aprofundada das ideias subjacentes aos textos. Por meio da codificação sistemática dos temas, foi possível identificar e organizar as informações relacionadas à conceituação do poliamor, sua origem e propagação, as dificuldades enfrentadas pelos poliamoristas e o contexto social mais amplo em que o poliamor está inserido. Os temas identificados refletem a diversidade de perspectivas e questões relacionadas ao poliamor, desde sua definição e compreensão até os desafios enfrentados por aqueles que o praticam. Além disso, esses temas destacam a influência do

contexto social, incluindo o papel da monogamia compulsória, da heterossexualidade compulsória e da ideologia patriarcal, na maneira como o poliamor é percebido e vivenciado.

Em suma, a análise dos temas presentes nos textos forneceu uma base sólida para compreender as complexidades do poliamor e suas interações com o contexto social mais amplo.

4.2 Temas mais debatidos e como vêm sendo tratados

Dentro dos resultados⁷ mais expressivos, observou-se que o subtema forma consentida de manter relações amorosas e sexuais com mais de uma pessoa apareceu 29 vezes, o que significa dizer que 65,91% dos artigos trouxeram a ideia de que o poliamor é uma forma consentida de manter relações amorosas e sexuais com mais de uma pessoa, seguidos por 23 ocorrências do subtema espécie dentro do gênero de relacionamentos consensualmente não monogâmicos (CNM)) 52,7%, demonstrando o entendimento de que o poliamor é uma espécie dentro do gênero de relacionamentos consensualmente não monogâmicos (CNM). Já os subtemas estigma social e considera a sociedade como uma estrutura pautada pela monogamia e heterossexualidade - monogamia e heterossexualidade compulsórias tiveram 19 e 15 ocorrências, sendo 43,18% e 34,9%, respectivamente, o que corresponde à presença de temas que se referem ao estigma social enfrentado pelos adeptos do poliamor e que consideram a sociedade como uma estrutura pautada pela monogamia e heterossexualidade - monogamia e heterossexualidade compulsórias.

Em sentido oposto, figuraram como temáticas de menor ocorrência os subtemas produto da sociedade ocidental, termo recente, datado da década de 90 do século passado, ideologia patriarcal, força política e estilo de vida, tendo os dois primeiros, 3 ocorrências cada (6,82%) e os demais, com 2 (4,55%), 1 (2,27%) e 0 (0,0%), respectivamente. Sendo estes subtemas correspondentes às ideias de que o poliamor é um produto da sociedade ocidental, um termo recente, datado da década de 90 do século passado, dentro de contexto social de ideologia patriarcal, uma força política, e, por fim, um estilo de vida, temática esta que não estava presente em nenhum dos textos do corpus. Todas as ocorrências podem ser visualizadas na Tabela 1 e suas proporções ilustradas pelo Quadro 4.

Foram intermediárias as presenças dos seguintes subtemas a saber: em ordem decrescente arranjo de parentalidade com 9 (20,45) aparições, prática ou orientação de relacionamentos íntimos e preconceito e discriminação com 8 (18,18) ocorrências, foco maior no aspecto emocional e interpessoal do que aspecto sexual com 7 (15,91%) e forma relacional

⁷ Todos os resultados descritos na p.94 estão representados na Tabela 1,

de constituir família - famílias poliafetivas, oposição ou alternativa à monogamia/mononormatividade e internet como ferramenta que populariza(zou) o termo, neologismo com 6 (16,64) e 4 (9,09) ocorrências respectivamente.

Neste sentido, é possível inferir que existe um consenso de que o poliamor seja uma forma consentida de manter relações afetivas e sexuais com mais de uma pessoa, este resultado corrobora para o entendimento de um consenso nesta conceituação do poliamor, pois se trata de uma ideia recorrente que também foi descrita por (Starling 2021) e pelos sites como Loving More e Poliamor Brasil. Esta temática aparece em diversos formatos em trechos como o que está presente na introdução do artigo *Analysis of the experiences of polyamorists in Spain*: “As relações CNM são definidas como relacionamentos em que todos os parceiros envolvidos concordam que cada um pode ter relações românticas e/ou sexuais com outras pessoas” (Conley, Moors, *et al.*, 2013; Conley, Ziegler, *et al.*, 2013 *apud* Rodríguez e Castro *et al.*, (2002). Já o artigo *(De)Politicizing polyamory: social media comments on media representations of consensual non-monogamies*, enuncia sobre o poliamor da seguinte forma:

O próprio poliamor é definido como uma prática e/ou orientação de relacionamento íntimo com base na “suposição de que é possível, válido e valioso manter relacionamentos íntimos, sexuais e/ou amorosos com mais de uma pessoa” (Haritaworn, Lin, & Klesse, 2006, p. 518) com o consentimento informado de todos os envolvidos (Cardoso *et al.*, 2021, tradução livre).

Outro exemplo de expressão desta ideia, contida no texto 40:

O poliamor diz respeito a um tipo de relacionamento que recusa a monogamia como princípio ou necessidade, podendo ser definido como uma prática de amor de forma aberta, eticamente partilhada por várias pessoas; seus adeptos enfatizam mais o amor do que a sexualidade, preferindo, por exemplo, serem chamados de “poliamorosos” (Wolfe, 2005). O termo poliamor é geralmente usado para se referir à prática de ter mais de um relacionamento íntimo, simultâneo, com o conhecimento e consentimento de todos os envolvidos (Anapol, 2010; Barker, 2005, tradução livre).

Fica evidenciado que, apesar de manterem redações únicas e diversas, as mensagens contidas nos textos emitem sempre a ideia de que o poliamor é uma forma consentida de manter relações íntimas (amorosas e sexuais) com mais de uma pessoa.

Além disso, umas das ideias que mais aparecem é a conceituação de que o poliamor é uma espécie dentro do gênero dos relacionamentos consensualmente não monogâmicos, este dado revela também um possível consenso em relação a esta classificação. Nos artigos *Analysis of the experiences of polyamorists in Spain*, *(De)Politicizing polyamory: social media comments on media representations of consensual non-monogamies* e *Relationship Structure, Relationship Texture: Case Studies in Non/Monogamies Research*, estes dados aparecem da seguinte forma

CNM é um termo geral que inclui o conceito de poliamor, mas também engloba outras práticas relacionais como as relações abertas e a troca de parceiros, entre outras (Rodríguez e Castro *et al.*, 2002, tradução livre).

Este trecho retirado do estudo *Analysis of the experiences of polyamorists in Spain* deixa explícita a ideia de que o poliamor está inserido dentro da esfera dos relacionamentos consensualmente não monogâmicos, isto é: é espécie dentro deste gênero. Do artigo *(De)Politicizing polyamory: social media comments on media representations of consensual non-monogamies*, foi extraído o seguinte recorte:

Neste caso específico, a questão da mononormatividade (Pieper & Bauer, 2005) ou monogamia compulsória (Emens, 2004) – ou seja, normas sociais onde a monogamia é lida como o único vínculo amoroso e romântico válido, valioso e de fato possível configuração de relacionamento – interfere na vida de pessoas consensualmente não monogâmicas, que se tornam forasteiros desse círculo. A pesquisa atual corrobora esta afirmação teórica, pois vários estudos têm apontado, usando métodos quantitativos e qualitativos, que poliamorosos e outras pessoas em relacionamentos CNM estão sujeitos a várias formas de discriminação social e de saúde (Cardoso, Martins, & Coelho, 2013; Cardoso, Pascoal, & Rosa, 2020; Conley, Moors, Matsick, & Ziegler, 2013; Conley, Ziegler, Moors, Matsick, & Valentine, 2013; McCrosky, 2015; Rodrigues, Fasoli, Huic, & Lopes, 2018; Séguin, 2019) (Cardoso *et al.*, 2021, tradução livre).

Ressalta-se que no trecho acima, estão contidas tanto a ideia do poliamor como uma espécie dentro do relacionamentos consensualmente não monogâmicos (CNM) bem como as ideias de um contexto social que é mononormativo e de monogamia compulsória, além de demonstrar a instituição da monogamia e a ideologia deste formato de relação que considera a monogamia como o natural e como errôneo, inválido ou desajustado, todos os tipos de relacionamentos não monogâmicos, subtendo os sujeitos adeptos dessas modalidades distintas à diversas formas de discriminação. Ou seja, existe a monogamia que é o instituído, e a não monogamia como força oposta, instituinte. Neste fragmento, é possível vislumbrar as várias ideias emanadas dos artigos científicos sobre o poliamor de uma forma concentrada.

Dentre os temas mais presentes, figuram as conceituações sobre poliamor e o estigma e discriminação (dificuldades) enfrentados pelos poliamoristas. Essas ideias podem ser destacadas de trechos como os dos artigos *Conjugalidades e sexualidades em conflito: monogamia e poliamor entre grupos LGBT*, *Assumption of the myths of romantic love: its relationship with sex, type of sex-affective relationship, and sexual orientation* e *Understanding polyamory as a form of concurrency to enhance HIV programmes in South Africa: the need to re-conceptualize the partner reduction policy* abaixo escolhidos para uma ilustração dos conteúdos diversificados. No artigo *Conjugalidades e sexualidades em conflito: monogamia e poliamor entre grupos LGBT* os autores explanam o tema da seguinte forma:

Seidman (2011) afirma que existe um modelo de homossexualidade que exclui, segrega e reprime o hedonismo e a promiscuidade, transferindo o estigma das práticas sexuais homossexuais para atos sexuais não ancorados no amor e na monogamia[...]Um tema comum entre lésbicas, gays e bissexuais é a necessidade de lidar com acusações de incapacidade de amar e de construir uniões sólidas. Assim, os vínculos entre mulheres são vistos como menos relevantes, as relações entre homens são vistas como puramente sexuais e as pessoas bissexuais são consideradas incapazes de se comprometer com um único parceiro. No esforço de resistir à deslegitimação de suas vivências amorosas, de recusar a imagem de inaptidão para relacionamentos profundos e estáveis, lésbicas, gays e bissexuais costumam se distanciar do poliamor para evitar um 'duplo' estigma (Pilão, 2021).

O artigo *Assumption of the myths of romantic love: its relationship with sex, type of sex-affective relationship, and sexual orientation*, aborda o tema da seguinte forma:

Como Fairbrother *et al.*, (2019) mostra que, embora apenas uma pequena parcela da população mantenha atualmente uma relação consensual não monogâmica, o interesse por relações consensuais não monogâmicas é maior, principalmente entre os adultos mais jovens, que também têm maior interesse e comprometimento com esses tipos de relacionamento, sugerindo que relacionamentos não monogâmicos consensuais podem aumentar em prevalência ao longo do tempo. Apesar disso, as pessoas em relacionamentos não monogâmicos consensuais são **percebidas de forma menos favorável** do que aquelas em relacionamentos monogâmicos (Grunt-Mejer e Campbell, 2016) (Cubells-Serra *et al.*, 2021, grifo nosso, tradução livre).

Faz-se relevante comentar sobre o trecho acima extraído do artigo *Assumption of the myths of romantic love: its relationship with sex, type of sex-affective relationship, and sexual orientation*. Como foi destacado, os autores não utilizam os termos discriminação e nem estigma, entretanto, é evidente que a percepção menos favorável em comparação à percepção sobre os relacionamentos monogâmicos evidencia um preconceito e uma discriminação em relação à não monogamia e seus adeptos devido a todas as ideias ideologicamente construídas acerca da monogamia.

Por último o artigo *Understanding polyamory as a form of concurrency to enhance HIV programmes in South Africa: the need to re-conceptualize the partner reduction policy* traz a mesma ideia nos seguintes termos:

Consequentemente, este artigo considera como os assistentes sociais podem trabalhar com indivíduos envolvidos em relacionamentos poliamorosos para acabar com o estigma e a discriminação que podem ser causados pela crença de que indivíduos envolvidos em relacionamentos simultâneos representam risco para o HIV (Molefi *et al.*, 2022).

À face do exposto, ficou demonstrado como estão presentes as ideias acerca das dificuldades enfrentadas pelos poliamoristas nos textos desvelando-se como essas ideias são frequentes e como se apresentam. A abordagem desta ideia levanta a hipótese de que os artigos científicos estão atrelados ao conhecimento e compreensão dessas relações bem como a desmistificação das mesmas, buscando desta forma, reduzir o preconceito e estigma sobre o políamos. Ressalta-se também, o papel do conhecimento científico (desenvolvido com métodos

racionais) na mudança de paradigmas epistemológicos para explicar as relações amorosa que, em outro momento histórico, fora explicado pela filosofia e pela própria mitologia. Um exemplo dessa diferenciação entre esses momentos pode ser ilustrado pela obra filosófica “O Banquete” de autoria de Platão (1972) que, no discurso de Aristófanes, lança mão do mito do andrógino⁸ para explicar gênero e as relações amorosas apresentando a teoria das almas gêmeas, sugerindo que os seres humanos originalmente eram seres completos e esféricos, mas foram divididos pela intervenção dos deuses, e o amor é a busca pela outra metade ausente. Neste sentido, a ciência atual, ao buscar a minimização da discriminação, realiza metapontos de vista, como proposto por Morin (1990,1996) e também se torna um elemento instituinte frente às ideias instituídas (Lourau, 1975) sobre monogamia pois a ciência nos capacita a aprofundar nossa compreensão do universo, desde o nível subatômico até a vastidão do cosmos, enriquecendo nosso conhecimento sobre a natureza e os fenômenos que a regem. proporcionando uma base robusta para embasar decisões informadas em questões políticas, sociais e de saúde, ao apresentar evidências empíricas e análises objetivas. Neste sentido, a ciência desempenha um papel crucial na educação, incentivando a alfabetização científica e capacitando as pessoas a compreender e se envolver de forma significativa com o mundo contemporâneo.

O Analysis of the experiences of polyamorists in Spain se destaca do demais. A hipótese é a de que como este artigo está entre as publicações mais recentes, foi possível que o mesmo tivesse embasamento científico mais amplo para a construção de informações mais abrangentes sobre o poliamor. Trouxe várias ideias acerca do conceito, das dificuldades enfrentadas e do contexto social. Deste modo, é possível afirmar que este seja o estudo mais completo, ou seja, possui o maior número de temas sobre o poliamor. Ele foi intitulado “Análise das experiências de poliamoristas na Espanha” (tradução livre), de autoria de Rodríguez e Castro *et al.*, publicado o ano de 2022. O artigo *(De)Politicizing polyamory: social media comments on media*

⁸ O mito do andrógino, como apresentado por Platão no "Banquete" (1972), narra uma humanidade originalmente diferente da atual. Segundo Aristófanes, em sua intervenção no diálogo, os seres humanos primitivos eram andróginos, dotados de duas cabeças, quatro braços e quatro pernas, além de uma única alma. Estes seres possuíam uma enorme força e arrogância, desafiando até mesmo os deuses.

Diante da ameaça representada pelos andróginos, os deuses decidiram dividi-los ao meio. Como resultado, cada ser humano foi separado de sua outra metade, sendo os deuses responsáveis por essa separação. Desde então, os seres humanos foram condenados a passar suas vidas em busca de sua metade perdida. Essa busca pela alma gêmea, conforme o mito, é o ponto de partida do amor romântico e da atração entre as pessoas. A ideia subjacente é que, ao encontrar sua outra metade, os seres humanos experimentam uma sensação de completude e plenitude novamente.

O mito do andrógino oferece uma visão poética e simbólica que está para além do amor romântico sobre a natureza do amor e o anseio pela união entre os indivíduos. Ele sugere que essa busca pelo parceiro ideal representa a busca pela integração e reconciliação de nossas próprias naturezas fragmentadas.

representations of consensual non-monogamies também se diferencia dos demais por trazer ideias mais abrangentes sobre o poliamor, se diferenciando do artigo *Analysis of the experiences of polyamorists in Spain* por não abordar o contexto social e abordar a origem do termo. De um modo geral, observa-se que os textos mantiveram um certo padrão.

Tabela 1 - Matriz booleana da relação de ocorrência dos temas de dentro dos artigos

Artigos	SUBTEMAS																
	1A	1B	1C	1D	1E	1F	1G	1H	1I	1J	2A	2B	2C	3A	3B	4A	4B
1	0	1	1	1	1	1	0	0	0	1	0	0	0	1	1	1	1
2	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
3	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0
5	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
6	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
8	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
9	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0
10	1	1	0	1	1	0	1	1	0	0	0	1	1	1	1	0	0
11	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
12	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0
13	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
14	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	1	0
15	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
16	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
17	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
18	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	1	0
19	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
20	0	0	0	1	0	0	1	0	0	1	1	0	0	0	1	1	0
21	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
22	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
23	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
24	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0
25	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0

26	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
----	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

Cont. da Tabela 1 – Matriz booleana da relação de ocorrência dos temas dentro dos artigos

Artigos	SUBTEMAS																
	1A	1B	1C	1D	1E	1F	1G	1H	1I	1J	2A	2B	2C	3A	3B	4A	4B
27	0	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
28	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
29	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	0
30	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0
31	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
32	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
33	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
34	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
35	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0
36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
37	1	0	1	0	1	1	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0
38	0	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
39	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0
41	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0
42	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0
43	0	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
Total	8	29	7	23	9	6	3	1	0	6	3	4	4	8	19	15	2
Porcentagem.	18,18	65,91	15,91	52,27	20,45	13,64	6,82	2,27	0	13,64	6,82	9,09	9,09	18,18	43,18	34,09	4,55

Fonte: Dados da pesquisa, (2023).

Também foi possível identificar a preocupação, por parte dos autores, em destacar as questões relativas às dificuldades enfrentadas, em uma tentativa, segundo interpretação adotada neste estudo, de desmistificar o poliamor. O trecho retirado do artigo *This is my partner, and this is my partner's partner: Constructing a polyamorous identity in a monogamous world*, corrobora com essa interpretação.

[...] as definições leigas de poliamor também devem ser coletadas em diferentes culturas e países, para estabelecer possíveis diferenças culturais entre como a aparentemente mesma estrutura de relacionamento ou identificação é percebida e como isso se conecta às experiências vividas, bem como com as experiências de discriminação (Cardoso, et al., 2021, tradução livre).

No trecho acima, é possível visualizar a ideia do autor de que os contextos culturais e, consecutivamente, os conceitos leigos de poliamor, influenciam diretamente nas experiências de discriminação, deste modo, é possível inferir que os conhecimentos científicos possam ser uma fonte de esclarecimento que possivelmente possibilitaria a minimização destas discriminações.

Por fim, um adendo sobre o subtema 1F - forma relacional de constituir família. Ele está presente em apenas seis textos. Verificou-se que, além da conceituação do poliamor como sendo uma configuração familiar, quase a totalidade dos artigos, 05, equivalendo a 83,33%, com exceção do artigo *Beyond inclusion: non-monogamies and the borders of citizenship*, definiram o poliamor como sendo um gênero dentro da espécie dos relacionamentos consensualmente não monogâmicos (CNM). Outros 4, correspondendo à 66,67%, tendo com exceções os artigos *Living outside protocol: polyamorous orientations, bodies, and queer temporalities* e *Monogamy versus Consensual Non-Monogamy: Alternative Approaches to Pursuing a Strategically Pluralistic Mating Strategy*, conceituaram o poliamor como sendo um arranjo de parentalidade. Metade dos artigos, sendo estes *Analysis of the experiences of polyamorists in Spain*, *Living outside protocol: polyamorous orientations, bodies, and queer temporalities* e *Beyond inclusion: non-monogamies and the borders of citizenship* trouxeram ideias relacionadas ao preconceito e discriminação enfrentados bem como o subtema arranjo de parentalidade e também consideraram a sociedade como uma estrutura pautada pela monogamia e heterossexualidade. Em proporções menos expressivas, 2 (33,33%) os artigos *Analysis of the experiences of polyamorists in Spain* e *Living outside protocol: polyamorous orientations, bodies, and queer temporalities* pontuaram sobre o poliamor ser uma forma consentida de manter relações amorosas e sexuais com mais de uma pessoa (1B - forma consentida de manter relações amorosas e sexuais com mais de uma pessoa)). Já os artigos *Analysis of the experiences of polyamorists in Spain* e *Beyond inclusion: non-monogamies and*

the borders of citizenship emitiram a mensagem de que o poliamor é uma alternativa ou oposição à monogamia.

Este dado corrobora com o fato de que o poliamor está presente em determinados contextos sociais. Neste sentido, ao adotar a proposta epistemológica da socioanálise como referência teórica que consubstancia as inferências sobre os dados obtidos nesta pesquisa, os conceitos formulados por Lourau (1975) para a análise institucional, funcionaram como pontos de luz, referências teóricas que cintilam, mas que não incidem diretamente sobre a análise, pois é necessário reconhecer que as implicações⁹ da pesquisadora que vos fala não são totalmente conhecidas (Lourau, 1975).

No que tange a esta análise, é possível afirmar que nos contextos sociais onde o poliamor está inserido, a monogamia é uma instituição, onde o modelo relacional monogâmico é o instituído. Isto é, entende-se como instituído aquilo que já tem uma organização pré-estabelecida e consolidada que norteia um dever ser, o que é da norma, e que, por conseguinte, é tratado como normal, assim como sistemas que apresentam previsibilidade em um fazer habitual, tais como os sistemas econômicos, políticos e os sociais. Logo, o poliamor, como um gênero dentro das relações consensualmente não monogâmicas, figuram como instituinte pois possuem essa capacidade de inovar dentro das relações afetivas e ou sexuais, bem como inovar ao produzir uma nova organização familiar que também é instituinte dentro da instituição família que tem modelo vigente da família nuclear. Neste sentido, os indivíduos poliamoristas são os sujeitos que colaboram provocando dialeticamente movimentos inovadores (instituintes) dentro da sociedade ocidental onde a monogamia está institucionalizada (Lourau, 1975).

Dando um direcionamento e aprofundamento, foram analisados os elementos constituintes dos mesmos. Desta forma, observou-se, que o primeiro texto, teve sua pesquisa realizada na Espanha e é intitulado “Análise das experiências de poliamoristas na Espanha” (tradução livre) de autoria de Yolanda Rodrigues Castro *et al.*, (2022). Na página 1662, a ideia do poliamor como uma configuração familiar aparece da seguinte forma: “Os temas mais recentes da investigação poliamorosas, que serão o foco do nosso estudo, giram em torno das famílias poliamorosas e das atitudes, percepções e preconceitos vividos” (Castro *et al.*, 2022 p. 1662, tradução livre). Os autores emitem a mensagem de como são embrionárias as pesquisas que tratam sobre o poliamor sob a perspectiva epistemológica de família.

⁹ Implicação é um dos conceitos basilares da socioanálise. Foi estruturado por René Lourau. Para um aprofundamento da compreensão da implicação dentro da perspectiva socioanalítica vide Lourau, R. (1977). *Análisis institucional y socioanálisis*. México: Nueva Imagem.

O artigo com pesquisa desenvolvida na Áustria, intitulado “Cada vez mais pais em famílias poliamorosas: uma nova tipologia materialista de práticas parentais e divisão do trabalho” (tradução livre), da autoria de Cornélia Schadler (2021), apresenta o tema das famílias poliafetivas/poliamorosas da seguinte forma:

Na Alemanha e na Áustria, onde este estudo foi realizado, as famílias poliamorosas não têm status legal. As leis de custódia na Alemanha e na Áustria não são projetadas para incluir mais de dois pais. Além disso, arranjos de vida poliamorosas não são representados em censos e pesquisas importantes (Schadler, 2021, p. 2, tradução livre)

Neste texto, a autora não só faz referência literal ao poliamor como sendo uma modalidade de família, como também aponta para a incipiência e negligência nas pesquisas de parentalidade que reconhecem as famílias como configurações familiares que se limitam a um ou dois pais excluindo as famílias poliafetivas de estudos e dados relevantes.

Como indicado por Schadler (2021, p. 2) o reconhecimento das organizações sociais denominadas como família se restringe a configurações onde existam apenas dois pais. Em outros termos, o que a autora nos diz é que a família contemporânea foi instituída em um formato nuclear, ou seja, enquanto instituição, o modelo da família é monogâmico e heterossexual, formado por pai, mãe e filhos. À vista disso, tem-se aqui desvelada esta outra instituição a qual esta pesquisa busca compreender os contornos e movimentos: a família. Não se trata de compreender a instituição em si, mas sim, decifrar por meio das produções científicas as transformações pelas quais a instituição família está passando. Neste sentido, as famílias poliafetivas são, dentro da ótica desta pesquisadora, elementos de mudança da realidade social e institucional.

Mesmo que a interpretação mais acertada para esta mensagem seja para uma invisibilidade no meio social e não acadêmico, como foi descrito nos artigos anteriores, não se pode olvidar que no âmbito acadêmico a lente pela qual são observados os fenômenos sociais, dentro das ciências humanas, são um reflexo do próprio cotidiano em que as ciências se propõe a decifrar a realidade, ou seja, a realidade, assim como a ciência, são construções sociais e do próprio sujeito que realiza a pesquisa, sendo a verdade uma construção da ciência. Em outras palavras, Lourau (1983, p.14-18) afirma que a pesquisa e a produção de conhecimento são circunscritas pelo cotidiano e por aquilo que se é vivido, ou seja, no processo do conhecimento, sujeito e objeto são partes que constituem o todo, ou seja, o conhecimento se produz a partir de uma heterogeneidade dos sentidos que está implícita nas relações que se estabelecem no campo da pesquisa.

O terceiro material identificado entre o grupo de textos que abordam a temática das famílias poliafetivas é o artigo *It's a little bit tricky": results from the polyamorous childbearing*

and birth experiences study (POLYBABES). Este artigo teve sua pesquisa desenvolvida no Canadá de autoria de Samantha Landry *et al.*, (2021). Nele, destaca-se o seguinte trecho:

Embora as percepções leigas negativas sobre a criação de filhos poliamorosos tenham sido frequentemente documentadas (Séguin, 2019; Shef, 2013), a pesquisa também sugeriu que existem alguns benefícios em criar filhos em configurações familiares poliamorosas (Goldfeder e Shef, 2013; Klesse, 2019; Dor, 2020; Shef, 2013, 2015). Dito isto, as experiências vividas de planejamento familiar, gravidez e parto para pessoas poliamorosas não foram amplamente relatadas (Arseneau *et al.*, 2019) e as experiências gerais de famílias poliamorosas até agora foram sub-representadas na literatura (Landry *et al.*, 2021, p. 1480, tradução livre).

Assim como os outros artigos, *Analysis of the experiences of polyamorists in Spain* e *Ever more parents in polyamorous families: a new materialist typology of parenting practices and division of work, "It's a Little Bit Tricky": Results from the POLYamorous Childbearing and Birth Experiences Study (POLYBABES)*, corroboram com a ideia de que a pesquisa e abordagem do poliamor pela perspectiva da família, é escassa e ou pouco aprofundada.

Passando para a segunda metade dos textos analisados, temos o artigo *Living outside protocol: polyamorous orientations, bodies, and queer temporalities* que teve sua pesquisa desenvolvida na Suécia. É de autoria de Charlotta Carltröm e Catrine Andersson, e fora publicado em 2019. O texto, ao abordar o tema das famílias poliamorosas aponta que:

a situação de vida das pessoas que praticam o poliamor é caracterizada pela invisibilidade, risco de discriminação e exclusão de qualquer proteção do direito de família de seus relacionamentos (Anapol 2010; Barker e Langdridge 2010; Conley *et al.*, 2013). Palotta-Chiarolli (2010) detalha como as famílias poliamorosas temem ações legais, estigma social e assédio, resultando na maioria das famílias escondendo sua estrutura familiar poliamorosas (Carltröm e Andersson, 2019, p.1317)

Neste trecho, verifica-se uma ideia que é consoante com as anteriores, a invisibilidade das famílias poliafetivas, entretanto, a perspectiva aqui retratada, fala não somente da invisibilidade social, mas também legal sofrida pelas famílias poliamorosas.

Assim sendo, constatou-se que os textos que trouxeram esta temática constituem menos do que 20% da totalidade do corpus da análise, o que corrobora com a hipótese levantada no capítulo anterior de que as relações poliamorosas são pouco reconhecidas como uma configuração familiar. No Quadro 4, essa proporção está ilustrada. Entretanto, mesmo que baixa produção científica sobre as famílias poliafetivas, esta sinaliza a relação simbiótica entre instituído e instituinte pois as produções que não incluem essa perspectiva de uma nova construção epistemológica para o estudo das famílias, depende dessas pesquisas ainda incipientes sobre a temática para que haja uma progressão dos estudos sobre família, da mesma forma que aqueles que adotaram uma episteme inovadora necessitam deste fazer científico

instituído para darem prosseguimento a este processo de transformação. O que se observa é a articulação entre o momento da universalidade/ instituído (família nuclear, monogâmica e heterossexual) e o momento da particularidade/ instituintes (famílias poliafetivas).

Desta maneira, o que existe nessas seis produções sobre o poliamor são uma nova direção no caminho para a compreensão dos fenômenos sociais e, conseqüentemente, da família, pois acabam por romper com posições epistemológicas sobre a família que ainda estão vigentes e presentes nos outros 38 artigos.

4.3 Bases epistemológicas de fundo

Nesta etapa, foram identificadas e agrupadas as bases epistemológicas de fundo das publicações, respondendo ao último objetivo específico, resultando em sete classes, sendo estas: (1) “Percepções dos praticantes de poliamor”; (2) “Perspectivas masculinas e RLis”; (3) “Satisfação e estigma no poliamor”; (4) “Avaliação da satisfação dos poliamoristas”; (5) “Conceito de poliamor”; (6) “Motivações para prática sexual” e (7) “Poliamor e parentalidade”.

No total, os 44 artigos utilizaram 2511 referências bibliográficas, dentre estas, 267 referências se repetem em mais de um artigo. Dez dessas referências se tratam de artigos que integram o próprio corpus da análise e que também foram utilizados como referências bibliográficas. Para complementar os dados da pesquisa, é relevante considerar que das 267 referências que se repetem, 100 são exclusivas dentro de uma mesma classe. Além disso, há 31 referências que se repetem nos textos, mas não se repetem dentro de nenhuma classe específica. Adicionalmente, apenas 13 referências estão presentes em todas as classes, o que destaca a variedade e a especificidade das fontes utilizadas em diferentes contextos de pesquisa sobre poliamor e relacionamentos não monogâmicos. Esses números fornecem uma visão mais detalhada da distribuição das referências repetidas entre as classes e dentro dos textos, destacando a importância da análise tanto a nível de classe quanto globalmente para compreender a interrelação das fontes bibliográficas nos estudos sobre esse tema.

No quadro 04, estão representadas as respectivas classes, com o total de artigos que integram as mesmas, o número total de referências utilizadas nos artigos que compõem cada classe e o número de repetição das referências e a(s) referência(s) que mais se repetiu(iram) dentro de cada classe.

Quadro 4 – Quadro de análise de referências em cada agrupamento dos artigos (classes).

Classes	Nº de artigos na classe	Nº de referências na classe	Nº de referências repetidas	Referência(s) que mais se repetiu(iram) por classe
Percepções dos praticantes de poliamor	20	1142	122	<i>The fewer the merrier? Assessing stigma surrounding consensually non-monogamous romantic relationships</i> (Conley, et al., 2012)
Perspectivas masculinas e RLis	15	951	72	<i>Polyamory and its "others": contesting the terms of non-monogamy</i> (Klesse, 2006)
Satisfação e estigma no poliamor	20	1232	125	<i>The fewer the merrier? Assessing stigma surrounding consensually non-monogamous romantic relationships</i> (Conley, et al., 2012)
Avaliação da satisfação dos poliamoristas	11	756	67	<i>The fewer the merrier? Assessing stigma surrounding consensually non-monogamous romantic relationships</i> (Conley, et al., 2012)
Conceito de Poliamor	13	778	39	<i>The fewer the merrier? Assessing stigma surrounding consensually non-monogamous romantic relationships</i> (Conley, et al., 2012) <i>This is my partner, and this is my... partner's partner: Constructing a polyamorous identity in a monogamous world</i> (Barker, 2005) <i>Polyamory and its "others": contesting the terms of non-monogamy</i> (Klesse, 2006)
Motivações para prática sexual	13	800	81	<i>Polyamory and its "others": contesting the terms of non-monogamy</i> (Klesse, 2006)
Poliamor e parentalidade	10	520	45	<i>Prevalence of experiences with consensual non-monogamous relationships: Findings from two nationally representative samples of single</i> (Hauptert, et al, 2016)

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

O Quadro 04 resume as classes com o número de artigos, total de referências, referências repetidas e as mais citadas em cada classe, proporcionando uma visão detalhada da distribuição e repetição das referências, fundamental para compreender a interrelação bibliográfica nos estudos sobre poliamor e relacionamentos não monogâmicos. A seguir serão apresentadas cada classe descrita no Quadro 04 e as principais bases teóricas identificadas nos artigos que apareceram com maior frequência em cada agrupamento:

“Percepções dos praticantes de poliamor”: formada por 20 artigos. Foram encontradas 1142 referências bibliográficas, 122 se repetem, ou seja, a mesma referência aparece em mais de um dos artigos.

- *“The fewer the merrier? Assessing stigma surrounding consensually non-monogamous romantic relationships”* (Conley, et al., 2012), com o maior número de citações, é a referência bibliográfica que mais se repete dentro desta classe com o total de 10 repetições, o que significa dizer que foi utilizado como referência para 50% dos artigos que compõe esta classe. Este artigo conta com 77 referências, dentre elas, destacam-se as que são teorias que consubstanciam a pesquisa, sendo estas: a “Teoria do Apego” de Bowlby, “Teoria Sobre o Efeito Halo”, “Teoria do Desenvolvimento Psicossocial” de Erikson e “Teoria da Justificação do Sistema”.
- *“Poly/logue: A critical introduction to polyamory”* (Haritaworn, et al, 2006), Segundo artigo mais citado, aparece em 9 artigos, correspondendo a 45% dos artigos que compõe a classe. Este artigo conta com 56 referências, dentre elas, também se destacam as bases teóricas que direcionam estas pesquisas, sendo estas: “Teoria Feminista Negra”, “Teoria das Masculinidades” e “Teoria da Conscientização”.

O artigo *“The fewer the merrier? Assessing stigma surrounding consensually non-monogamous romantic relationships”* (Conley, et al., 2012), investiga o estigma associado a relacionamentos românticos não monogâmicos consensuais. Esta pesquisa descritiva envolveu questionários e experimentos para examinar as atitudes sociais em relação a esses relacionamentos, descobrindo que eles são frequentemente estigmatizados e mal compreendidos pela sociedade. Os resultados destacaram a importância de desafiar estereótipos e promover uma compreensão mais inclusiva e respeitosa de diversas formas de relacionamentos românticos. Para a elaboração deste artigo, Conley e seus colaboradores (2012) utilizaram 77 referências. A “teoria do apego” de Bowlby presente em *“Attachment and loss: (Vol. 1)”* (Bowlby, 1969), foi proposta por John Bowlby e foi desenvolvida dentro do âmbito da psicologia do desenvolvimento, examina como os laços emocionais entre crianças e cuidadores primários (geralmente os pais) influenciam o desenvolvimento emocional e social ao longo da vida. Bowlby argumenta que o apego seguro na infância é fundamental para o desenvolvimento saudável das relações interpessoais, fornecendo uma base segura para a exploração do mundo e o desenvolvimento da autoconfiança. A “Teoria Sobre o Efeito Halo” presente em *“The Halo Effect: Evidence for Unconscious Alteration of Judgments”* de Nisbett e Wilson (1977), foi proposta inicialmente pelo psicólogo Edward Thorndike em 1920. O efeito halo descreve a tendência das pessoas de fazerem generalizações sobre uma pessoa com base em uma única

característica ou traço percebido, esta teoria sugere que a primeira impressão ou avaliação de uma pessoa pode afetar o julgamento posterior sobre suas características e habilidades. Esta teoria constitui um conceito fundamental dentro da psicologia social. A “Teoria do Desenvolvimento Psicossocial” de Erikson, presente em *“Major stages in psychosocial development. The life cycle completed”* (Erikson, 1982, p. 55–66), enfoca os estágios de desenvolvimento psicossocial ao longo da vida, destacando as crises ou desafios específicos enfrentados em cada fase. Cada estágio, como confiança versus desconfiança na infância ou intimidade versus isolamento na idade adulta jovem, apresenta uma tarefa psicossocial que deve ser resolvida para promover o desenvolvimento saudável da identidade e das relações interpessoais. A “Teoria da Justificação do Sistema”, presente em *“The role of stereotyping in system-justification and the production of false consciousness”* (Jost, e Banaji, 1994), explora como as pessoas tendem a justificar e racionalizar as desigualdades e injustiças sociais para manter a coesão e a estabilidade do sistema existente. Ela destaca como os estereótipos e preconceitos são usados para legitimar e perpetuar estruturas de poder, mesmo quando essas estruturas podem ser opressivas para certos grupos sociais.

Destacadas nas referências de bases teóricas presentes no segundo artigo mais citado: *“Polylogue: A critical introduction to polyamory”* (Haritaworn, et al, 2006), a “Teoria Feminista Negra” ou “Feminismo negro (*Black Feminist*)” desenvolvida em *“Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment”* de Patricia Hill Collins (1999), oferece uma análise crítica das interseções de raça, gênero e classe social, destacando as experiências únicas das mulheres negras na sociedade. Collins argumenta que as mulheres negras enfrentam formas únicas de opressão e discriminação, e propõe uma abordagem interseccional para entender e combater as injustiças sociais. A “Teoria das Masculinidades”, desenvolvida na obra *“Masculinities”* de Raewyn Connell (1995), examina como as construções sociais de masculinidade variam culturalmente e são influenciadas pelo poder e pela hierarquia social. Connell desafia as noções tradicionais de masculinidade hegemônica e destaca a diversidade de identidades de gênero masculinas, explorando como as normas de gênero afetam homens de diferentes grupos sociais. A “Pedagogia Crítica” ou “Teoria da Conscientização”, “Pedagogia do Oprimido” (1968) de Paulo Freire. Freire propõe uma abordagem educacional centrada na conscientização e na emancipação dos oprimidos, promovendo a reflexão crítica sobre as estruturas de poder na sociedade. Sua teoria enfatiza a importância da educação como uma ferramenta para a transformação social e o empoderamento dos marginalizados, desafiando as relações de dominação e promovendo a participação democrática. Apesar de abordarem diferentes aspectos do comportamento humano e das

estruturas sociais, essas teorias que são as bases epistemológicas de fundo dessa classe, compartilham algumas características comuns. Todas elas possuem uma abordagem interdisciplinar, combinando compreensões e conceitos de diferentes campos, como psicologia, sociologia, educação e estudos de gênero. Cada uma dessas teorias se concentra nas interações sociais e nas relações entre indivíduos e grupos dentro da sociedade, reconhecendo a importância do contexto cultural e social na formação de identidades, relacionamentos e sistemas de crenças. Adotam uma perspectiva crítica das estruturas de poder existentes na sociedade, examinando como essas estruturas influenciam a distribuição de recursos, oportunidades e privilégios.

Na classe “**Perspectivas masculinas e RLis**” que é composta por 15 artigos e tem um total de 951 referências utilizadas nestes artigos, dentre estas, 72 se repetem.

- “*Polyamory and its "others": contesting the terms of non-monogamy*” (Klesse, 2006) é a referência que mais aparece dentro dos artigos desta classe, ela está presente em 7 dos 15 artigos, correspondendo a 46,6% dos artigos desta classe.
- “*Poly/logue: A critical introduction to polyamory*” (Haritaworn, et al, 2006), com 6 aparições, 40% dos artigos da classe, é o segundo artigo mais referenciado dentro desta classe.

Nesta classe, apesar das referências supracitadas terem tido o maior número de aparições, estas não integralizam a maioria dos artigos, como ocorreu na classe anterior, mesmo assim, esta classe apresenta semelhanças com a classe “Percepções dos praticantes de poliamor”, por terem como a segunda referência mais utilizada, o mesmo artigo da classe anterior. Na análise das referências utilizadas em “*Polyamory and its "others": contesting the terms of non-monogamy*” (Klesse, 2006), foi possível identificar como referências teóricas explícitas a “Teoria da Heterossexualidade Compulsória” e a “Teoria do Discurso”.

A “Teoria da Heterossexualidade Compulsória”, descrita em “*Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence*”, consiste em um ensaio escrito por Adrienne Rich em 1983. Neste trabalho, Rich apresenta uma análise crítica das normas sociais que impõem a heterossexualidade como o único padrão aceitável de orientação sexual. Rich argumenta que a sociedade patriarcal exerce pressão sobre as mulheres para que se identifiquem e se relacionem apenas com homens, negando assim a validade das experiências lésbicas e reprimindo a sexualidade feminina. Essa teoria de Rich tem sido influente nos estudos de gênero e sexualidade, fornecendo uma estrutura para entender as pressões sociais sobre a identidade sexual e as experiências das mulheres lésbicas. A “Teoria do Discurso” ou “Teoria do Populismo de Esquerda”, foi desenvolvida por Ernesto Laclau e Chantal Mouffe em seu livro

"*Hegemony and Socialist Strategy*" (1985), é uma abordagem teórica influente no campo da teoria política e social. Nesta obra seminal, Laclau e Mouffe propõem uma reinterpretação do marxismo e das lutas políticas de esquerda, especialmente diante das mudanças sociais e culturais ocorridas no final do século XX.

Assim sendo, temos nesta classe como bases epistemológicas de fundo as Teorias da Heterossexualidade Compulsória, e da Conscientização, Teoria do Discurso e Teoria da Masculinidade, se assemelhando às bases epistemológicas da classe anterior, pela natureza interdisciplinar e interseccional das teorias, se distanciando um pouco da classe anterior pela abordagem de questões complexas relacionadas a gênero, sexualidade, poder e identidade na sociedade contemporânea e pela perspectiva política adicionada pela "Teoria do Discurso".

Na classe "**Satisfação e estigma no poliamor**" foi possível identificar uma presença mais intensa de algumas das referências em comparação às presenças dessas mesmas referências nas classes anteriores. Esta classe é composta por 20 artigos, que somados, apresentam 1232 referências, com 125 repetições sendo o artigo

- "*The fewer the merrier? Assessing stigma surrounding consensually non-monogamous romantic relationships*" (Conley, et al., 2012) a referência mais utilizada, presente em 12 dos 20 artigos, o que corresponde à utilização desta referência por 60% dos artigos desta classe.
- "*Stigma Toward Individuals Engaged in Consensual Nonmonogamy*" (Moors, et al, 2013) e "*Consensual Nonmonogamy: Psychological Well-Being and Relationship Quality Correlates*" (Rubel e Bogaert, 2014), estão em segundo como artigos mais citados nesta categoria, cada um destes presentes em 11 artigos, o que corresponde à presença em 55% dos artigos desta classe.

Na análise de "*Stigma Toward Individuals Engaged in Consensual Nonmonogamy*" (Moors, et al, 2013), encontra-se referenciado *Sexual strategies theory: An evolutionary perspective on human mating* (Buss e Schmitt, 1993). Consta nessa obra a Teoria das Estratégias Sexuais, tal teoria que é pertencente ao campo da psicologia evolucionista e propõe que os comportamentos humanos relacionados ao acasalamento e à reprodução podem ser compreendidos através de uma lente evolutiva, sugerindo que tais comportamentos evoluíram como estratégias adaptativas para maximizar o sucesso reprodutivo ao longo da história evolutiva da espécie humana. Esta teoria constitui uma das bases epistemológicas para a construção do artigo. Além desta, foi também referenciada a já mencionada Teoria da Justificação do Sistema, de Jost, e Banaji (1994).

Esta classe se assemelha à primeira por terem como referência mais utilizada “*The fewer the merrier? Assessing stigma surrounding consensually non-monogamous romantic relationships*” (Conley, et al., 2012), apresentando como bases epistemológicas de fundo a Teoria Sobre o Efeito Halo, a Teoria de Desenvolvimento Psicossocial, Teoria da Justificação do Sistema e a Teoria do Apego de Bowlby, somadas à Teoria das Estratégias Sexuais de Buss e Schmitt (1993), “*Stigma Toward Individuals Engaged in Consensual Nonmonogamy*” (Moors, et al, 2013) juntamente com outra teoria já citada, a Teoria da Justificação do Sistema, de Jost, e Banaji (1994).

Já na análise das 83 referências utilizadas em “*Consensual Nonmonogamy: Psychological Well-Being and Relationship Quality Correlates*” (Rubel e Bogaert, 2014), foram encontradas, como base epistemológica de fundo, a “Teoria da Heterossexualidade Compulsória” de Rich, presente na obra “*Compulsory heterosexuality and lesbian Existence*” .publicada em 1980, Teoria do Self Dialógico presente em “*Opposites in a Dialogical Self: Constructs as Characters*”, pertencente ao campo da psicologia construtivista, escrito por Hubert Hermans e publicado em 1996.

A Teoria do Self Dialógico, desenvolvida por Hubert Hermans e seus colaboradores, é uma abordagem na psicologia que concebe o self como um sistema complexo de posições e vozes internas que interagem em um diálogo contínuo. Essa teoria enfatiza que o self é construído por meio da interação dinâmica entre diferentes "eus" ou "posições do self", que são influenciadas por experiências passadas, contextos sociais e culturais

Assim como as classes anteriores, a classe “Satisfação e estigma no poliamor” possui teorias interdisciplinares que apresentam críticas às normativas sociais dominantes. Se diferindo da primeira classe que não apresenta nenhuma teoria que investiga a sexualidade, deste modo, se assemelha mais à segunda classe ao apresentar a Teoria das Estratégias Sexual, assim como a segunda classe que apresentou a Teoria da Sexualidade Compulsória.

A classe “**Avaliação da satisfação dos poliamoristas**” é composta por 11 artigos, que apresentaram um total de 756 referências, dentre estas, 67 repetições.

- *The fewer the merrier? Assessing stigma surrounding consensually non-monogamous romantic relationships* (Conley, et al., 2012). Esta referência está presente em 9 dos 11 artigos, o que significa dizer que 81,82% dos artigos desta classe.
- “*A critical examination of popular assumptions about the benefits and outcomes of monogamous relationships*” (Conley, et al, 2013), aparece também como referência

mais utilizada, com 7 aparições, correspondendo a esta presença em 63,63% dos artigos desta classe.

Esta classe exibe algumas características se assemelhando às classes “Percepções dos praticantes de poliamor” e “Satisfação e estigma no poliamor” por apresentar como referência mais utilizada o artigo utilizam uma mesma referência e possuem como base epistemológica a Teoria Sobre o Efeito Halo, a Teoria de Desenvolvimento Psicossocial, Teoria da Justificação do Sistema e a Teoria do Apego. A presença frequente de certas referências e, no caso em específico, da presença expressiva em múltiplos artigos dentro da classe, sugere que esses trabalhos compartilham uma base comum de literatura de apoio. No caso específico da classe “Percepções dos praticantes de poliamor”, o artigo *The fewer the merrier? Assessing stigma surrounding consensually non-monogamous romantic relationships* de Conley et al. (2012) é a referência mais utilizada nesta classe, isto posto, infere-se que as teorias mencionadas, como a Teoria do Apego, a Teoria da Heterossexualidade Compulsória e outras, fornecem uma estrutura conceitual comum para entender os fenômenos relacionados ao poliamor e ao estigma associado a relacionamentos não monogâmicos. Essas teorias enfocam aspectos psicológicos, sociais e culturais que moldam as percepções e experiências das pessoas em relacionamentos não tradicionais. Identificou-se também 9 referências dentro desta mesma classe do artigo “*A critical examination of popular assumptions about the benefits and outcomes of non-monogamous relationships*” (Conley, et al, 2013), entretanto, na análise das referências não é possível encontrar indicativos diretos das teorias que embasam este estudo.

A classe “**Conceitos de poliamor**” é composta por 13 artigos que utilizam um total de 776 referências com 39 repetições. Apresenta três referências como as mais utilizadas, sendo a presença destas equivalentes. São 7 aparições respectivamente, principais referências:

- “*The fewer the merrier? Assessing stigma surrounding consensually non-monogamous romantic relationships*” (Conley, et al., 2012).
- “*Polyamory and its "others": contesting the terms of non-monogamy*” (Klesse, 2006). “
- *This is my partner, and this is my... partner's partner: Constructing a polyamorous identity in a monogamous world*” (Barker, 2005)

Esta classe chama a atenção por apresentar referências similares às utilizadas nos artigos que compõe a classe “Percepções dos praticantes de poliamor”, mas se diferencia das demais classes por apresentar 3 referências como as mais utilizadas e não apenas uma referência, mesmo assim, essas referências não apresentam discrepância em relação às demais classes, elas são as mesmas referências que foram mais utilizadas nas demais classes, a distinção ocorre com

a aparição da referência *“This is my partner, and this is my... partner’s partner: Constructing a polyamorous identity in a monogamous world”* (Barker, 2005) como uma das três mais utilizadas, por esta razão, considerou-se que esta classe apresenta uma base epistemológica mais ampla do que as demais pois, somadas às teorias que embasam as duas referências outras referências, Teoria Sobre o Efeito Halo, a Teoria de Desenvolvimento Psicossocial, Teoria da Justificação do Sistema e a Teoria do Apego e Teoria da Heterossexualidade Compulsória, estão a Teoria Marxista de Karl Marx e Friedrich Engels, Teoria Sobre a Transformação das Relações Íntimas e Afetivas nas Sociedades Contemporâneas de Anthony Giddens, Teoria do Construto Social de George Kelly

A Teoria Marxista busca compreender a sociedade através da análise das relações de classe, trabalho e poder, incluindo as relações de gênero e familiares.

A teoria de Giddens enfoca a ideia de modernidade reflexiva, que sugere que nas sociedades modernas há uma maior reflexividade e conscientização sobre as escolhas individuais em relação aos relacionamentos íntimos. Ele também analisa a importância da comunicação, da igualdade de gênero e da autonomia individual na configuração dos relacionamentos amorosos e sexuais.

A Teoria do Construto Social é uma abordagem na psicologia e nas ciências sociais que sugere que os seres humanos constroem ativamente o significado e a compreensão da realidade social por meio de processos de interação social e linguagem. Essa teoria destaca a ideia de que a realidade social não é simplesmente dada ou objetiva, mas é interpretada e construída pelos indivíduos com base em suas experiências, contextos culturais e interações sociais.

A classe "**Motivações para prática sexual**" é composta por 13 artigos que utilizam um total de 800 referências, dentre estas, 81 se repetem, sendo a referência mais utilizada,

- *“Polyamory and its 'others': contesting the terms of non-monogamy”* (Klesse, 2006), é a referência mais utilizada, aparece em 9 dos 13 artigos, correspondendo a 69,23% da classe. Isso significa que a maioria dos artigos desta classe está fundamentada nas teorias da "Teoria da Heterossexualidade Compulsória" e "Teoria do Discurso"
- *“A critical examination of popular assumptions about the benefits and outcomes of monogamous relationships”* (Conley, et al, 2013), figura como a segunda referência mais utilizada nesta classe, com presença em 8 dos 13 artigos.

Na análise das 136 referências utilizadas em *“A critical examination of popular assumptions about the benefits and outcomes of monogamous relationships”*, não foi possível identificar nenhuma teoria seminal específica, entretanto, dentre as referências analisadas, 13

apresentam em seus títulos indicativos diretos da utilização da “Teoria do Apego”. No total, foram identificadas 18 referências que fazem referência à “Teoria do Apego” em seus títulos. Neste sentido, destacam-se com finalidade exemplificativa, as seguintes encontradas: “Influência dos estilos de apego nos relacionamentos amorosos” (Simpson, 1990); “Um estudo exploratório dos estilos de apego dos jovens e das razões percebidas para o divórcio dos pais” (Walker e Ehrenberg, 1998); “Reconceitualizando o estado civil como um continuum de apego social” (Ross, 1995); “Conflito parental e infidelidade como preditores do estilo de apego e infidelidade dos filhos adultos” (Platt *et al*, 2008); “Evitando a monogamia: Apego, sexo, amor e não monogamia consensual” (Mouros *et al*, 2012); “Estilos de amor e estilos de apego comparados: suas relações entre si e com várias características de relacionamento” (Levy e Davis 1988).

Esta classe apresenta características distintas em relação às demais classes devido à sua abordagem específica sobre as razões que impulsionam as pessoas a se engajarem em atividades sexuais, especialmente em contextos de relacionamentos não monogâmicos. Nesta classe, há referências que são exclusivas e se repetem somente aqui, isso se dá pelo fato de esta classe ser a única a incluir os artigos “*Analysis of the Experiences of Polyamorists in Spain*” e “*Understanding polyamory as a form of concurrency to enhance HIV programmes in South Africa: The need to re-conceptualise the partner reduction policy*”, ou seja, algumas das fontes utilizadas nestes artigos não aparecem nos demais artigos que compõem a classe, mas se repetem entre eles.

Embora esta classe mantenha um padrão de semelhança com as demais ao empregar teorias interdisciplinares como a “Teoria do Discurso” e “Teoria da Heterossexualidade Compulsória”, ela se distingue pela utilização de referências específicas. Apesar de não alterar significativamente a base teórica geral, a utilização destas referências destaca a importância de se considerar as relações de poder, as normas sociais e os estigmas associados a diferentes relacionamentos e práticas sexuais, com uma análise focada nas motivações por trás dessas interações.

Classe “Poliamor e parentalidade”: Inicialmente, esta classe já se distingue das demais por apresentar um número relativamente menor de artigos que a compõem. Computam 10 artigos, sendo que estes utilizam um total de 520 referências, onde 45 se repetem.

- “*Prevalence of experiences with consensual non-monogamous relationships: Findings from two nationally representative samples of single*” (Hauptert, *et al*, 2016), figura como o artigo mais referenciado nos textos dessa classe estando presente em

7 dos 10 artigos dessa classe, correspondendo à 70% dos artigos. Esta referência não aparece em nenhuma das classes anteriores.

- *“This is my partner, and this is my... partner’s partner: Constructing a polyamorous identity in a monogamous world”* (Barker, 2005), aparece, juntamente com os dois artigos listados abaixo como as segundas referências mais utilizadas dentro desta classe, tem presenças relevantes, eles aparecem em 5 dos 10 artigos desta classe, correspondendo à 50% de aparições.
- *“Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence”*
- *Using thematic analysis in psychology.* (Braun e Clarke, 2008)

Na análise das bases epistemológicas de fundo em *“Prevalence of experiences with consensual non-monogamous relationships: Findings from two nationally representative samples of single”*, foi possível identificar a utilização da “Teoria da Justificação do Sistema”. Na análise já realizada de *“This is my partner, and this is my... partner’s partner: Constructing a polyamorous identity in a monogamous world”* (Barker, 2005), foi possível constatar que este está calcado na Teoria Marxista, Teoria Sobre a Transformação das Relações Íntimas e Afetivas nas Sociedades Contemporâneas e Teoria do Construto Social. E na análise de *“Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence”* (Meyer, 2003) e *Using thematic analysis in psychology.* (Braun e Clarke, 2008), não foram identificadas as bases epistemológicas de fundo pois as referências utilizadas não foram disponibilizadas.

Enquanto algumas classes compartilham referências comuns, como o artigo sobre estigma em relacionamentos não monogâmicos consensuais, outras classes se distinguem por referências específicas que são mais frequentes em seus artigos. Isso sugere uma diversidade de fontes teóricas e empíricas utilizadas pelos pesquisadores para fundamentar suas análises e argumentações.

As classes variam em termos de quantidade de artigos e referências utilizadas. Essa discrepância pode refletir diferentes abordagens metodológicas, extensão das análises realizadas e profundidade das discussões em cada classe. A diversidade de artigos e referências contribui para uma visão abrangente e multifacetada do poliamor sob diferentes perspectivas e contextos de pesquisa.

A análise detalhada das classes de artigos sobre o poliamor revelou a complexidade e a diversidade de abordagens teóricas e epistemológicas utilizadas para compreender os relacionamentos não monogâmicos. A presença de teorias interdisciplinares, como a Teoria do

Apego, Teoria do Discurso, Teoria da Heterossexualidade Compulsória, entre outras, evidencia uma perspectiva ampla e crítica das produções científicas ao explorarem as dinâmicas sociais, emocionais e culturais envolvidas no poliamor.

A identificação das referências mais utilizadas em cada classe de artigos destacou a relevância de teorias que abordam questões de poder, identidade, estigma e normatividade social. A Teoria do Apego emergiu como uma base conceitual importante para compreender as relações emocionais nos relacionamentos poliamorosos, enquanto a Teoria do Discurso e a Teoria da Heterossexualidade Compulsória forneceram elucidação sobre as estruturas de poder e normas sociais que influenciam essas práticas relacionais.

Além disso, a análise comparativa entre as classes de artigos permitiu identificar padrões recorrentes e distinções significativas nas bases teóricas adotadas. A diversidade de referências e a presença de teorias críticas, como a Teoria Feminista Negra e a Teoria da Justificação do Sistema, ressaltam a utilização de uma abordagem interseccional e política ao estudar o poliamor e os estigmas associados a práticas não monogâmicas.

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral estudar as produções acadêmicas dos últimos 10 (dez) anos relativas à temática do poliamor, no que diz respeito às temáticas privilegiadas, aos conteúdos e às bases epistemológicas. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, com coleta de dados por meio da revisão sistemática. No que se refere ao primeiro objetivo específico (conhecer as produções acadêmicas sobre o poliamor), observou-se no período pesquisado que dentro os 44 artigos encontrados, apenas uma autora (Rhonda Balzarini – dos Estados Unidos da América) dedicou-se com mais ênfase com maior número de produções, sendo Antônio Pilão, o único autor pertencente a América latina, tendo nacionalidade brasileira. Em relação aos país(es) onde foi(foram) realizada(s) a(s) coleta(s) dos dados verificou-se que a maioria dos estudos se concentraram nos Estados Unidos, Canadá, Espanha, Brasil e Portugal, respectivamente.

É importante destacar que essas nações se situam no Ocidente e possuem predominantemente uma população de cristãos não ortodoxos. Esse cenário evidencia a ausência de estudos sobre o poliamor em outras regiões cuja população é majoritariamente composta por seguidores de religiões como o islamismo, o budismo, o judaísmo, o hinduísmo, entre outras. Considerando-se a distribuição anual das publicações, verificou-se que o ano de 2021 foi o que concentrou o maior número desses artigos. Quanto às técnicas de coleta de dados a que se sobressaiu foi a entrevista. Em síntese, os resultados demonstraram que, apesar da incipiência da produção científica sobre o poliamor tem-se percebido um crescimento nesta área. É válido notar que a maioria das produções se concentra predominantemente em debates relacionados à sexualidade e à satisfação nas relações poliafetivas, em comparação com os relacionamentos monogâmicos. No entanto, essas obras tendem a negligenciar a análise das dinâmicas familiares específicas desse tipo de estrutura familiar. Isso evidencia, assim, a urgência e importância de realizar mais pesquisas científicas acerca do poliamor como uma alternativa para a formação de famílias.

Para além, foi realizada uma análise de conteúdo e lexical com auxílio do IRaMuTeQ, com o intuito de identificar as temáticas que vêm sendo frequentemente discutidas academicamente no entorno do tema poliafetividade. O *software* apontou a existência de sete classes temáticas, sendo a classe três, denominada “Satisfação e estigma no poliamor”, a qual apresenta o maior número de segmentos textuais. Este achado reforça a conclusão anterior, conforme evidenciado nos resultados da revisão sistemática, indicando que a maioria dos estudos selecionados se

concentra principalmente nas discussões sobre a sexualidade e a satisfação nas relações poliafetivas.

Além disso, os textos pertencentes a essa classe exploram a questão da hierarquia nas relações, estabelecendo distinções entre relacionamentos primários e secundários. Nesse contexto, a classe “Satisfação e estigma no poliamor” estabelece um diálogo com a literatura científica sobre a idealização do amor romântico presente nos relacionamentos monogâmicos. Em outras palavras, ela proporciona uma compreensão mais aprofundada das percepções dos parceiros e da qualidade do relacionamento em diversas configurações poliamorosas, comparando os resultados em cada configuração com aqueles observados em relacionamentos monogâmicos.

No tocante, ao terceiro objetivo que consiste na análise dos conteúdos em destaque nas publicações com relação à poliafetividade e como vêm sendo desenvolvidos, criou-se quatro temas como unidade de registro. Destaca-se que o subtema forma consentida de manter relações amorosas e sexuais com mais de uma pessoa foi o mais recorrente, sendo mencionado em 65,91% dos textos, que sugerem a ideia de que o poliamor é uma forma consentida de manter relações amorosas e sexuais com mais de uma pessoa. Isso indica um consenso significativo dentro da comunidade acadêmica sobre o conceito de poliamor, uma vez que a conceituação de tal temática é amplamente reconhecida entre os pesquisadores.

Em relação as temáticas mais abordadas nas produções científicas sobre o poliamor, é possível inferir que as dificuldades enfrentadas e o contexto social em que se inserem os relacionamentos poliamorosos, são os temas mais discutidos. Essa constatação reforça a ideia de que o poliamor, ou seja, a forma como “amamos”, nos relacionamos e constituímos família também são construções sócio-históricas. Por conseguinte, as formas relacionais estão intrinsecamente ligadas aos contextos sociais, econômicos, políticos e históricos em que se inserem.

De acordo com as pesquisas elencadas para o desenvolvimento deste estudo, infere-se que o poliamor está inserido em contextos sociais de países ocidentais, nos quais a cultura é fortemente influenciada pelas religiões de matriz cristã e guiada por normas sociais estabelecidas que promovem a ideologia patriarcal, institucionalizando a monogamia, o casamento e a heterossexualidade (heteronormatividade). Neste contexto, os comportamentos que são considerados como desviantes dessas normas, são interpretados como exceções e ou fora do padrão estabelecido, resultando em discriminação para aqueles que não se conformam a essas normativas sociais que regem a afetividade, sexualidade e as configurações familiares.

De modo geral, foi possível constatar que o poliamor ainda é amplamente subestimado e mal compreendido, cercado de estigma e preconceito que se estende no âmbito acadêmico fazendo com que ele seja pouco investigado por uma perspectiva científica da família. As dinâmicas familiares em relações poliamorosas são complexas e multifacetadas e não possuem nenhuma pesquisa concluída até o momento que procure investigar e compreender aspectos dessa complexidade para além dos casos das gestações poliafetivas. As investigações acerca do fenômeno do poliamor se concentram em compreender aspectos relacionais que incluem afeto, apego, sexualidade, retenção, nível de comprometimento, motivação para a prática sexual, satisfação sexual, estigma, mas não se ocupa das distribuições de poder, processos de tomada de decisão, estratégias de resolução de conflitos, impacto dos conflitos, padrões de comunicação, transparência, funções parentais, impacto nos filhos, formação de vínculos, manutenção da intimidade, gestão financeira, divisão de tarefas domésticas, percepção social, apoio comunitário, níveis de satisfação da família, saúde mental e emocional, capacidade de adaptação e flexibilidade nas relações. Investigar essas dinâmicas familiares em contextos poliafetivos pode proporcionar uma compreensão mais profunda das complexidades e diversidades dos arranjos familiares contemporâneos. Estudos nessa área têm o potencial de desafiar preconceitos, ultrapassar fronteiras normativas culturais e religiosas, expandir conceitos de família e contribuir para uma maior aceitação e reconhecimento de diferentes formas de relacionamento, trazer avanços e ou expandir consciências e discursos da própria epistemologia das famílias. A produção acadêmica sobre o poliamor pela perspectiva da família também pode contribuir para o reconhecimento do poliamor como uma configuração familiar tendo o potencial de desencadear mudanças significativas tanto no âmbito social quanto jurídico. A aceitação de arranjos familiares poliamorosos pode influenciar a forma como o direito reconhece, regula e legitima essas relações, promovendo a igualdade e o respeito pela diversidade dos modelos familiares.

Por fim, ao analisar as questões epistemológicas de fundo presentes nas produções encontradas sobre poliafetividade, foi possível observar que estas publicações já demonstram um conhecimento que compreende o poliamor dentro da perspectiva da família. As análises das questões epistemológicas presentes nas produções acadêmicas sobre poliafetividade revelam um campo complexo, interdisciplinar e multifacetado de estudo, onde as abordagens teóricas e metodológicas desempenham um papel crucial na compreensão e interpretação do fenômeno.

É imperativo considerar as bases epistemológicas que moldam a pesquisa sobre poliafetividade. Muitos estudos são guiados por uma abordagem construtivista, reconhecendo que as experiências e significados em torno da poliafetividade são socialmente construídos.

Essa perspectiva destaca a importância das narrativas individuais e das representações culturais na compreensão do fenômeno. Além disso, as diversidades de perspectivas epistemológicas também se manifestam nas metodologias empregadas. Algumas pesquisas adotam abordagens qualitativas, explorando narrativas pessoais e construções sociais, enquanto outras seguem métodos quantitativos para analisar padrões e tendências. A escolha da metodologia muitas vezes reflete as premissas epistemológicas subjacentes do pesquisador.

Contudo, as análises epistemológicas em produções acadêmicas sobre poliafetividade não estão isentas de desafios. A falta de consenso sobre definições e categorizações no campo, bem como a influência de preconceitos culturais e sociais, representam obstáculos significativos. Portanto, a constante reflexão sobre as bases epistemológicas torna-se essencial para o desenvolvimento crítico e aprimoramento contínuo do entendimento acadêmico sobre poliafetividade. Quanto às limitações desta pesquisa em particular, destaca-se a escassez de produções ao longo de um período de 10 anos, o que pode representar um obstáculo para uma compreensão mais abrangente do tema. Adicionalmente, as limitações incluem os descritores empregados e as bases de dados utilizadas na pesquisa, havendo a possibilidade de que os resultados possam ser influenciados por alterações ao se adotarem diferentes descritores ou ao se utilizar outras bases de dados.

Além disso, o aspecto temporal apresentou-se como uma das dificuldades enfrentadas pela pesquisadora, visto que o período disponível foi considerado relativamente curto para a realização de todas as etapas da construção deste estudo, considerando também a carência de financiamento da pesquisa. Diante do exposto, para pesquisas futuras, recomenda-se a condução de estudos de caso longitudinais com abordagem qualitativa, realizando uma análise cruzada das referências utilizadas nos 44 artigos encontrados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

2022 Census Statistical Release. **Statistics South Africa**. Disponível em: 2022 Census Statistical Release. Statistics South Africa. Acesso em: 11 de março de 2024

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ANDERSON, Eric. 2010. “**At least with cheating there is an attempt at monogamy**”: **Cheating and monogamism among undergraduate heterosexual men**. *Journal of Social and Personal Relationships*, vol. 27, setembro de 2010, nº 7, p. 851–872. ISSN 1460-3608. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0265407510373908>. [Acesso em 27.04.2023].

ANDERY, Maria Amália. *et al.* **Para Compreender a Ciência: uma perspectiva histórica**. 16 ed. Rio de Janeiro: Garamond; São Paulo: EDUC, 2012. PARA COMPREENDER A CIÊNCIA: UM DIÁLOGO COM MARIA AMÁLIA ANDERY E COLABORADORES

APOLINARIO, F. **Metodologia da Ciência**. São Paulo: Thomson, 2006

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. De Leonel Vallandro e Gerd Bornheim São Paulo. Abril Cultural, 1979.

ARRIZABALAGA, A.R. **Los enterramientos del Paleolítico Medio**. 25 fev. 2011.

ARSENEAU, Erika; LANDRY, Samantha & DARLING, Elizabeth K. 2019. **The Polyamorous Childbearing and Birth Experiences Study (POLYBABES): a qualitative study of the health care experiences of polyamorous families during pregnancy and birth**. *Canadian Medical Association Journal*, [S.L.], v. 191, n. 41, p. 1120-1127. Disponível em: <https://doi.org/10.1503/cmaj.190224>. [Acesso em 27.04.2023].

ARTER, Jennifer & BUNGE, Sacha S. 2021. “**There’s no reason to do monogamy**”: **Evidence for and characteristics associated with a strong desire for consensual nonmonogamy**. *Sexuality Research and Social Policy*, novembro de 2021. ISSN 1553-6610. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s13178-021-00667-7>. [Acesso em 27.04.2023].

AUN, J. G., Esteves de Vasconcellos, M. J., & Coelho, S. V. **Atendimento de famílias e redes sociais: fundamentos teóricos e epistemológicos**. Belo Horizonte: Ophicina daArte & Prosa (2005).

BADINTER, E. **Émile, Émile: a ambição feminina no século XVIII**. Paz e Terra. 2003.

BALDI, L. A de P., **A categoria ideologia em Marx e a questão da falsa consciência**. *Revista Katálysis*, 22, p. 631-640. 2019.

BALZARINI, Rhonda N. *et al.* 2017. **Comparing Relationship Quality Across Different Types of Romantic Partners in Polyamorous and Monogamous Relationships**. *Archives Of Sexual Behavior*, [S.L.], v. 48, n. 6, p. 1749-1767 Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10508-019-1416-7>. [Acesso em 27.04.2023].

BALZARINI, Rhonda N., SHUMLICH, Erin J.; KOHUT, Taylor & CAMPBELL, Lorne. 2018. **Dimming the “halo” around monogamy: re-assessing stigma surrounding consensually non-monogamous romantic relationships as a function of personal**

relationship orientation. *Frontiers in Psychology*, vol. 9, junho de 2018. ISSN 1664-1078. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.00894>. [Acesso em 28.04.2023].

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.a.

BAREMBLITT, G. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática.** Rio de Janeiro. 3 ed. Ed. Rosa dos Tempos, 1996.

BARKER, M.; LANGDRIDGE, D. **Whatever happened to non-monogamies? Critical reflections on recent research and theory.** *Sexualities*, 13(6), p. 748-772, 2010. <https://doi.org/10.1177/1363460710384645>

BARKER, Meg. 2005. **This is my partner, and this is my ... partner's partner: constructing a polyamorous identity in a monogamous world.** *Journal of Constructivist Psychology*, vol. 18, janeiro de 2005, nº 1, p. 75–88. ISSN 1521-0650. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10720530590523107>. [Acesso em 28.04.2023].

BARRADA, Juan Ramón & CASTRO, Ángel. 2020. **Tinder users: sociodemographic, psychological, and psychosexual characteristics** [on-line]. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, vol. 17, outubro de 2020, nº 21, p. 8047. ISSN 1660-4601. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph17218047>. [Acesso em 28.04.2023].

BARROS, Fernando Antônio Ferreira de. **Concentração técnico-científica: uma tendência em expansão no mundo contemporâneo?.** *Inovação Uniemp*, Campinas, v. 3, n. 1, fev. 2007 Disponível em <http://inovacao.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-23942007000100022&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 22 ago. 2023.

BASTOS, R. C.; BIFANO, A. C. S. **Análise institucional do trabalho familiar no contexto da agricultura e suas inferências em relação às políticas públicas.** *Vivências: Revista Eletrônica de Extensão da URI*. v. 12, n. 22, p.46-59, 2016.

BAUER, MW (2002). **Análise de conteúdo clássica: uma revisão. Pesquisa qualitativa com texto, imagens e sons: um manual prático**, 3, 189–217.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo.** Paris: Gallimard, 1949.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. (1998). **A pesquisa em psicologia: Análise de métodos e estratégias na comunicação na construção de um conhecimento que se pretende científico.** In G. Romanelli & Z. M. M. Biasoli-Alves (Orgs.), *Diálogos metodológicos sobre a prática de pesquisa* (pp. 135-158). Ribeirão Preto, SP: Legis Summa.

BOCK, A. M. B. (2004). **A perspectiva histórica da subjetividade: Uma exigência para a psicologia atual.** *Psicologia América Latina* [online], disponível em: <https://goo.gl/Yv-DRsL>

BÖING, Elisângela; CREPALDI, Maria Aparecida; MORÉ, Carmen Leontina Ojeda Ocampo. **Pesquisa com famílias: aspectos teórico-metodológicos.** *Paidéia* (Ribeirão Preto), v. 18, p. 251-266, 2008. <https://www.scielo.br/j/paideia/a/ZXVJbVjd6cZ3k8ZkDjybyqXj/>

BORSA, Juliane Callegaro, NUNES, Maria Lucia Tiellet. **Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear,** *Psicol. Argum.*; 29(64): 31-39, jan.-mar. 2011.

BOSI, A. **Ideologia e contraideologia: temas e variações**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BOTELHO, L.L.R.; MACEDO, M.; FIALHO, F.A.P. **Revisão Sistemática sobre a Produção Científica em Aprendizagem Gerencial**. In: XXXIV ENCONTRO DA ANPAD, 35., 2010, Rio de Janeiro EnANPAD, Rio de Janeiro, 2010, p., 1 – 14.

BRONFENBRENNER, U. (1986). **Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives**. *Developmental Psychology*, 22, 723-742.

BRONFENBRENNER, U. **Environments in developmental perspective: theoretical and operational models**. FRIEDMAN, S.L.; WACKS, T. D. (Orgs.) *Conceptualization and Assesment of Environment across the life span*, Washington D. C: American Psychological Association, p. 3-30, 1999.

CACHAPUZ, Rozane da Rosa. **Da família patriarcal à família contemporânea**. *Revista Jurídica Cesumar-Mestrado*, v. 4, n. 1, p. 69-77, 2004.

CAMARGO, V. B.; JUSTO, A. M. **IRAMUTEQ: Um Software Gratuito para Análise de Dados Textuais**. *Temas em Psicologia*. 2013, 21(2), p. 513-518. Acesso em: 23 de maio de 2023. ISSN: 1413-389X. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=513751532016>

CARDOSO, Daniel, PASCOAL, Patricia M. & MAIOCHI, Francisco Hertel. 2021. **Defining polyamory: a thematic analysis of lay people’s definitions** [on-line]. *Archives of Sexual Behavior*, vol. 50, maio de 2021, n.º 4, p. 1239–1252. ISSN 1573-2800. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10508-021-02002-y>. [Acesso em 28.04.2023].

CARDOSO, Daniel. **Amando vári@s – Individualização, redes, ética e poliamor**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

CARDOSO, Daniel; ROSA, Ana & DA SILVA, Marisa Torres. 2021. **(De)Politicizing polyamory: social media comments on media representations of consensual non-monogamies** [on-line]. *Archives of Sexual Behavior*, vol. 50 (maio de 2021), n.º 4, pp. 1325–1340. ISSN 1573-2800. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10508-020-01887-5>. [consult. 28/04/2023].

CARLONI, P. **Relação indivíduo e sociedade: a mediação das instituições**, *Revista UniAraguaia*, v. 8, n. 8, 2015. Acessado em <https://www.fara.edu.br/sipe/index.php/REVISTAUNIARAGUAIA/article/view/350>

CARLSTRÖM, Charlotta & ANDERSSON, Catrine. 2019. **Living outside protocol: polyamorous orientations, bodies, and queer temporalities**. *Sexuality & Culture*, vol. 23, junho de 2019, n.º 4, p. 1315–1331. ISSN 1936-4822. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12119-019-09621-7>. [Acesso em 28.04.2023].

CASTRO, Aurelio. 2021. **Stories told together: male narratives of non-monogamous bi+ and heterosexual men**. *Archives of Sexual Behavior*, vol. 50 (maio de 2021), n.º 4, pp. 1461–1477. ISSN 1573-2800. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10508-021-02008-6>. [Acesso em 28.04.2023].

CBS. **What are the major religions? - The Netherlands in numbers 2021** | CBS. What are the major religions? - The Netherlands in numbers 2021 | CBS (em neerlandês). Disponível em: <https://longreads.cbs.nl/the-netherlands-in-numbers-2021/what-are-the-major-religions/> Acesso em: 11 de março de 2024

CECCHIN, G. (1996). **Construcionismo social e irreverência terapêutica**. In D. F. Schirtman (Org.), *Novos paradigmas, cultura e subjetividade* (pp. 216-224). Porto Alegre: Artes Médicas.

CECCONELLO, A. M., & Koller, S. H. (2004). **Inserção ecológica na comunidade: Uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco**. In S. Koller (Org.), *Ecologia do desenvolvimento humano* (pp. 267-292). São Paulo: Casa do Psicólogo.

CERVENY, C. M. O. (2000). **A família como modelo: Desconstruindo a patologia**. Campinas, SP: Livro Pleno

CONLEY, T. D.; ZIEGLER, A.; MOORS, A. C.; MATSICK, J. L., & VALENTINE, B. 2013. **A critical examination of popular assumptions about the benefits and outcomes of monogamous relationships**. *Personality and Social Psychology Review*, vol. 17, nº 2, p. 124–141. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1088868312467087>. [Acesso em 28.04.2023].

COSTA, Pedro Alexandre & RIBEIRO-GONÇALVES, José Alberto. 2020. **Consensual non-monogamy: attitudes and experiences of heterosexual, homosexual, and plurisexual individuals**. *Psicologia, Saúde & Doença*, vol. 21, março de 2020, nº 01, p. 104–110. ISSN 2182-8407. Disponível em: <https://doi.org/10.15309/20psd210116>. [Acesso em 28.04.2023].

CREPALDI, M. A. **Famílias de crianças acometidas por doenças crônicas: representações sociais da doença**. *Cadernos de Psicologia e Educação – Paidéia*, Ribeirão Preto, v.8, n.14-5, p.151-167, 1998.

CUBELLS-SERRA, Jenny; SÁNCHEZ-SICILIA, Alejandro; ASTUDILLO-MENDOZA, Priscila; ESCANDÓN-NAGEL, Neli & BAEZA-RIVERA, María José. 2021. **Assumption of the myths of romantic love: its relationship with sex, type of sex-affective relationship, and sexual orientation**. *Frontiers in Sociology*, vol. 6, maio de 2021. ISSN 2297-7775. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fsoc.2021.621646>. [Acesso em 28.04.2023].

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. 2010. **Sexualidade, cristianismo e poder. Estudos e Pesquisas em Psicologia**, vol. 10, nº 3, p. 700-728. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812010000300005&lng=pt&tlng=pt. [Acesso em 28.04.2023].

DESIDÉRIO, Ricardo; SANTOS, Guilherme. **Poliamor no Brasil: um estudo sobre as produções acadêmico-científicas no período de 2012 a 2019**. *Revista Ensino & Pesquisa*, [S.L.], v. 19, n. 2, p. 25-43, 2 set. 2021. Universidade Estadual do Paraná - Unespar. <http://dx.doi.org/10.33871/23594381.2021.19.2.25-43>.

DESSEN, M. A., & Murta, S. G. (1997). **A metodologia observacional na pesquisa em psicologia: Uma visão crítica**. *Cadernos em Psicologia*, 1, 47-60.

DESSEN, M. A., & SILVA NETO, N. A. (2000). **Questões de família e desenvolvimento e a prática de pesquisa**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 191-192.

DIAS, M.B. **Manual de Direito das Famílias**. 10 ed. rev., atual. e ampl., São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2015.

DICCIONARIO ETIMOLÓGICO (2016c). **Radicación de la palabra POLIGAMIA**. Disponível em: <http://etimologias.dechile.net/?poligamia>. Acesso em: 14 nov. 2022

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO (2017). **Verbetes AMOR**. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/amor/>.

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO (2017). **Verbetes AMOR**. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/amor/>.

Disponível em: <http://arqueologiacognitiva.blogspot.com.br/2011/02/los-enterramientos-del-paleolitico.html>. Acesso em: 20 nov. 2022.

DRUMMOND, J. P.; SILVA, E., COUTINHO, M. **Medicina baseada em evidências**. 2ª ed. São Paulo: Atheneu, 2004.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **Família e Casamento**. In: Anais do III Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Vitória: ABEP. v. 1, p. 31-50, 1982.

EISLER, R.M. **The relationship between masculine gender role stress and men's health risk: The validation of a construct**. In R. F. Levant & W. S. Pollack (Eds.), *A new psychology of men*, p. 207–225. Basic Books/Hachette Book Group. 1995.

ENGELS, F. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. São Paulo: Centauro, 2002.

ESTEVES DE VASCONCELOS, M. J. (2003). **Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência**. 2a.Rev. Ed. Papyrus. Campinas. SP.

FACO, V. M. G.; MELCHIORI, L. E. **Conceito de família: adolescentes de zonas rural e urbana**. In: *Aprendizagem e Desenvolvimento Humano: Avaliações e intervenções*. Org: Valle, T. G. M. do, Unesp, 2009. p. 121-136.

FERNÁNDEZ-RÍOS, L.; BUELA-CASAL, G. **Standards for the preparations and writing of Psychology review articles**. *International Journal Of Clinical And Health Psychology*, (s.l), v.9, n.2, p.329-344, maio 2009.

FERRARI, T. A. **Metodologia da ciência**. 3. ed. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974.

FERRER, J.N. **Mononormativity, Polypride, and the “Mono–Poly Wars”**. *Sexuality & Culture* 22:3, p.817-836, 2018.

FLICK, U. (2004). **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman.

FLICKER, Sharon M.; SANCIER-BARBOSA, Flavia; MOORS, Amy C. & BROWNE, Lindsay. 2021. **A closer look at relationship structures: relationship satisfaction and attachment among people who practice hierarchical and non-hierarchical polyamory**. *Archives of Sexual Behavior*, vol. 50 (maio de 2021), nº 4, pp. 1401–1417. ISSN 1573-2800. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10508-020-01875-9>. [Acesso em 28.04.2023].

FREUD, S. **O tabu da virgindade - Contribuições à psicologia do amor III**. In: Obras psicológicas completas. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1995, v. XI, p. 179.

GALVÃO T.F., PANSANI, TS, HARRAD, D. (2015) **Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses: The PRISMA Statement**. *Epidemiol Serv Saúde*. 24:335-42.

GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M. **Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação**. *Logeion: Filosofia da Informação*, Rio de Janeiro, RJ, v. 6, n. 1, p. 57–73, 2019. DOI: 10.21728/logeion.2019v6n1 p57-73. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4835>. Acesso em: 24 maio. 2023.

GALVÃO, T.F.; PEREIRA, M.G. **Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração**. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília, v. 23, n. 1, p. 183-184, mar.2014. Disponível em:http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167949742014000100018&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 19 outubro 2022.

GARDNER, Jane F. **A Família Romana: Aspectos Jurídicos e Sociais**. London: Routledge, 1998.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Atlas São Paulo, 2010.

GOMES, R. (2007). **Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. Pesquisa social: teoria, método e criatividade**, 26, 79–108.

GOMES, T. B. **Tramas familiares, nós institucionais: as redes sociais de familiares de usuários de álcool e outras drogas**. Dissertação de Mestrado: UFSJ, São João del-Rei, MG. 158 p. 2019.

GOOLISHIAN, H. A., & ANDERSON, H. (1996). **Narrativa e self: Alguns dilemas pós-modernos da psicoterapia**. In D. F. Schnitman (Org.), *Novos paradigmas, cultura e subjetividade* (pp. 191-200). Porto Alegre: Artes Médicas.

GOVEIA, Valdiney V., Luis Augusto de Carvalho MENDES, Sandra Elisa de Assis FREIRE, Leogildo Alves FREIRES e Larisse Helena Gomes Macêdo BARBOSA. 2014. **Medindo associação implícita com o freeIAT em Português: um exemplo com atitudes implícitas frente ao poliamor**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol. 27 dezembro de 2014, nº 4, p. 679–688. ISSN 0102-7972. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201427408>. [Acesso em 27.04.2023].

GRANDESSO, M. (2000). **Sobre a reconstrução do significado: Uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Grunt-Mejer K, Campbell C. **Around Consensual Nonmonogamies: Assessing Attitudes Toward Nonexclusive Relationships**. *J Sex Res*. 2016;53(1):45-53. doi: 10.1080/00224499.2015.1010193. Epub 2015 Aug 4. PMID: 26241075.

GRUNT-MEJER, Katarzyna & CHAŃSKA, Weronika. 2020. **“How do they even know they love?” the image of polyamory in polish expert discourse**. *Archives of Sexual Behavior*, vol. 49, julho de 2020, nº 8, p. 2829–2847. ISSN 1573-2800. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10508-020-01787-8>. [Acesso em 28.04.2023].

GUSMANO, B. 2019. **The Kintsugi art of care: Unraveling consent in ethical non-monogamies**. Sociological Research Online, vol. 19. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1360780418816103>. [Acesso em: 28.04.2023].

HANGEN, Forrest, Dev CRASTA e Ronald D. ROGGE. 2019. **Delineating the boundaries between nonmonogamy and infidelity: bringing consent back into definitions of consensual nonmonogamy with latent profile analysis**. The Journal of Sex Research, vol. 57, outubro de 2019, nº 4, p. 438–457. ISSN 1559-8519. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00224499.2019.1669133>. [Acesso em 28.04.2023].

HARDY, Janet W.; EASTON, Dossiê. **Ética do amor livre: guia prático para poliamor, relacionamentos abertos e outras liberdades afetivas**. Editora Elefante, 2020.

HARPER, Douglas. *Online Etymology Dictionary*. Disponível em: <https://www.etymonline.com/>. Acesso em: 15 jul. 2024.

HERNANDES, E.; ZAMBONI, A.; FABBRI, S. **Using GQM and TAM to evaluate StArt – a tool that supports Systematic Review**. CLEI Electronic Journal, Volume 15, 2012.

HUNT, M.M. **História natural do amor**. Ibrasa. 1963.

JOFFE LF. **Qual é o dano na poligamia? Tolerância multicultural e experiência das mulheres com o casamento plural**. Journal of Law and Religion . 2016;31(3):336-353. doi:10.1017/jlr.2016.36

KASLOW FW. **Families and Family Psychology at the Millenium**. American Psychologist . 2002, 56(1):37-46.

KEAN, Jessica Joan. 2017. **Relationship structure, relationship texture: case studies in non/monogamies research**. Cultural Studies Review, vol. 23, maio de 2017, nº 1. ISSN 1837-8692. Disponível em: <https://doi.org/10.5130/csr.v23i1.4955>. [Acesso em 28.04.2023].

KELBERGA, Anna & MARTINSONE, Baiba. 2022. **Motivation of non-monogamous adults to engage in sex with their different partners**. Frontiers in Psychology, vol. 13, setembro de 2022. ISSN p. 1664-1078. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.961949>. [Acesso em 28.04.2023].

KELBERGA, Anna e Baiba MARTINSONE. 2021. **Differences in motivation to engage in sexual activity between people in monogamous and non-monogamous committed relationships** [on-line]. Frontiers in Psychology, vol. 12, novembro de 2021. ISSN 1664-1078. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.753460>. [Acesso em 28.04.2023].

KITCHENHAM, B. **Procedures for perfoming systematic reviews**. Keele, UK, Keele University, v. 33, n. 2004, p. 1 – 26, 2004.

KLESSE, C. 2007. **The spectre of promiscuity: Gay male and bisexual non-monogamies and polyamories**. Routledge.

KOLESAR, A. E. A. e S. T. PARDO. 2019. **The religious and philosophical characteristics in a consensually nonmonogamous sample**. International Journal of Transpersonal Studies, vol. 38, setembro de 2019, nº 1. ISSN 1942-3241. Disponível em: <https://doi.org/10.24972/ijts.2019.38.1.99>. [Acesso em 28.04.2023].

L'ABBATE, S. **Análise institucional e intervenção: breve referência à gênese social e histórica de uma articulação e sua aplicação na saúde coletiva**, Mnemosine Vol.8, nº1, p. 194-219, 2012.

LANDRY, Samantha; ARSENEAU, Erika & DARLING, Elizabeth K. 2021. **“It’s a little bit tricky”: results from the polyamorous childbearing and birth experiences study (POLYBABES)**. Archives of Sexual Behavior, vol. 50 (maio de 2021), nº 4, pp. 1479–1490. ISSN 1573-2800. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10508-021-02025-5>. [consult. 28/04/2023].

LAPASSADE, G. **Grupos, Organizações e Instituições**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977

LASCH, C. (1991) **Refúgio num mundo sem coração – A família: santuário ou instituição sitiada?** Rio de Janeiro: Paz e Terra

LEANDRO, Maria Engrácia. **Transformações da família na história do Ocidente**. Theologica, v. 41, n. 1, p. 51-74, 2006.

LECUONA, Oscar; SUERO, Mar; WINGEN, Tobias & DE RIVAS, Sara. 2021. **Does “open” rhyme with “special”? Comparing personality, sexual satisfaction, dominance and jealousy of monogamous and non-monogamous practitioners**. Archives of Sexual Behavior, vol. 50, maio de 2021, nº 4, p. 1537–1549. ISSN 1573-2800. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10508-020-01865-x>. [Acesso em 28.04.2023].

LÉVI-STRAUSS, C. **Les structures élémentaires de la parenté**. Paris, Mouton, 1967.

LIMA JR, N. S. **Por que Não monogamia Política?.** NM em Foco. 2020. Disponível em: <https://naomonoemfoco.com.br/por-que-nao-monogamia-politica/>. Acesso em: 09 junho 2023.

LIMA, J.C.; CORTES, S.M.V. **A sociologia no Brasil e a interdisciplinaridade nas ciências sociais**. Civitas - Revista de Ciências Sociais, [S.L.], v.13, n. 3, p. 416, 3 mar. 2014. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2013.3.16522>.

LINS, R.N. **O livro do amor, vol. 1: Da Pré-história à Renascença**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012a.

LINS, R.N. **O livro do amor, vol. 2: Do Iluminismo à atualidade**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012b.

LOURAU, R. (1977). **Análisis institucional y socioanálisis**. México: Nueva Imagem.

LOURAU, R. (1983). **Genèse du concept d’implication**. Pour, 88,14-18.

LOURAU, René. **A análise institucional**. Petrópolis: Vozes, 1975.

LOVING MORE. 2016. **Loving more: supporting polyamory and relationship choice since 1985**. Disponível em: <http://www.lovemore.com/>. [Acesso em 27/04/2023].

MALINOWKI, B. **The Sexual Life of Savages**. tradução de Carlos Sussekin – Rio de Janeiro, 1982.

MANLEY, Melissa H.; LEGGE, Melissa M.; FLANDERS, Corey E.; GOLDBERG, Abbie E. & ROSS, Lori E.. 2018. **Consensual nonmonogamy in pregnancy and parenthood: experiences of bisexual and plurisexual women with different-gender partners.** Journal of Sex & Marital Therapy, vol. 44, maio de 2018, n° 8, p. 721–736. ISSN 1521-0715. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0092623x.2018.1462277>. [Acesso em 28.04.2023].

MARTINS, J.B. **Análise institucional e o processo de construção de conhecimento: a questão da implicação.** Psicol. rev. (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 23, n.1, p. 488-499, jan. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167711682017000100030&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 14 out. 2022. <http://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2017v23n1p488-499>.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política.** 27. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. Livro I.

MEIRA, S. **Curso de direito romano: história e fontes.** São Paulo: LTr, 1996. p. 65-97.

MEKSENAs, P. (2005). **A realidade e a verdade nas tramas do fazer a pesquisa social.** Revista Educação Em Questão, 24(10), 68–90. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4481>

MERRIAM-WEBSTER. Polygamy. In: Merriam-Webster Dictionary. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/polygamy>. Acesso em: 15 mai. 2024

MICHAELIS (2022A), Dicionário brasileiro da língua portuguesa. **Verbetes poligamia.** Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=poligamia> Acesso em: 22 04. 2022

MICHAELIS. (2022B). **Poliamor.** In: Michaelis dicionário brasileiro da língua portuguesa. Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=V4bGB>. [Acesso em 27.04.2023].

MINAYO, M. C de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 7. Ed. São Paulo: Hucitec, p.269, 2000.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 25. ed. rev. atual. Petrópolis: Vozes, 2007. 108p.

MINUCHIN, P. **Families and individual development: provocations from the field of family therapy.** Child Development, v. 56, p.289-302, 1985.

MOGILSKI J.K.; MEMERING, S.L.; WELLING, L.L.M.; SHACKELFORD, T.K. **Monogamy versus Consensual Non-Monogamy: Alternative Approaches to Pursuing a Strategically Pluralistic Mating Strategy.** Arch. Sex Behav. v.46, p.407–417, 2017. pmid:26679305.

MOGILSKI, Justin K.; MITCHELL, Virginia E.; REEVE, Simon D.; DONALDSON, Sarah H.; NICOLAS, Sylis C. A. *et al.* 2020. **Life history and multi-partner mating: a novel explanation for moral stigma against consensual non-monogamy.** Frontiers in Psychology, vol. 10, janeiro de 2020. ISSN 1664-1078. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.03033>. [Acesso em 28.04.2023].

MOLEFI, Stanley; GUTURA, Priscilla & ESKELL-BLOKLAND, Linda. 2022. **Understanding polyamory as a form of concurrency to enhance HIV programmes in South Africa: the need to re-conceptualize the partner reduction policy.** *The Journal of Practice Teaching and Learning*, vol. 19, abril de 2022, nº 1-2. ISSN 1759-5150. Disponível em: <https://doi.org/10.1921/jpts.v19i1-2.1675>. [Acesso em: 28.04.2023].

MONTALI, L., FRIGERIO, A., SPINA, F. et al. **A construção discursiva do poliamor: legitimando uma alternativa à monogamia.** *Sexualidade e cultura* 27, 894–915 (2023). <https://doi.org/10.1007/s12119-022-10044-0>

MOORS, A. C.; MATSICK, J. L.; ZIEGLER, A.; RUBIN, J. D. & CONLEY, T. D. 2013. **Stigma Toward Individuals Engaged in Consensual Nonmonogamy: Robust and Worthy of Additional Research.** *Analyses of Social Issues and Public Policy*, vol. 13, nº 1, p 52–69. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/asap.12020>. [Acesso em 28.04.2023].

MOORS, A. C.; SELTERMAN, D. F. & CONLEY, T. D. 2017. **Personality Correlates of Desire to Engage in Consensual Non-monogamy among Lesbian, Gay, and Bisexual Individuals.** *Journal of Bisexuality*, vol. 17, nº 4, p. 418–434. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15299716.2017.1367982>. [Acesso em 27.04.2023].

MOORS, Amy C.; SCHECHINGER, Heath A.; BALZARINI, Rhonda & FLICKER, Sharon. 2021. **Internalized consensual non-monogamy negativity and relationship quality among people engaged in polyamory, swinging, and open relationships** [on-line]. *Archives of Sexual Behavior*, vol. 50, maio de 2021, nº 4, p. 1389–1400. ISSN 1573-2800. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10508-020-01885-7>. [Acesso em 28.04.2023].

MORGAN, Lewis. **A Sociedade primitiva. Vol 1.** Coleção Síntese – Lisboa: Editorial Presença, 1973.

MORIN, E. (1996). **A noção de sujeito.** In D. F. Schnitman (Org.), *Novos paradigmas, cultura e subjetividade* (pp. 45-58). Porto Alegre: Artes Médicas.

nacar. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14681994.2017.1419562>. [Acesso em 28.04.2023].

O QUE É POLIAMOR? **Poliamor Brasil**, disponível em: <http://poliamorbrasil.com/o-que-e-poliamor/> Acesso em: 25 de março de 2023

OPEN EDUCATION SOCIOLOGY DICTIONARY. **Polygamy.** In: *Open Education Sociology Dictionary*. Disponível em: <https://sociologydictionary.org/polygamy>. Acesso em: 15 jul. 2024.

OPPENHEIMER, Mark. **Married, With Infidelities.** *The New York Times Magazine*, Nova Iorque, 3 jul. 2011. p. 22.

PAGE, Matthew J.; MCKENZIE, Joanne E.; BOSSUYT, Patrick M.; BOUTRON, Isabelle; Tammy C. HOFFMANN *et al.* 2021. **The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews.** *BMJ*, março de 2021, p. n71. ISSN 1756-1833. Disponível em: <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>. [Acesso em 27.04.2023].

PAGE; M.J., MCKENZIE, J.E.; BOSSUYT, P.M.; BOUTRON, I.; HOFFMANN, T.C.; MULROW, C.D. *et al.* **The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews** *BMJ* 2021; 372: n 71 doi:10.1136/bmj.n71

PAPPAS, S. **New Sexual Revolution: Polyamory May Be Good for You**. Scientific American, Belo Horizonte, 14 fev. 2013. <https://www.scientificamerican.com/article/new-sexual-revolution-polyamory/>

PEREIRA, S.H.S. **Poligamia e monogamia, quando houve interesses econômicos a nortear as relações humanas**. 2014. Disponível em: <<http://sergiohenriquepereira.jusbrasil.com.br/artigos/118199578/poligamia-e-monogamia-quando-houve-interesses-economicos-a-nortear-as-relacoes-humanas>>. Acesso em: 03 nov. 2022.

PEREIRA, W.C.C. **Movimento institucionalista: principais abordagens**. Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, v. 7, n. 1, p. 10-19, abr. 2007.

PÉREZ NAVARRO, Pablo. 2016. **Beyond inclusion: non-monogamies and the borders of citizenship**. Sexuality & Culture, vol. 21, novembro de 2016, n° 2, p. 441–458. ISSN 1936-4822. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12119-016-9398-2>. [Acesso em 28.04.2023].

PEREZ, Tatiana Spalding & PALMA, Yáskara Arrial. 2018. **Amar amores: o poliamor na contemporaneidade**. Psicologia & Sociedade, vol. 30, junho de 2018. ISSN 1807-0310. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30165759>. [Acesso em 28.04.2023].

PETZOLD, M. **The psychological definition of “the family”**. CUSINATO, M. (Org.), Research Family: Resources and needs across the world. Milão: LED- Edizioni Universitarie, p.25-44, 1996.

PILÃO, Antonio Cerdeira & GOLDENBERG, Mirian. 2012. **“Poliamor e monogamia: construindo diferenças e hierarquias”**. Revista Ártemis, v. 13, p. 61-73, jan./jul.

PILÃO, Antonio Cerdeira. 2015. **Entre a liberdade e a igualdade: princípios e impasses da ideologia poliamorista**. Cadernos Pagu, junho de 2015, n° 44, pp. 391–422. ISSN 0104-8333. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-4449201500440391>. [Acesso em 27.04.2023].

PILÃO, Antonio Cerdeira. 2021. **Conjugalities and sexualities in conflict: monogamy and polyamory among LGBT groups**. Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology, vol. 18. ISSN 1809-4341. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-43412021v18a503>. [Acesso em 27.04.2023].

PILÃO, Antonio Cerdeira. 2022. **Ativismos não-monogâmicos no Brasil contemporâneo: a controvérsia poliamor ± relações livres**. Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro), n° 38. ISSN 1984-6487. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2022.38.e22205.a>. [Acesso em 27.04.2023].

PILÃO, Antonio Cerdeira. **Quando o amor é o problema: feminismo e poliamor em debate**. Revista Estudos Feministas, v. 27, 2019.

PILÃO, Antonio Cerdeira; GOLDENBERG, Mirian. **“Poliamor e monogamia: construindo diferenças e hierarquias”**. Revista Ártemis, v. 13, p. 61-73, jan./jul. 2012.

PLATÃO. O Banquete. In.: Os pensadores. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Victor Civita, 1972)

PRIBERAM. 2023. **Poliamor**. In: Dicionário Priberam, Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/poliamor>. [Acesso em 28.04.2023].

RAMOS, D. M.; NASCIMENTO, V. G. **A família como instituição moderna**. Fractal: Revista de Psicologia, v. 20, n. 2, p. 461-472. 2008.

REIS, J.R.T. **O indivíduo e as instituições**, IN: CODO, A.; LANE, S. T. M. **Psicologia Social: O Homem Em Movimento**. 13^a. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. 1. 220p.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1989.

RITCHIE, A., & BARKER, M. 2006. “**There aren’t words for what we do or how we feel so we have to make them up**”: **Constructing polyamorous languages in a culture of compulsory monogamy**. *Sexualities*, vol. 9, nº 5, p. 584–601. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1363460706069987>. [Acesso em 27.04.2023].

RODRIGUES, David L., LOPES, Diniz & HUIC, Aleksandra. 2021. **What drives the dehumanization of consensual non-monogamous partners?** *Archives of Sexual Behavior*, vol. 50, maio de 2021, nº 4, p. 1587–1597. ISSN 1573-2800. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10508-020-01895-5>. [Acesso em 28.04.2023].

RODRÍGUEZ-CASTRO, Yolanda; GARCÍA MANSO, Almudena; MARTÍNEZ-ROMÁN, Rosana; AGUIAR-FERNÁNDEZ, Francisco Xavier & PEIXOTO CALDAS, Jose Manuel. 2022. **Analysis of the experiences of polyamorists in Spain**. *Sexuality & Culture*, abril de 2022. ISSN 1936-4822. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12119-022-09964-8>. [Acesso em: 28.04.2023].

ROODSAZ, Rahil. 2021. **Queering potentials: Negotiations of gender, parenthood, and family in polyamorous relationships in the Netherlands**. *Sexualities*, agosto de 2021, pp. 1-18. ISSN 1461-7382. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/13634607211037484>. [Acesso em 27.04.2023].

ROODSAZ, Rahil. 2022. **The ‘hard work’ of polyamory: ethnographic accounts of intimacy and difference in the Netherlands**. *Journal of Gender Studies*, julho de 2022, p. 1–14. ISSN 1465-3869. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09589236.2022.2098094>. [Acesso em 27.04.2023].

RUBEL, A.N.; BOGAERT, A.F. **Consensual Nonmonogamy: Psychological Well-Being and Relationship Quality Correlates**. *Journal Sex Research*. 52(9) p.961-82, 2015. doi: 10.1080/00224499.2014.942722. Epub 2014 Sep 4. PMID: 25189189.

RUBEL, Alicia N. & BURLEIGH, Tyler J. 2018. **Counting polyamorists who count: prevalence and definitions of an under-researched form of consensual nonmonogamy**. *Sexualities*, vol. 23, novembro de 2018, nº 1-2, pp. 3–27. ISSN 1461-7382. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1363460718779781>. [Acesso em 28/04/2023].

RUBINSKY, Valerie. 2019. **Extending the theory of resilience and relational load into polyamorous relationships**. *Interpersona: An International Journal on Personal Relationships*, vol. 13, dezembro de 2019, nº 2, p. 144–170. ISSN 1981-6472. Disponível em: <https://doi.org/10.5964/ijpr.v13i2.364>. [Acesso em 27.04.2023].

RUZYK, C.E.P. **Famílias simultâneas: da unidade codificada à pluralidade constitucional**. Rio de Janeiro: Renovar, 2005.

SALVIATI, M. E. 2017. **Manual do aplicativo Iramuteq**. Planaltina, 93 p. Disponível em: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/manual-do-aplicativo-iramuteq-par-maria-elisabeth-salviati>. [Acesso em: 27.04.2023].

SANTIAGO, R. da S. 2015. **Poliamor e Direito das Famílias: Reconhecimento e consequências jurídicas**. Curitiba: Juruá Editora. 249 p.

SARTI, C. A. (2014). **Famílias enredadas**. In M. A. F. Vitale, & A. R. Acosta (orgs.), *Família: redes, laços e políticas públicas* (pp. 31-51). São Paulo: IEE-PUC/SP.

SARTI, C.A. **Antropological contributions to the study of the Family**. *Psicologia -USP*, São Paulo, v. 3, n. 1-2, p.69 – 76, 1992.

SAUSSURE, F. (2008). **Curso de linguística geral**. Editora Cultrix.

SCHADLER, Cornelia. 2021. **Ever more parents in polyamorous families: a new materialist typology of parenting practices and division of work**. *Sexualities*, setembro de 2021, p. 1-17. ISSN 1461-7382. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/13634607211037481>. [Acesso em 28.04.2023].

SCHECHINGER, Heath A.; SAKALUK, John Kitchener & MOORS, Amy C. 2018. **Harmful and helpful therapy practices with consensually non-monogamous clients: toward an inclusive framework**. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, vol. 86 novembro de 2018, nº 11, p. 879–891. ISSN 1939-2117. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/ccp0000349>. [Acesso em 28.04.2023].

SELIGSON D, McCants AEC. **Poligamia, a mercantilização das mulheres e o subdesenvolvimento**. *História das ciências sociais*. 2022;46(1):1-34. doi:10.1017/ssh.2021.23
SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico] São Paulo: Cortez, 2014.

SHACKELFORD. 2015. **Monogamy versus consensual non-monogamy: alternative approaches to pursuing a strategically pluralistic mating strategy**. *Archives of Sexual Behavior*, vol. 46, dezembro de 2015, nº 2, p. 407–417. ISSN 1573-2800. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s10508-015-0658-2>> [Acesso em 28.04.2023].

SILVA, Fernando de Almeida; FORNASIER, Rafael Cerqueira. **Fundamentos Epistemológicos da Família em Processo de Mudança na Sociedade Contemporânea: Conceitos e Características**. *VEREDAS-Revista Interdisciplinar de Humanidades*, v. 5, n. 9, p. 116-138, 2022.

SILVA, Mônica Cristina da; CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Demografia e família: as transformações da família no século XXI**. *Boletim goiano de geografia*, v. 29, n. 2, p. 171-183, 2009.

SILVERMAN, D. **Interpreting qualitative data: methods for analyzing talk, text an interaction**. Thousand Oaks, CA: Sage, 1993.

SIMIONATO, M. A. W., & OLIVEIRA, R. G. O. (2003). **Funções e transformações da família ao longo da história**. Anais I Encontro Paranaense de Psicopedagogia.

SOUSA SANTOS, B. (2006). **Um discurso sobre as ciências** São Paulo: Cortez.

SOUZA, T. M. S. **Patriarcado e Capitalismo: uma relação simbiótica**. Temporalis, Brasília (DF), ano 15, n. 30, jul./dez. 2015.

STARLING, F. **Não-monogamia responsável: abrindo a relação com o cuidado que ela merece**. Brasília, DF: Edição do autor, 2021.

Statistical Yearbook of Poland, 2012. **Central Statistical Office, Poland**. 2012. Acesso em: 11 de março de 2024

TANNAHILL, R. **O sexo na história**. Francisco Alves Editora, Rio de Janeiro. 1983. PUC-Rio - Certificação Digital N° 0710666/CA.

THOMPSON, J.B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

TRANFIELD, D.; DENYER, D.; SMART, P. **Towards a Methodology for Developing Evidence: Informed Management Knowledge by Means of Systematic Review**. British Journal of Management, 2003, p. 207-222.

UNESP. **Tipos de revisão de literatura**. Botucatu, Faculdade de Ciências Agrônômicas, 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. Departamento de Computação. Laboratório de Pesquisa em Engenharia de Software. **StArt – State of the through systematic reviews**. 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Conselho universitário. **Resolução nº 510**, de 07 de abril de 2016. Viçosa, 2016.

VEAUX, F. & RICKERT, E. 2014. **More than two: A practical guide to ethical polyamory**. Thorntree.

VRISIMTZIS, Nikos A. **Amor, Sexo e Casamento na Grécia Antiga**. Trad. Luiz Alberto Machado Cabral. 1. ed. São Paulo: Odysseus, 2002.

WOOD, Jessica; QUINN-NILAS, Christopher; MILHAUSEN, Robin; DESMARAIS, Serge; MUISE, Amy *et al.* 2021. **A dyadic examination of self-determined sexual motives, need fulfillment, and relational outcomes among consensually non-monogamous partners**. PLOS ONE, vol. 16, fevereiro de 2021, nº 2, e0247001. ISSN 1932-6203. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0247001>. [Acesso em 27.04.2023].

APÊNDICE A
TABELAS

Tabela 2 - Identificação das referências dos textos e suas presenças

Artigos	Repetições
Adam, B. (2006). Relationship innovation in male couples. <i>Sexualities</i> , 9, 5-26.	2
Aguilar, J. (2013). Situational sexual behaviors: The ideological work of moving toward polyamory in communal living groups. <i>Journal of Contemporary Ethnography</i> , 42(1), 104–129.	3
Amato P. R., Previti D. (2003). People’s reasons for divorcing: Gender, social class, the life course, and adjustment. <i>J. Fam. Iss.</i> 24 602–626. 10.1177/0192513X03024005002	2
Anapol D. M. (1997). Polyamory the new love without limits: Secrets of sustainable intimate relationships. San Rafael, CA: IntiNet Resource Center.	6
Anapol, D. (2010). Polyamory in the 21st Century. Lanham, MD: Rowman & Littlefield.	4
Anderson, E. (2010). ““At least with cheating there is an attempt at monogamy””: Cheating and monogamism among undergraduate heterosexual men. <i>Journal of Social and Personal Relationships</i> , 27(7), 851–872	2
Aral, S. O., and Leichliter, J. S. (2010). Non-monogamy: risk factor for STI transmission and acquisition and determinant for STI spread in populations. <i>Sex. Transm. Infect.</i> 86, 29–36. doi: 10.1136/sti.2010.044149	2
Armstrong H. L., Reissing E. D. (2015). Women’s motivations to have sex in casual and committed relationships with male and female partners. <i>Arch. Sexual Behav.</i> 44 921–934. 10.1007/s10508-014-0462-4	2
Aviram, H. (2008). Make love, now law: Perceptions of the marriage equality struggle among polyamorous activists. <i>Journal of Bisexuality</i> , 7(3–4), 261–286.	2
Aviram, H. (2010). Geeks, goddesses, and green eggs: Political mobilization and the cultural locus of the polyamorous community in the San Francisco Bay Area. In M. Barker & D. Langdridge (Eds.), <i>Understanding non-monogamies</i> (pp. 87–93). London: Routledge.	2
Aviram, H., & Leachman, G. (2015). The future of polyamorous marriage: Lessons from the marriage equality struggle. <i>Harvard Journal of Law and Gender</i> , 38, 269–336.	7
Bairstow, A. (2016). Couples exploring non-monogamy: Guidelines for therapists. <i>Journal of Sex & Marital Therapy</i> , 43(4), 343-353.	2
Balsam, K. F., & Syzmanski, D. (2005). Relationship quality and domestic violence in women's same-sex relationships: The role of minority stress. <i>Psychology of Women Quarterly</i> , 29(3), 258–269.	2
Balzarini, R. N., Campbell, L., Kohut, T., Holmes, B. M., Lehmilller, J. J., Harman, J. J., & Atkins, N. (2017). Perceptions of primary and secondary relationships in polyamory. <i>PLoS ONE</i> , 12(5), e0177841.	9
Balzarini, R. N., Dharma, C., Kohut, T., Campbell, L., Holmes, B. M., Lehmilller, J. J., & Harman, J. J. (2018a). Demographic comparison of American individuals in polyamorous and monogamous relationships. <i>Journal of Sex Research</i> .	8

Balzarini, R. N., Dharma, C., Kohut, T., Campbell, L., Lehmilller, J. J., Harman, J. J., & Holmes, B. M. (2019a). Comparing relationship quality across different types of romantic partners in polyamorous and monogamous relationships. <i>Archives of Sexual Behavior</i> , 48, 1749–1767.	7
Balzarini, R. N., Shumlich, E. J., Kohut, T., & Campbell, L. (2018). Sexual attitudes, erotophobia, and sociosexual orientation differ based on relationship orientation. <i>Journal of Sex Research</i> . https://doi.org/10.1080/00224499.2018.1523360 .	4
Balzarini, R. N., Shumlich, E. J., Kohut, T., & Campbell, L. (2018). Dimming the “halo” around monogamy: Re-assessing stigma surrounding consensually non-monogamous romantic relationships as a function of personal relationship orientation. <i>Frontiers in Psychology</i> , 9.	5
Barad K (2007) <i>Meeting the Universe Halfway: Quantum Physics and the Entanglement of Matter and Meaning</i> . Durham, NC: Duke University Press.	2
Barash, D., & Lipton, J.E. (2001). <i>They myth of monogamy: Fidelity and infidelity in animals and people</i> . New York: Henry Holt & Company.	2
BARBOSA, Monica. 2011. <i>Movimentos de resistência à monogamia compulsória. A luta por direitos sexuais e afetivos no século XXI</i> Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia.	2
Barker, M. J. & Langdrige, D. (2010). <i>Understanding non-monogamies</i> . New York, NY: Routledge. https://doi.org/10.4324/9780203869802	4
Barker, M. J. & Langdrige, D. (2010). Whatever happened to non-monogamies? Critical reflections on recent research and theory. <i>Sexualities</i> ;13 (6):748–772.	14
Barker, M. J. & Ritchie, A. (2007). Hot bi babes and feminist families: Polyamorous women speak out. <i>Lesbian and Gay Psychology Review</i> , 8, 141–151.	2
Barker, M. J. (2005) This is my partner, and this is my... partner’s partner: Constructing a polyamorous identity in a monogamous world. <i>Journal of Constructivist Psychology</i> 18(1): 75–88.	12
Barker, M. J. (2011) Monogamies and non-monogamies: A response to ‘The challenge of monogamy: bringing it out of the closet and into the treatment room’ by Marianne Brandon. <i>Sexual and Relationship Therapy</i> , 26, 3, 281-287	5
Barrón, A., Martínez-Íñigo, D., De Paul, P., & Yela, C. (1999). Romantic beliefs and myths in Spain. <i>Spanish Journal of Psychology</i> , 2, 64–73.	2
Bergstrand, C., & Williams, J. B. (2000). Today’s alternative marriage styles: The case of swingers. <i>Electronic Journal of Human Sexuality</i> , 3.	2
Berry, M. D., Barker, M. (2014). Extraordinary interventions for extraordinary clients: existential sex therapy and open non-monogamy. <i>Sexual Relations. Therapy</i> 29 21–30. 10.1080/14681994.2013.866642	2
Blasband, D., & Peplau, L. A. (1985). Sexual exclusivity versus openness in gay male couples. <i>Archives of Sexual Behavior</i> , 14, 395–412. doi:10.1007/BF01542001	3

BORNIA JR, Dardo. 2018. Amar é verbo, não pronome possessivo: etnografia das relações não-monogâmicas no sul do Brasil Tese de doutorado. UFRGS.	2
Boyd, J-P. (2017). Polyamory in Canada: research on an emerging family structure. Transition (guest post). Ottawa: The Vanier Institute of the family; 2017.	3
Brandon, M. (2011). The challenge of monogamy: bringing it out of the closet and into the treatment room. Sexual Relations. Therapy 26 271–277.	2
Brandon, M. (2016). Monogamy and nonmonogamy: Evolutionary considerations and treatment challenges. Sexual Med. Rev. 4 343–352. 10.1016/j.sxmr.2016.05.005	2
Braun, V., Clarke V. Using thematic analysis in psychology. Qual Res Psychol 2008; 3:77–101.	7
Braun, V., & Clarke, V. (2013). Successful qualitative research: A practical guide for beginners. Sage Publications.	2
Brewster, M. E., Soderstrom, B., Esposito, J., <i>et al.</i> (2017) A content analysis of scholarship on consensual nonmonogamies: methodological roadmaps, current themes, and directions for future research. Couple Family Psychol Res Pract; 6:32–47.	3
Burleigh, T. J., Rubel, A. N., Meegan, D. V. (2017). Wanting ‘the whole loaf’: zero-sum thinking about love is associated with prejudice against consensual nonmonogamists. Psychol. Sexual. 8 24–40. 10.1080/19419899.2016.1269020	4
Burris, C. (2014). Torn between two lovers? Lay perceptions of polyamorous individuals. Psychology & Sexuality, 5(3), 258–267.	3
Buss, D. M., & Schmitt, D. P. (1993). Sexual strategies theory: An evolutionary perspective on human mating. Psychological Review, 100, 204–232.	2
Butler, J. (1990). Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity. New York, NY: Routledge.	3
Butler, J. (2008). Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.	2
Campbell, B. (1974) Sexuality and submission. In: Allen S and Wallis J (eds) Conditions of Illusion: Papers from the Women’s Movement. Leeds: Feminist Books, 99–109.	2
Cardoso, D. (2010). Amando vári@s - Individualização, redes, ética e poliamor. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Universidade Nova de Lisboa, Portugal.	5
Cardoso, D. (2014). My spivak is bigger than yours: (Mis-) Representations of polyamory in the Portuguese LGBT movement and mononormative rhetorics. LES Online, 6(1), 45–64.	5
Cardoso, D. (2015). Del amor a la amistad: La política de las relaciones. In S. Cendal (Ed.) & M. Pérez (Trans.), (H)amor2 (pp. 53–66). Madrid: Continta Me Tienes.	2
Cardoso, D. (2017). Amores plurais situados—Para uma meta-narrativa socio-histórica do poliamor. Tempo Da Ciência, 24(48), 6–11.	2
Cardoso, D., Pascoal, P. M., & Rosa, P. J. (2020). Facing polyamorous lives: Translation and validation of the attitudes towards polyamory scale in a Portuguese sample. Sexual and Relationship Therapy, 35, 115–130.	2

Carlström, C., Andersson, C. (2019). The queer spaces of BDSM and non-monogamy. <i>J. Posit. Sexual.</i> 5:513. 10.51681/1.513	3
CARRARA, Sérgio. 2015. "Moralidades, racionalidades e políticas sexuais no Brasil contemporâneo". <i>Mana</i> Vol.21(2): p.323-45.	2
Cascais, F., & Cardoso, D. (2012). "Loving many": Polyamorous love, gender and identity. In N. de Haro & M.-A. Tseliou (Eds.), <i>Gender and love: Interdisciplinary perspectives</i> (pp. 21–29). Oxford, England: Inter-Disciplinary Press. https://doi.org/10.1163/9781848882089_004 .	2
Cohen M. (2016). An Exploratory Study of Individuals in Non-traditional, Alternative Relationships: How "Open" Are We? <i>Sexual. Cult.</i> 20:9324–z. 10.1007/s12119-015-9324-z	5
Cohen, M. T. (2016). The perceived satisfaction derived from various relationship configurations. <i>Journal of Relationships Research</i> , 7.	2
Comer, L. (1974). <i>Wedlocked Women</i> . Leeds: Feminist Books.	2
Conley, T. D. & Moors, A. C. (2014) More oxygen please! How polyamorous relationship strategies might oxygenate marriage. <i>Psychol Inq.</i> , 25:56–63.	3
Conley, T. D., Mastick, J. L., Moors, A. C. & Ziegler, A. (2017) Investigation of consensually nonmonogamous relationships: Theories, methods and new directions. <i>Perspectives on Psychol Sci</i> , 2017;12(2):205–232. pmid:28544865	8
Conley, T. D., Matsick, J. L., Moors, A. C., Ziegler, A., & Rubin, J. D. (2015). Re-examining the effectiveness of monogamy as an STI-preventive strategy. <i>Preventive Medicine</i> , 78, 23–28.	2
Conley, T. D., Moors, A. C., Matsick, J. L. & Ziegler, A. (2012). The fewer the merrier? Assessing stigma surrounding consensually non-monogamous romantic relationships. <i>Analyses of Social Issues and Public Policy</i> , 13, 1–30.	21
Conley, T. D., Moors, A. C., Ziegler, A. & Karathanasis, C. (2012). Unfaithful individuals are less likely to practice safer sex than openly nonmonogamous Individuals. <i>J. Sexual Med.</i> 9:15591565. 10.1111/j.1743-6109.2012.02712.x	8
Conley, T. D., Piemonte, J. L., Gusakova, S. & Rubin J. D. (2018) Sexual satisfaction among individuals in monogamous and consensually non-monogamous relationships. <i>J Soc Pers Relat.</i> 2018; 34(4):509–531.	7
Conley, T. D., Ziegler, A., Moors, A. C., Matsick, J. L. & Valentine B. (2013). A critical examination of popular assumptions about the benefits and outcomes of monogamous relationships. <i>Personal. Soc. Psychol. Rev.</i> 17 124–141. 10.1177/1088868312467087	16
Cox, D. W., Fleckenstein, J., & Bergstrand, C. R. (2013). What do polys want? An overview of the 2012 Loving More survey. <i>Loving More Magazine</i> , 1–9.	4
Crenshaw, K. (1991) Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. <i>Stanford Law Review</i> 43(6): 1241–1299.	3
Day, M. V. (2013). Stigma, halo effects, and threats to ideology: Comment on "The fewer the merrier?" <i>Analyses of Social Issues and Public Policy</i> , 13, 49–51.	2

De Graeve, K. (2019) No expectations: straight men's sexual and moral identity making in non-monogamous dating. <i>Sexualities</i> 22(5–6): 844–859.	2
De Visser, R., & McDonald, D. (2007). Swings and roundabouts: Management of jealousy in heterosexual 'swinging' couples. <i>British Journal of Social Psychology</i> , 46, 459–476.	4
Deri, J. (2015). <i>Love's refraction. Jealousy and compersion in queer polyamorous relationships.</i> Toronto: University of Toronto Press.	4
Diamond, L. M. (2008). <i>Sexual fluidity: Understanding women's love and desire.</i> Cambridge, MA: Harvard University Press.	3
Dixon, J. (2016). Polyamory, sex, and the communication of commitment. In J. Manning & C. Noland (Eds.), <i>Contemporary studies of sexuality & communication: Theoretical & applied perspectives</i> (pp. 143-154). Dubuque, IA, USA: Kendall Hunt.	2
Easton D, Hardy JW (2009) <i>Ethical slut: A Practical Guide to Polyamory, Open Relationships & Other Adventures</i> , 2nd edn. Berkeley, CA: Celestial Arts.	5
ELLIS, Havelock. 1911. <i>Studies in the Psychology of Sex Vol.6. Sex in Relation to Society.</i> Philadelphia: F.A. Davis.	2
Emens E (2004) <i>Monogamy's law: Compulsory monogamy and polyamorous existence.</i> University of Chicago Public Law, Working Paper.	6
Emmers-Sommer T. M., Warber K., Halford J. (2010). Reasons for (non) engagement in infidelity. <i>Marriage Fam. Rev.</i> 46 420–444. 10.1080/01494929.2010.528707	2
Esteban, M. L., & Távora, A. (2008). El amor romántico y la subordinación social de las mujeres: Revisiones y propuestas [Romantic love and the social subordination of women: Reviews and proposals]. <i>Anuario De Psicología</i> , 39(1), 59–73.	2
Fairbrother N, Hart T, Fairbrother M. (2019) Open relationship prevalence: Characteristics, and correlates in a nationally representative sample of Canadian adults. <i>J Sex Res.</i> 56(6):695–704. pmid:30932711	9
Feldman, S. S., Cauffman, E. (1999). Your cheatin' heart: Attitudes, behaviors, and correlates of sexual betrayal in late adolescents. <i>Journal of Research on Adolescence</i> , 9, 227-252.	3
Ferrer, J. N. (2018). Beyond the non/monogamy system: fluidity, hybridity, and transcendence in intimate relationships. <i>Psychol. Sexual.</i> 9:1400459. 10.1080/19419899.2017.1400459	3
Ferrer, J. N. (2018). Mononormativity, polypride, and the "Mono-Poly Wars." <i>Sexuality & Culture</i> , 22, 817–836. https://doi.org/10.1007/s12119-017-9494-y	2
Finkel E. J., Hui C. M., Carswell K. L., Larson G. M. (2014). The suffocation of marriage: climbing mount Maslow without enough oxygen. <i>Psychol. Inq.</i> 25 1–41.	2
Fishbach A. (2009). The function of value in self-regulation. <i>J. Consumer Psychol.</i> 19:005. 10.1016/j.jcps.2009.02.005	2
Fisher H. E. (2011). "Serial monogamy and clandestine adultery: Evolution and consequences of the dual human reproductive strategy," in <i>Applied Evolutionary Psychology</i> , ed. Roberts S. C. (New York, NY: Oxford University press;). 10.1093/acprof:oso/9780199586073.003.0007	2

Fleckenstein J, Bergstrand CR and Cox DWI (2012) What do polys want? An overview of the 2012 Loving More survey.	3
Fleckenstein JR, Cox DW. (2014). The association of an open relationship orientation with health and happiness in a sample of older US adults. <i>Sex & Relat Therapy</i> . 2014;30: 94–116.	3
Fletcher G. J. O., Simpson J. A., Thomas G. (2000). The measurement of perceived relationship quality components: A confirmatory factor analytic approach. <i>Personal. Soc. Psychol. Bull.</i> 26 340–354. 10.1177/0146167200265007	2
Foucault, M. (1988). <i>História da Sexualidade</i> .	5
Funk, J. L., & Rogge, R. D. (2007). Testing the ruler with item response theory: Increasing precision of measurement for relationship satisfaction with the Couples Satisfaction Index. <i>Journal of Family Psychology</i> , 21(4), 572–583.	3
Gangestad, S. W., & Simpson, J. A. (2000). The evolution of human mating: Trade-offs and strategic pluralism. <i>Behavioral and Brain Sciences</i> , 23, 573–587.	3
Giddens, A. (1992). <i>The transformation of intimacy: Sexuality, love and eroticism in modern societies</i> . Cambridge: Policy Press.	3
Goldfeder, M., & Sheff, E. (2013). Children in polyamorous families: A first empirical look. <i>Journal of Law and Social Deviance</i> , 5, 150–243	2
Grunt-Mejer K, Campbell C (2016) Around consensual nonmonogamies: Assessing attitudes toward nonexclusive relationships. <i>The Journal of Sex Research</i> 53(1): 45–53.	11
Grunt-Mejer, K., & Łyś, A. (2019). They must be sick: Consensual nonmonogamy through the eyes of psychotherapists. <i>Sexual and Relationship Therapy</i> .	2
Gusmano, B. (2018). Coming out through an intersectional perspective: Narratives of bisexuality and polyamory in Italy. <i>Journal of Bisexuality</i> , 18(1), 15–34.	2
Gustavson, M. (2009). Bisexuals in relationships: Uncoupling intimacy from gender ontology. <i>Journal of Bisexuality</i> , 9, 407–429.	2
Haidt, J. (2012). <i>The righteous mind: Why good people are divided by politics and religion</i> . New York, NY: Pantheon.	2
Haraway D (1988) Situated knowledges: the science question in feminism and the privilege of partial perspective. <i>Feminist Studies</i> 14(3): 575–599.	3
Haritaworn, J., Lin, C.J. and Klesse, C. (2006) Poly/logue: A critical introduction to polyamory. <i>Journal of Sexualities</i> , 9, 5:515-529	12
Hauptert, M., Gesselman, A., Moors, A., Fisher, H., & Garcia, J. (2016) Prevalence of experiences with consensual non-monogamous relationships: Findings from two nationally representative samples of single Americans. <i>Journal of Sex & Marital Therapy</i> 43(5): 424–440.	18
Hauptert, M. L., Moors, A. C., Gesselman, A. N., & Garcia, J. R. (2017). Estimates and correlates of engagement in consensually non-monogamous relationships. <i>Current Sexual Health Reports</i> , 9(3), 155–165.	3

Hayfield, N., Clarke, V., & Halliwell, E. (2014). Bisexual women's understandings of social marginalisation: 'The heterosexuals don't understand us but nor do the lesbians'. <i>Feminism & Psychology</i> , 24, 352–372.	2
Healey E (1996) <i>Lesbian Sex Wars</i> . London: Virago.	2
HEILBORN, Maria Luiza. 2004. <i>Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário Rio de Janeiro: Garamond.</i>	2
Henrich, J., Boyd, R., & Richerson, P. J. (2012). The puzzle of monogamous marriage. <i>Philosophical Transactions of the Royal Society b: Biological Sciences</i> , 367(1589), 657–669. https://doi.org/10.1098/rstb.2011.0290	4
Henrich, R., & Trawinski, C. (2016). Social and therapeutic challenges facing polyamorous clients. <i>Sexual and Relationship Therapy</i> , 31(3), 376-390. http://dx.doi.org/10.1080/14681994.2016.1174331	2
Herek, G. M. (2007). Confronting sexual stigma and prejudice: Theory and practice. <i>Journal of Social Issues</i> , 63, 905–925. doi: https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.2007.00544.x	2
Hoff, C. C., Beougher, S. C., Chakravarty, D., Darbes, L. A., & Neilands, T. B. (2010). Relationship characteristics and motivations behind agreements among gay male couples: Differences by agreement type and couple serostatus. <i>AIDS Care</i> , 22(7), 827–835. https://doi.org/10.1080/09540120903443384	2
Hooks, B. (2000) <i>Feminism Is for Everybody: Passionate Politics</i> . London: Pluto.	2
Hosking, W. (2013). Agreements about extra-dyadic sex in gay men's relationships: Exploring differences in relationship quality by agreement type and rule-breaking behavior. <i>Journal of Homosexuality</i> , 60, 711–733. doi:10.1080/00918369.2013.773819	2
Hu, L., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. <i>Structural Equation Modeling</i> , 6(1), 1-55. doi: 10.1080/10705519909540118	2
Hutzler, K. T., Giuliano, T. A., Herselman, J. R., & Johnson, S. M. (2016). Three's a crowd: Public awareness and (mis) perceptions of polyamory. <i>Psychology & Sexuality</i> , 7(2), 69–87. https://doi.org/10.1080/19419899.2015.1004102	10
Illouz, E. (2019). <i>The end of love: A sociology of negative relations</i> . New York: Oxford University Press.	2
Jackson, S. & Scott, S. (2004) 'The Personal is still Political: Heterosexuality, Feminism and Monogamy', <i>Feminism and Psychology</i> , vol. 14, no. 1, 2004, pp. 151–7. http://dx.doi.org/10.1177/0959353504040317	3
Jamieson L. (2004). "Intimacy, negotiated non-monogamy and the limits of the couple," in <i>The State of Affairs: Explorations in Infidelity and Commitment</i> , eds Duncombe J., Harrison K., Allan G., Marsden D. (Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates;), 35–57.	2
Jenks, R. J. (1998). <i>Swinging: a review of the literature</i> . <i>Arch. Sex. Behav.</i> 27, 507–521. doi: 10.1023/A:1018708730945	4
Johnson, S. M., Giuliano, T. A., Herselman, J. R., & Hutzler, K. T. (2015). Development of a brief measure of attitudes towards polyamory. <i>Psychology & Sexuality</i> , 6(4), 325–339. https://doi.org/10.1080/19419899.2014.1001774 .	2
Jordal C. (2011). "Making it Work": A Grounded Theory of How Mixed Orientation Married Couples Commit, Sexually Identify, and Gender Themselves. Ph. D. thesis. Virginia, VIR: Virginia Polytechnic Institute.	2

Keener, M. C. (2004). A phenomenology of polyamorous persons. Unpublished master's thesis, University of Utah, Salt Lake City, UT. Retrieved January 10, 2009, from https://user.xmission.com/~mkeener/thesis.pdf	2
Kimberly, C., & Hans, J. D. (2015). From fantasy to reality: A grounded theory of experiences in the swinging lifestyle. <i>Archives of Sexual Behavior</i> , 46, 789–799.	2
Kirk, R. E. (1982). <i>Experimental design: Procedures for the behavioural sciences</i> (2nd ed.). Belmont, CA: Wadsworth Inc.	3
Klesse, C. (2005) Bisexual women, non-monogamy and differentialist anti-promiscuity discourses. <i>Sexualities</i> , 8(4), 445–464. https://doi.org/10.1177/1363460705056620	8
Klesse, C. (2006) Polyamory and its "others": contesting the terms of non-monogamy. <i>Sexualities</i> , v.9, n.5, 2006, pp.565-583.	21
Klesse, C. (2007) <i>The spectre of promiscuity: Gay male and bisexual non-monogamies and polyamories</i> . Abingdon, England: Ashgate Publishing.	7
Klesse, C. (2011) Notions of love in polyamory – Elements in a discourse on multiple loving. <i>Laboratorium</i> 3(2): 4–25. https://www.cceol.com/search/article-detail?id=72863	11
Klesse, C. (2011) Shady characters, untrustworthy partners, and promiscuous sluts: Creating bisexual intimacies in the face of heteronormativity and biphobia. <i>Journal of Bisexuality</i> , 11, 227–244.	2
Klesse, C. (2013) Poly economics—Capitalism, class, and polyamory. <i>International Journal of Politics, Culture, and Society</i> , 27(2), 203–220. https://doi.org/10.1007/s10767-013-9157-4 .	3
Klesse, C. (2014) Polyamory: Intimate Practice, Identity or Sexual Orientation, <i>Sexualities</i> , vol. 17, no. 1, 2014, pp. 81–99. https://doi.org/10.1177/1363460713511096	5
Klesse, C. (2015) Loving more than one: on the discourse of polyamory. In: Jónasdóttir AG and Ferguson A (eds) <i>Love: A Question for Feminism in the Twenty-First Century</i> . London & New York: Routledge.	2
Klesse, C. (2016) Marriage, Law and polyamory. Rebutting mononormativity with sexual orientation discourse? <i>Oñati Socio-Legal Series</i> , 6(6). Recuperado de https://ssrn.com/abstract=2891035	3
Klesse, C. (2018) Theorizing multi-partner relationships and sexualities—Recent work on non-monogamy and polyamory. <i>Sexualities</i> 21, 1109–1124. doi: 10.1177/1363460717701691	4
Klesse, C. (2019) Polyamorous parenting: Stigma, social regulation, and queer bonds of resistance. <i>Sociological Research Online</i> , 24(4), 625–643. https://doi.org/10.1177/1360780418806902	2
Kurdek, L. A., & Schmitt, J. P. (1986). Relationship quality of gay men in closed or open relationships. <i>Journal of Homosexuality</i> , 12(2), 85–99. https://doi.org/10.1300/J082v12n02_06 .	4
La Guardia, J. G., Ryan, R. M., Couchman, C. E., & Deci, E. L. (2000). Within-person variation in security of attachment: A self-determination theory perspective on attachment, need fulfillment, and well-being. <i>Journal of Personality and Social Psychology</i> , 79(3), 367–384. https://doi.org/10.1037//0022-3514.79.3.367 .	2

Labriola, K. (2003). Models of open relationships. Retrieved April 15, 2018, from http://www.cat-and-dragon.com/stef/poly/Labriola/open.html .	2
Lagarde, M. (2005). <i>Keys Feminists for My Partner in Life</i> . Barcelona: Horas y Horas.	2
Lano K., & Parry-Lano, C. (1995). <i>Breaking the Barriers to Desire</i> . Nottingham: Five Leaves Publications. doi: 0907123368	2
LaSala, M. C. (2004). Extradynamic sex and gay male couples: Comparing monogamous and nonmonogamous relationships. <i>Families in Society</i> , 85, 405-412. doi:10.1177/104438940408500319	2
Laumann, E. O., Gagnon, J. H., Michael, R. T., & Michaels, S. (1994). <i>The social organization of sexuality: Sexual practices in the United States</i> . Chicago, IL: University of Chicago Press.	3
Lehmiller, J. J. (2009) Secret romantic relationships: Consequences for personal and relational well-being. <i>Personality and Social Psychology Bulletin</i> . 2009; 35: 1452–1466. pmid:19713569	2
Lehmiller, J. J. (2015) A comparison of sexual health history and practices among monogamous and consensually nonmonogamous sexual partners. <i>The Journal of Sexual Medicine</i> , 12(10), 2022–2028.	5
Lehmiller, J. J., VanderDrift, L. E., Kelly, J. R. (2012) Sexual communication, satisfaction, and condom use behavior in friends with benefits and romantic partners. <i>The Journal of Sex Research</i> . 2012; 51: 74–85. pmid:23181805	2
Leigh B. C. (1989). Reasons for having and avoiding sex: Gender, sexual orientation and relationship to sexual behavior. <i>J. Sex Res.</i> 26 199–209. 10.1080/00224498909551506	2
Leshner, E. C. (2013) Protecting poly: Applying the fourteenth amendment to the nonmonogamous. <i>Tulane Journal of Law & Sexuality</i> 22: 127–145.	2
Levine, E. C., Herbenick, D., Martinez, O., Fu, T. C., and Dodge, B. (2018). Open relationships, nonconsensual nonmonogamy, and monogamy among US adults: findings from the 2012 National Survey of Sexual Health and Behavior. <i>Arch. Sex. Behav.</i> 47, 1439–1450. doi: 10.1007/s10508-018-1178-7	5
Lins, R. N. (2014). <i>A cama na varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo</i> (Ed. rev. e ampliada, 9ª ed.). Rio de Janeiro: BestSeller.	2
M'charek A (2010) Fragile differences, relational effects: stories about the materiality of race and sex. <i>European Journal of Women's Studies</i> 17(4): 307–322.	2
Manley, M. H., Diamond, L. M., & van Anders, S. M. (2015). Polyamory, monoamory, and sexual fluidity: A longitudinal study of identity and sexual trajectories. <i>Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity</i> , 2(2), 168–180. https://doi.org/10.1037/sgd0000098	2
Matsick, J. L., Conley, T. D., Ziegler A, Moors, A. C., Rubin, J. D. (2014) Love and sex: Polyamorous relationships are perceived more favourably than swinging and open relationships. <i>Psychology & Sexuality</i> 5(4): 339–348.	14
McCoy, M. A., Stinson, M. A., Ross, D. B., & Hjelmstad, L. R. (2015). Who's in our clients' bed? A case illustration of sex therapy with a polyamorous couple. <i>Journal of Sex and Marital Therapy</i> , 41(2), 134–144	2

McLean, K. (2004). Negotiating (non)monogamy: Bisexuality and intimate relationships. In R. Fox (Ed.), <i>Current research in bisexuality</i> (pp. 85–97). Binghamton, NY: Haworth Press.	2
Meston, C., and Buss, D. M. (2007). Why humans have sex. <i>Arch. Sexual Behav.</i> 36, 477–507. doi: 10.1007/s10508-007-9175-2	2
Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. <i>Psychological Bulletin</i> , 129(5), 674–697. doi: 10.1037/0033-2909.129.5.674	5
Mitchell, M. E., Bartholomew, K., & Cobb, R. J. (2014). Need fulfillment in polyamorous relationships. <i>Journal of Sex Research</i> , 51(3), 329–339. https://doi.org/10.1080/00224499.2012.742998 .	14
Mitchell, R. C., Davis, K. S., & Galupo, M. P. (2015). Comparing perceived experiences of prejudice among self-identified plurisexual individuals. <i>Psychology & Sexuality</i> , 6, 245–257.	2
Mogilski, J. K., Memering, S. L., Welling, L. L., Shackelford, T. K. (2017). Monogamy versus Consensual Non-Monogamy: Alternative Approaches to Pursuing a Strategically Pluralistic Mating Strategy. <i>Achiev. Sexual Behav.</i> 46 407–417. 10.1007/s10508-015-0658-2	9
Mogilski, J. K., Mitchell, V. E., Reeve, S. D., Donaldson, S. H., Nicolas, S. C. A., and Welling, L. L. M. (2020). Life history and multi-partner mating: a novel explanation for moral stigma against consensual non-monogamy. <i>Front. Psychol.</i> 10:3033. doi: 10.3389/fpsyg.2019.03033	2
Moors, A. C. (2017). Has the American public’s interest in information related to relationships beyond “The Couple” increased over time? <i>Journal of Sex Research</i> , 54(6), 677–684. https://doi.org/10.1080/00224499.2016.1178208 .	6
Moors, A. C. (2019). Moving past the rose-tinted lens of monogamy: Onward with critical self-examination and (sexually) healthy science [Commentary]. <i>Archives of Sexual Behavior</i> , 48(1), 57–61.	2
Moors, A. C., & Schechinger, H. (2014). Understanding sexuality: Implications of Rubin for relationship research and clinical practice. <i>Sexual and Relationship Therapy</i> , 29(4), 476–482.	2
Moors, A. C., Conley, T. D., Edelstein, R. S., & Chopik, W. J. (2015). Attached to monogamy? Avoidance predicts willingness to engage (but not actual engagement) in consensual non-monogamy. <i>Journal of Social and Personal Relationships</i> , 32, 222-240. doi:10.1177/0265407514529065	4
Moors, A. C., Gesselman, A. N., & Garcia, J. R. (2021). Desire, familiarity, and engagement in polyamory: Results from a national sample of single adults in the United States. <i>Frontiers in Psychology</i> , 12, 811. https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.619640	2
Moors, A. C., Matsick, J. L., & Schechinger, H. A. (2017). Unique and shared relationship benefits of consensually non-monogamous and monogamous relationships. <i>European Psychologist</i> , 22, 55–71. https://doi.org/10.1027/1016-9040/a000278	11
Moors, A. C., Matsick, J. L., Ziegler, A., Rubin, J. D., & Conley, T. D. (2013). Stigma toward individuals engaged in consensual nonmonogamy: Robust and worthy of additional research. <i>Analyses of Social Issues and Public Policy (ASAP)</i> , 13(1), 52–69. https://doi.org/10.1111/asap.12020	13

Moors, A. C., Ryan, W. S., & Chopik, W. J. (2019). Multiple loves: The effects of attachment with multiple concurrent romantic partners on relational functioning. <i>Personality and Individual Differences</i> , 147, 102–110.	2
Moors, A. C., Selterman, D. F., & Conley, T. D. (2017). Personality correlates of desire to engage in consensual non-monogamy among lesbian, gay, and bisexual individuals. <i>Journal of Bisexuality</i> , 17(4), 418–434. https://doi.org/10.1080/15299716.2017.1367982 .	2
Morin J. (1996). <i>The Erotic Mind: Unlocking the Inner Sources of Passion and Fulfillment</i> . New York, NY: Harper Perennial Publishers.	2
Morrison, T. G., Beaulieu, D., Brockman, M., & Beaglaich, C. Ó. (2013). A comparison of polyamorous and monoamorous persons: Are there differences in indices of relationship well-being and sociosexuality? <i>Psychology and Sexuality</i> , 4(1), 75–91. https://doi.org/10.1080/19419899.2011.631571 .	5
Muise, A., Laughton, A. K., Moors, A., & Impett, E. A. (2018). Sexual need fulfillment and satisfaction in consensually non-monogamous relationships. <i>Journal of Social and Personal Relationships</i> , 36, 1917–1938. doi:10.1177/0265407518774638	4
Munson, M. & Stelboum, J. P. (1999) 'Introduction: The Lesbian Polyamory Reader: Open Relationships, Non-Monogamy, and Casual Sex', in <i>The Lesbian Polyamory Reader: Open Relationships, Non-Monogamy, and Casual Sex</i> , ed. M. Muson and J. P. Stelboum, The Haworth Press Inc., New York and London, 1999, pp. 1–7. http://dx.doi.org/10.1300/j155v03n01_01	2
Nelson, T. (2013). <i>Redefining Your Relationship After Infidelity: The New Monogamy</i> . Oakland, CA: New Harbinger Publications.	2
Noël, M. J. (2006). Progressive polyamory: Considering issues of diversity. <i>Sexualities</i> , 9, 602–620. https://doi.org/10.1177/1363460706070003	3
Pain, E. (2019). Queer polyfamily performativity: Family practices and adaptive strategies among LGBTQ + polyamorists. <i>Journal of GLBT Family Studies</i> . Published online: 22 Apr 2019.	2
Pallotta-Chiarolli, M. (2006). Polyparents having children, raising children, schooling children. <i>Lesbian and Gay Psychology Review</i> , 7, 48–53.	2
Pallotta-Chiarolli, M. (2010) <i>Border Sexualities, Border Families in Schools</i> . New York: Rowman & Littlefield.	2
Pallotta-Chiarolli, M. (2010). 'To pass, border or pollute': Polyfamilies go to school. In M. Barker & D. Langdrige (Eds.), <i>Understanding non-monogamies</i> (pp. 182–187). New York, NY: Routledge.	3
Pallotta-Chiarolli, M., Haydon, P., & Hunter, A. (2013). These are our children': Polyamorous parenting. In A. E. Goldberg & K. R. Allen (Eds.), <i>LGBT-parent families: Innovations in research and implications for practice</i> . (pp. 117–131). New York, NY: Springer.	2
Pallotta-Chiarolli, M., Sheff, E., & Mountford, R. (2020). Polyamorous parenting in contemporary research: Developments and future directions. <i>LGBTQ-parent families: Innovations in research and implications for practice</i> . (pp. 171–183). New York: Springer Nature.	3

Parsons, J. T., Starks, T. J., DuBois, S., Grov, C., & Golub, S. A. (2013). Alternatives to monogamy among gay male couples in a community survey: Implications for mental health and sexual risk. <i>Archives of Sexual Behavior</i> , 42(2), 303–312. https://doi.org/10.1007/s10508-011-9885-3 .	3
Parsons, J. T., Starks, T. J., Gamarel, K. E., Grove, C. (2012) Non-monogamy and sexual relationship quality among same-sex male couples. <i>J Fam Psychol.</i> ;26:669–677. pmid:22906124	3
Penke, L., Asendorpf, J. B. (2008). Beyond global sociosexual orientations: A more differentiated look at sociosexuality and its effects on courtship and romantic relationships. <i>Journal of Personality and Social Psychology</i> , 95, 1113-1135. doi:10.1037/0022-3514.95.5.1113	4
Pérez Navarro, P. (2016). Beyond inclusion: Non-monogamies and the borders of citizenship. <i>Sexuality & Culture</i> , 21, 441–458.	3
Pieper, M., & Bauer, R. (2005, November). Call for papers: International conference on polyamory and mononormativity. Research centre for feminist, gender and queer studies, University of Hamburg, Hamburg, Germany.	4
Pilão, A. & Goldenberg, M. (2012). Poliamor e monogamia: construindo diferenças e hierarquias. <i>Revista Ártemis</i> , 13, 62-71.	3
PILÃO, Antonio. 2015. “Entre a liberdade e a igualdade: princípios e impasses da ideologia poliamorista”. <i>Cadernos Pagu</i> , Campinas, SP, n. 44, p. 391-422	2
PILÃO, Antonio Cerdeira. 2017. “Por que Somente um Amor?”: um estudo sobre poliamor e relações não-monogâmicas no Brasil Tese de doutorado em Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro, UFRJ.	2
Pines, A., & Aronson, E. (1981). Polyfidelity. <i>Alternative Lifestyles</i> , 4, 373–392.	3
Pinkerton, S. D., and Abramson, P. R. (1993). Evaluating the risks: a Bernoulli process model of HIV infection and risk reduction. <i>Eval. Rev.</i> 17, 504–528. doi: 10.1177/0193841X9301700503	2
Platteau, T., van Lankveld, J., Ooms, L., & Florence, E. (2017). Sexual behavior and sexually transmitted infections among swingers: Results from an online survey in Belgium. <i>Journal of Sex & Marital Therapy</i> , 43, 709–719. doi:10.1080/0092623X.2016.1263702	2
Quinn, D. M., & Chaudoir, S. R. (2009). Living with a concealable stigmatized identity: the impact of anticipated stigma, centrality, salience, and cultural stigma on psychological distress and health. <i>Journal of Personality and Social Psychology</i> , 97(4), 634-651. http://dx.doi.org/10.1037/a0015815	2
Rambukkana, N. (2015). <i>Fraught intimacies: Non/monogamy in the public sphere</i> . Vancouver: The University of British Columbia.	3
Ramirez, O. M., & Brown, J. (2010). Attachment style, rules regarding sex, and couple satisfaction: A study of gay male couples. <i>Australian and New Zealand Journal of Family Therapy</i> , 31(2), 202–213. https://doi.org/10.1375/anft.31.2.202 .	2
Reczek, C. (2020). Sexual- and gender-minority families: A 2010 to 2020 decade in review. <i>Journal of Marriage and Family</i> , 82, 300–325. https://doi.org/10.1111/jomf.12607	2

Richards, C., and Barker, M. J. (2013). <i>Sexuality and gender for mental health professionals: A practical guide</i> . California, CA: SAGE Publications.	2
Ritchie, A. (2010). Discursive constructions of polyamory in mono-normative media culture. In M. Barker & D. Langdrige (Eds.), <i>Understanding non-monogamies</i> (pp. 46–51). Routledge.	2
Ritchie, A., Barker, M. (2006) “‘There Aren’t Words for What We Do or How We Feel So We Have To Make Them Up’”: Constructing Polyamorous Languages in a Culture of Compulsory Monogamy’, <i>Sexualities</i> , vol. 9, no. 5, 2006, pp. 584–601. http://dx.doi.org/10.1177/1363460706069987	10
Ritchie, A.; Barker, M. (2007) “‘Hot Bi Babes’ and Feminist Families: Polyamorous women speak out”. <i>Lesbian and Gay Psychology Review</i> , 8(2): 141-151.	2
Robinson, M. (2013) Polyamory and monogamy as strategic identities. <i>Journal of Bisexuality</i> , 13, 21–38.	2
Robinson, V. (1997) My Baby Just Cares for Me: Feminism, Heterosexuality and Non-monogamy, <i>Journal of Gender Studies</i> , vol. 6, no. 2, 1997, pp. 143–57. http://dx.doi.org/10.1080/09589236.1997.9960678	4
Rodrigues, D. L., Fasoli, F., Huic, A., Lopes, D. (2018) Which partners are more human? Monogamy matters more than sexual orientation for dehumanization in three European countries. <i>Sexuality Research and Social Policy</i> , 15(4), 504–515. https://doi.org/10.1007/s13178-017-0290-0	8
Rodrigues, D. L., Lopes, D., Pereira, M. (2016) “We agree and now everything goes my way”: Consensual sexual nonmonogamy, extradyadic sex, and relationship satisfaction. <i>Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking</i> , 19(6), 373–379. https://doi.org/10.1089/cyber.2016.0114 .	3
Rodrigues, D. L., Lopes, D., Pereira, M., de Visser, R., Cabaceira, I. (2019) Sociosexual attitudes and quality of life in (non)monogamous relationships: The role of attraction and constraining forces among users of the Second Love web site. <i>Archives of Sexual Behavior</i> , 48(6), 1795–1809. https://doi.org/10.1007/s10508-018-1272-x .	2
Rodrigues, D. L., Lopes, D., Smith, C. V. (2017) Caught in a “bad romance”? Reconsidering the negative association between sociosexuality and relationship functioning. <i>Journal of Sex Research</i> , 54, 1118–1127. doi:10.1080/00224499.2016.1252308	3
Rodrigues, M., Campos, R., Sieber, R., Soares, M., Faria, R. (2017) <i>Relações livres: uma introdução</i> Porto Alegre: Editora Regina Faria, Coleção RLi	2
Rodríguez-Castro, Y., Lameiras, M., Carrera, M. V., & Vallejo, P. (2013). La fiabilidad y validez de la escala de mitos hacia el amor: las creencias de los y las adolescentes [The reliability and validity of the scale of myths towards love: The beliefs of adolescents]. <i>Revista De Psicología Social</i> , 28(2), 157–168. https://doi.org/10.1174/021347413806196708	2
Rosa, B. (1994). Anti-monogamy: A radical challenge to compulsory heterosexuality? In G. Griffin (Ed.), <i>Stirring it: Challenges for feminism</i> (pp. 107–120). London: Taylor and Francis.	3
Rose, N. S. (1990). <i>Governing the soul: The shaping of the private self</i> . New York: Routledge.	2

Rubel, A. N., & Bogaert, A. F. (2014). Consensual nonmonogamy: Psychological well-being and relationship quality correlates. <i>Journal of Sex Research</i> , 4, 1–22. doi: https://doi.org/10.1080/00224499.2014.942722	15
Rubel, A. N., & Burleigh, T. J. (2020). Counting polyamorists who count: Prevalence and definitions of an under-researched form of consensual nonmonogamy. <i>Sexualities</i> , 23(1–2), 3–27. https://doi.org/10.1177/1363460718779781	4
Rubin, J. D., Moors, A. C., Matsick, J. L., Ziegler, A., Conley, T. D. (2014) On the margins: Considering diversity among consensually non-monogamous relationships. <i>Journal fur Psychologie</i> . 2014; 22: 1–23.	13
Rubin, A. M. (1982). Sexually open versus sexually exclusive marriage: A comparison of dyadic adjustment. <i>Alternative Lifestyles</i> , 5(2), 101–108. https://doi.org/10.1007/BF01083247 .	2
Rubin, A. M., & Adams, J. R. (1986). Outcomes of sexually open marriages. <i>Journal of Sex Research</i> , 22(3), 311–319. https://doi.org/10.1080/00224498609551311 .	2
Rubin, G. (1984). Thinking sex: Notes for a radical theory of the politics of sexuality. In C. S. Vance (Ed.), <i>Pleasure and danger: Exploring female sexuality</i> (pp. 275-296). Boston: Routledge.	6
Ruedy, N. E., Moore, C., Gino, F., and Schweitzer, M. E. (2013). The cheater’s high: the unexpected affective benefits of unethical behavior. <i>J. Pers. Soc. Psychol.</i> 105, 531–548. doi: 10.1037/a0034231	2
Rusbult, C. E. (1980). Commitment and satisfaction in romantic associations: A test of the Investment Model. <i>Journal of Experimental Social Psychology</i> , 16, 172–186.	3
Rusbult, C. E. (1983). A longitudinal test of the Investment Model: The development (and deterioration) of satisfaction and commitment in heterosexual involvements. <i>Journal of Personality and Social Psychology</i> , 45, 101–117.	2
Rusbult, C. E., Martz, J. M., & Agnew, C. R. (1998). The investment model scale: Measuring commitment level, satisfaction level, quality of alternatives, and investment size. <i>Personal Relationships</i> , 5, 357–391.	2
RUST, Paula. 1996. “Monogamy and Polyamory: Relationship Issues for Bisexuals”. In: Beth Firestein (ed.), <i>Bisexuality: The psychology & politics of an invisible minority</i> Thousand Oaks, CA: Sage. pp. 127-148.	3
Ryan, C., and Jetha, C. (2010). <i>Sex at Dawn: The prehistoric origins of modern sexuality</i> . New York, NY: Harper Collins.	2
Saleh A., Bista K. (2017). Examining Factors Impacting Online Survey Response Rates in Educational Research: Perceptions of Graduate Students. <i>J. MultiDiscipl. Evaluat.</i> 13 69–74.	2
Salvatore, J. (2013). Back to basics in the assessment of stigma: Commentary on Conley <i>et al.</i> (2012). <i>Analyses of Social Issues and Public Policy</i> , 13, 45–48. doi: https://doi.org/10.1111/asap.12003	2
Santos, A. C. (2019). One at a time: LGBTQ polyamory and relational citizenship in the 21st century. <i>Sociological Research Online</i> , 24(4), 709–725. https://doi.org/10.1177/1360780419874080 .	3
Schechinger, H. A., Sakaluk, J. K., & Moors, A. C. (2018). Harmful and helpful therapy practices with consensually non-monogamous clients: Toward an inclusive framework. <i>Journal of Consulting and Clinical Psychology</i> , 86(11), 879–891. https://doi.org/10.1037/ccp0000349	6

Schmitt, D. (2005). Sociosexuality from Argentina to Zimbabwe: A 48-nation study of sex, culture, and strategies of human mating. <i>Behavioral and Brain Sciences</i> , 28, 247–275.	2
Schippers, M. (2016). <i>Beyond monogamy: Polyamory and the future of polyqueer sexualities</i> . New York: New York University Press.	4
Sedgwick EK (1990) <i>Epistemology of the Closet</i> . Berkeley: University of California Press.	2
Séguin, L. J. (2019). The good, the bad, and the ugly: Lay attitudes and perceptions of polyamory. <i>Sexualities</i> , 22(4), 669–690.	6
Séguin, L. J., Blais, M., Goyer, M.-F., Adam, B. D., Lavoie, F., Rodrigue, C., & Magontier, C. (2017). Examining relationship quality across three types of relationship agreements. <i>Sexualities</i> , 20(1–2), 86–104. https://doi.org/10.1177/1363460716649337	2
Shao, J., Chen, C., and Borelli, J. L. (2021). Rethinking the dichotomy of sexual identity and relational intimacies: Chinese gay men’s mental health in mixed-orientation marriages. <i>Psychol. Sexual</i> . doi: 10.1080/19419899.2021.1929424	2
Sheff, E. (2005). “Polyamorous Women, Sexual Subjectivity and Power”. <i>Journal of Contemporary Ethnography</i> , 34(3): 251-283.	8
Sheff, E. (2006) Poly-hegemonic masculinities. <i>Sexualities</i> , 9(5), 621–642. https://doi.org/10.1177/1363460706070004	4
Sheff, E. (2010) Strategies in polyamorous parenting. In: Barker M and Langdridge D (eds) <i>Understanding Non-Monogamies</i> . London, UK: Routledge, 169–181	3
Sheff, E. (2011) Polyamorous families, same-sex marriage, and the slippery slope. <i>Journal of Contemporary Ethnography</i> , 40(5), 487–520. https://doi.org/10.1177/0891241611413578	5
Sheff, E. (2014) <i>The polyamorists next door: Inside multiple partner relationships and families</i> . Lanham, MD: Rowman & Littlefield.	10
Sheff, E. (2016) Resilient polyamorous families. In: Karian P (ed) <i>Critical & Experiential: Dimensions in Gender and Sexual Diversity</i> . Eastleigh, UK: Resonance Publications, 257–280	2
Sheff, E. (2020) Polyamory is deviant—but not for the reasons you may think. <i>Deviant Behavior</i> , 41(7), 882–892.	2
Sheff, E., Hammers, C. (2011) The privilege of perversities: race, class, and education among polyamorists and kinksters. <i>Psychol. Sexual</i> . 2, 198–223. doi: 10.1080/19419899.2010.537674	6
Sheff, E., Tesene, M. M. (2015). Consensual non-monogamies in industrialized nations. In J. DeLamater & R. F. Plante (Eds.), <i>Handbook of the sociology of sexualities</i> (pp. 223–242). Cham: Springer International Publishing.	3
SILVÉRIO, Maria Silva. 2018. Eu, tu... ilus: poliamor e não-monogamias consensuais Tese de doutorado, Antropologia, ISCTE-IUL.	2
Simpson, J. A., & Gangestad, S. W. (1991). Individual differences in sociosexuality: Evidence for convergent and discriminant validity. <i>Journal of Personality and Social Psychology</i> , 60, 870–883. doi:10.1037/0022-3514.60.6.870	3
Sizemore, K. M., & Olmstead, S. B. (2017). A systematic review of research on attitudes towards and willingness to engage in consensual non-monogamy among emerging adults: Methodological issues considered. <i>Psychology & Sexuality</i> , 8(1–2), 4–23.	2

Sizemore, K. M., & Olmstead, S. B. (2018). Willingness of emerging adults to engage in consensual nonmonogamy: A mixed-methods analysis. <i>Archives of Sexual Behavior</i> , 47, 1423–1438.	2
Solomon, S. E., Rothblum, E. D., & Balsam, K. F. (2005). Money, housework, sex, and conflict: Same-sex couples in civil unions, those not in civil unions, and heterosexual married siblings. <i>Sex Roles</i> , 52, 561–575. doi:10.1007/s11199-005-3725-7	2
Štulhofer, A., Buško, V., & Brouillard, P. (2010). Development and bicultural validation of the new Sexual Satisfaction Scale. <i>Journal of Sex Research</i> , 47(4), 257–268.	2
Taormino, T. (2008). <i>Opening up: A guide to creating and sustaining open relationships</i> . San Francisco: Cleis Press.	6
Thompson, A. E., Bagley, A. J., and Moore, E. A. (2018). Young men and women's implicit attitudes towards consensually nonmonogamous relationships. <i>Psychol. Sex.</i> 9, 117–131. doi: 10.1080/19419899.2018.1435560	3
Thornberg, R., & Charmaz, K. (2013). Grounded theory and theoretical coding. In U. Flick (Ed.), <i>The SAGE handbook of qualitative data analysis</i> (pp. 153–169). London: SAGE Publications.	2
Thorndike, E. L. (1920). A constant error in psychological ratings. <i>J. Appl. Psychol.</i> 4, 25–29. doi: 10.1037/h0071663	2
Treas, J., & Giesen, D. (2000). Sexual infidelity among married and cohabiting Americans. <i>Journal of Marriage and Family</i> , 62(1), 48–60. https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2000.00048.x	3
Tucker, W. (2014). <i>Marriage and civilization: How monogamy made us human</i> . Washington, D.C: Regnery Publishing.	2
Tweedy, A. (2011) Polyamory as a sexual orientation. <i>University of Cincinnati Law Review</i> . 79(4): 1461–1515.	5
Vaughan, M. D., Jones, P., Taylor, B. A., & Roush, J. (2019). Healthcare experiences and needs of consensually non-monogamous people: Results from a focus group study. <i>The Journal of Sexual Medicine</i> , 16(1), 42–51. https://doi.org/10.1016/j.jsxm.2018.11.006	3
Veaux, F., Hardy, J., & Gill, T. (2014). <i>More than two: A practical guide to ethical polyamory</i> . Portland: Thorntree Press.	8
Veaux, F. (2011). Care and feeding of polyamorous secondary relationships. <i>More Than Two</i> . Retrieved April 15, 2018, from https://www.morethantwo.com/primarysecondary.html .	2
Vilkin, E., and Sprott, R. (2021). Consensual non-monogamy among kink-identified adults: characteristics, relationship experiences, and unique motivations for polyamory and open relationships. <i>Arch. Sexual Behav.</i> 50, 1521–1536. doi: 10.1007/s10508-021-02004-w	2
Wagner, G. J., Remien, R. H., & Dieguez, A. C. (2000). Prevalence of extradyadic sex in male couples of mixed HIV status and its relationship to psychological distress and relationship quality. <i>Journal of Homosexuality</i> , 39, 31–46. doi:10.1300/J082v39n02_02	3
Warner, M. (1999). <i>The trouble with normal: Sex, politics, and queer ethics</i> . New York: Simon and Schuster.	3
Weitzman, G. (2006). Therapy with clients who are bisexual and polyamorous. <i>Journal of Bisexuality</i> , 6(1), 137-164. doi:10.1300/J159v06n01_08	5

Weitzman, G., Davidson, J., & Phillips, R. (2012). What psychology professionals should know about polyamory. <i>The National Coalition for Sexual Freedom</i> , 7, 1–28.	3
Wilkinson, E. (2010). What's queer about non-monogamy now? In M. Barker & D. Langdrige (Eds.), <i>Understanding non-monogamies</i> (pp. 243–254). New York: Routledge.	5
Willey, A. (2006). 'Christian nations', 'polygamic races' and women's rights: toward a genealogy of non/monogamy and whiteness. <i>Sexualities</i> , 9(5), 530–546.	3
Willey, A. (2016) <i>Undoing Monogamy: The Politics of Science and the Possibilities of Biology</i> , Duke University Press, Durham and London, 2016. https://doi.org/10.1215/9780822374213	3
Witherspoon, R.G. and Theodore, P.S. (2021) Exploring Minority Stress and Resilience in a Polyamorous Sample. <i>Arch Sex Behav</i> , 50, 4, 1367-1388	2
WOLFE, Leanna. <i>Jealousy and transformation in polyamorous relationships</i> . Dissertação. The Institute for Advanced Study of Human Sexuality San Francisco, California, 2003.	2
Wood, J., Desmarais, S., Burleigh, T., Milhausen, R. (2018). Reasons for sex and relational outcomes in consensually non-monogamous and monogamous relationships: A self-determination theory approach. <i>J. Soc. Personal Relations</i> . 35 632–654. 10.1177/0265407517743082	5
Wood, J. R., Milhausen, R. R., and Jeffrey, N. K. (2014). Why have sex? Reasons for having sex among lesbian, bisexual, queer, and questioning women in romantic relationships. <i>Canad. J. Hum. Sexual</i> . 23, 75–88. doi: 10.3138/cjhs.2592	2
Wood, J., De Santis, C., Desmarais, S., & Milhausen, R. (2021). Motivations for engaging in consensually non-monogamous relationships. <i>Archives of Sexual Behavior</i> , 50(4), 1253–1272. https://doi.org/10.1007/s10508-020-01873-x	2
Wosick-Correa, K. (2010). Agreements, rules and agentic fidelity in polyamorous relationships. <i>Psychology & Sexuality</i> , 1(1), 44–61. https://doi.org/10.1080/19419891003634471	13
Ziegler, A., Matsick, J. L., Moors, A. C., Rubin, J. D., & Conley, T. D. (2014). Does monogamy harm women? Deconstructing monogamy with a feminist lens. <i>Journal für Psychologie</i> , 22(1), 1–18. Retrieved from: https://www.journal-fuer-psychologie.de/index.php/jfp/article/view/323	2
Zimmerman, K. J. (2012). Clients in sexually open relationships: Considerations for therapists. <i>Journal of Feminist Family Therapy: An International Forum</i> , 24(3), 272-289. doi: http://dx.doi.org/10.1080/08952833.2012.648	2